



ORDENAÇÃO DE MULHERES

Isso Importa?



CLINTON E GINA WAHLEN



PARA ONDE VAMOS DAQUI EM DIANTE?

No início, nossos pioneiros ouviam uns aos outros atentamente. Eles estudavam os dois lados de uma questão antes de tomar qualquer decisão. Havia *imparcialidade* no processo.

Se orarmos sinceramente pelo Espírito Santo e não ficarmos amarrados às nossas próprias ideias, Deus nos conduzirá em unidade na compreensão da Escritura. Muitos se perguntam se a ordenação de mulheres é tão importante a ponto de arriscar a divisão da igreja. Eles estão fazendo perguntas importantes:

- O que a Bíblia tem a dizer sobre a ordenação de mulheres (se é que a Bíblia fala sobre isso)?
- O modo como interpretamos a Bíblia faz alguma diferença?
- O conselho de Paulo estava limitado à época, cultura e local específicos?
- As mulheres devem ficar caladas na igreja?
- Cada Divisão da igreja mundial deve decidir a questão da ordenação de mulheres para seu território?
- Qual é o segredo para nossa unidade como igreja mundial?

Este livro oportuno trata dessas questões e outras mais com uma leitura fácil, respaldado em sólido estudo acadêmico.

“Obrigado pela importante contribuição que esse livro traz para o fundamento bíblico da expressa vontade de Deus.” – Dr. George W. Reid, Diretor Instituto de Pesquisas Bíblicas (1984-2001)

“Uma leitura obrigatória para todos os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.” – Dr. Gerhard Pfandl, Diretor Associado (tempo parcial), Instituto de Pesquisas Bíblicas

“O valor desse livro transcende a discussão atual sobre a ordenação de mulheres, e trata da questão oculta acerca de métodos de estudo da Bíblia.” – Sikhu Hlatshwayo, Administrador, Center of Adventist Ministry to Public University Students (CAMPUS)

“Clareza, imparcialidade e simplicidade— a seção de Perguntas e Respostas faz juz ao preço do livro.”
– Dr. Ingo Sorke, Professor de Religião, Southwestern Adventist University

“Esse livro de leitura obrigatória oferece novos vislumbres sobre o assunto de um modo sensível e agradável.” – Shelley Quinn, Autora de Best-Sellers e Gerente do Programa de Desenvolvimento da 3ABN

SOBRE OS AUTORES



Clinton e Gina Wahlen ministram juntos por mais de 30 anos. Clinton, no momento, atua como diretor associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas (BRI) da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Ele tem um Ph.D. em Novo Testamento, pela Universidade de Cambridge, UK. Gina, no momento, serve a igreja mundial como editora do periódico trimestral Mission. Ela tem um M.A. em Estudos Interdisciplinares com ênfase em Comunicação Religiosa, pela Universidade Andrews.



Bright Shores Publishing
P.O. Box 4826
Silver Spring, MD 20914
www.womensordination.com

ISBN: 978-0-9962661-5-4



9 780996 266154



ORDENAÇÃO DE MULHERES:

Isso importa?

CLINTON E GINA WAHLEN

Título original:

Women's Ordination: Does it Matter?

Tradução: Rejane C. S. Godinho

Capa: Haley Trimmer

Projeto gráfico: Ken McFarland

Copyright © 2015 by Clinton and Gina Wahlen

Impresso nos Estados Unidos da América

Todos os direitos reservados

Bright Shores Publishing

P.O. Box 4826

Silver Spring, MD 20914

www.womensordination.com

Salvo indicação contrária, as citações bíblicas são da versão Almeida Revista e Atualizada® (ARA). Copyright © 1988, 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil. Usado com permissão. Todos os direitos reservados. Todos os itálicos feitos nas citações bíblicas foram acrescentados para realçar.

As citações bíblicas assinaladas como ESV são extraídas da Bíblia ESV® (A Santa Bíblia, English Standard Version®), copyright © 2001 por Crossway, um ministério de publicação de Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas assinaladas como ARC são extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, 4. edição, 2009 por Sociedade Bíblica do Brasil. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas assinaladas como NASB ou NAS95 são extraídas de New American Standard Bible®, copyright © 1960, 1962, 1963, 1968, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977, 1995 por The Lockman Foundation. Usado com permissão. (www.Lockman.org.)

As citações bíblicas assinaladas como NVI ou NIV11 são extraídas de BÍBLIA SAGRADA, NOVA VERSÃO INTERNACIONAL®, NVI® Copyright © 1993, 2000 por Biblica, Inc.™ Usado com permissão. Todos os direitos reservados mundialmente.

As citações bíblicas assinaladas como NRSV são extraídas da New Revised Standard Version Bible, copyright © 1989, Concílio Nacional das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-0-9962661-5-4

CONTEÚDO

Dedicação	iv
Reconhecimentos.....	v
Comentários dos Leitores	vii
Introdução: Mãos à obra!	xi
1. Mesma Bíblia—Respostas diferentes?	13
2. A ordenação é bíblica?	19
3. Algumas mulheres importantes na Bíblia.....	29
4. Marido de uma só mulher. É isso mesmo?	39
5. As mulheres devem ficar caladas?	53
6. O cavaleiro sem cabeça cavalga novamente.....	57
7. E quanto a Ellen White?.....	73
8. O “Ministério da mulher”.....	99
9. O que podemos aprender em Atos 15	117
10. A Bíblia apoia a ordenação de mulheres? E isso realmente é importante?	125
11. Mais perguntas e respostas	135
APÊNDICES	177
1. Declaração de consenso sobre uma teologia de ordenação Adventista do Sétimo Dia	179
2. Traduções bíblicas em inglês de 1 Timóteo 3:2	181
3. Semelhanças entre 1 Timóteo e Tito.....	187
4. Resposta em favor de W. C. White acerca das credenciais de Ellen G. White	189
5. Mulheres autorizadas oficialmente como ministras adventistas, 1869-1975.....	191
6. Teologia da ordenação: Posição No. 1	193
7. A razão por que a terceira alternativa não é uma opção	206
8. Sumário das apresentações do Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação	214

DEDICAÇÃO

A nossa filha
Heather Grace Wahlen
e a
todas as jovens mulheres
cujo desejo é servir ao Senhor

RECONHECIMENTOS

Este livro representa o trabalho de várias mentes e se desenvolveu a partir de diversas ideias e sugestões de membros do Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação da Conferência Geral (GC-TOSC), e também de inúmeras interações com colegas e amigos, inclusive debates cordiais com membros do Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação da Divisão Norte-Americana (NAD-TOSC) e os Comitês de Pesquisa Bíblica ao redor do mundo. Vários eruditos bíblicos, professores, pastores e leigos estudaram cuidadosamente o assunto e contribuíram para este livro.

Queremos agradecer especialmente ao Dr. George Reid, diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas (BRI) e ao Dr. Gerhard Pfandl, que durante muito tempo foi diretor associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas, pela leitura e recomendação deste livro.

Também somos gratos ao Dr. Ingo Sorke, professor de religião na Southwestern Adventist University, Keene, Texas, por dedicar tempo de sua apertada agenda de trabalho para revisar o manuscrito e escrever uma recomendação.

Registramos um agradecimento especial ao pastor Jim Howard, membro do GC-TOSC, por sua importante contribuição ao Apêndice 7: “A razão por que a terceira alternativa não é uma opção”. Esse valioso acréscimo ao livro resume o artigo do GC-TOSC—do qual ele foi o principal autor—e avalia a Posição #3.

Somos gratos a Shelley J. Quinn, oradora e codiretora de Word

Warrior Ministries. A despeito de uma agenda cheia, Shelley leu o manuscrito cuidadosamente, deu sugestões, apresentou palavras de encorajamento e escreveu uma recomendação. Como autora cristã de grande sucesso e prestigiada professora de Bíblia, Shelley Quinn viaja extensivamente pelos Estados Unidos e outros países, pregando o evangelho de Cristo em reavivamentos, retiros e campanhas. Ela trabalha no desenvolvimento de programas na Three Angels Broadcasting Network (Rede de Comunicação Três Anjos - 3ABN), e apresenta Exalting His Word (Exaltando Sua Palavra) e muitos outros programas vistos ao redor do mundo a partir da 3ABN.

Queremos agradecer a Sikhu Hlatshwayo pelos importantes comentários, apreciação e recomendação. Sikhu é formado pelo Wellesley College, em Massachusetts. Ele tem servido como capelão do campus e atualmente administra o Center for Adventist Ministry to Public University Students (CAMPUS) [Centro de Ministério Adventista para Estudantes de Universidades Públicas], em East Lansing, Michigan.

Um agradecimento especialmente grande a nossa filha, Heather Grace Wahlen, por examinar com cuidado o manuscrito, por fazer perguntas práticas, verificar a legibilidade e fazer revisão precisa. Heather Grace atualmente estuda em Fountainview Academy, em British Columbia, Canadá. Ali ela toca piano e trompa com a Orquestra e Coro da Academia Fountainview, um grupo reconhecido cujos concertos são transmitidos internacionalmente.

Apreciamos profundamente os vários amigos que têm apoiado o projeto deste livro, com encorajamento, orações, conselhos religiosos, sabedoria prática e orientação oportuna.

Por fim, queremos agradecer a você, leitor, por tomar tempo para considerar com oração e cuidado o que é apresentado neste livro. Agradecemos a Deus por nos conceder o privilégio de escrevê-lo. Nossa sincera oração é que você considere este material como uma bênção, enquanto busca entender.

COMENTÁRIOS DOS LEITORES...

George Reid, Th.D.

Diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas (1984-2001)

Nesse volume você tem uma discussão incomum elaborada por um erudito do Novo Testamento reconhecido internacionalmente— Dr. Clinton Wahlen—e sua esposa, Gina, os quais são dotados com extraordinária habilidade de escrita. Juntos, eles trazem aos leitores uma análise da questão da ordenação, leal ao conteúdo bíblico e numa linguagem agradável, acessível a todos. Com um doutorado pela respeitada Universidade de Cambridge, Inglaterra, ele tem lecionado em universidades de diversos países. Atualmente, é diretor associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas na América do Norte. Obrigado pela importante contribuição desse livro ao fundamento bíblico da vontade de Deus revelada.

Gerhard Pfandl, Ph.D. Diretor Associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas (período parcial)

A questão da ordenação de mulheres tem se tornado um assunto importante na igreja Adventista do Sétimo Dia. A Bíblia tem muito a dizer a respeito da função das mulheres na Igreja. Os autores desse livro demonstram claramente que não estamos sem orientação divina sobre esse assunto. Os textos bíblicos difíceis são interpretados em harmonia com o método bíblico-histórico, e as declarações de Ellen White sobre a função das mulheres são apresentadas claramente. Além disso, o livro aborda as funções e posições que as mulheres deveriam ocupar na Igreja sem mudar a estrutura de ministérios indicada por Deus.

Para sustentar a ordenação de mulheres na Igreja, um novo método de interpretação vem sendo introduzido. Com a ajuda do método de “Leitura à base de princípio”, o qual enfatiza que a Escritura é condicionada culturalmente, todos os textos que falam contra a ordenação de mulheres são reinterpretados e explicados na direção oposta. Se, como Igreja, nós aceitarmos esse método, não conseguiremos mais defender a Criação em seis dias ou a nossa posição sobre a homossexualidade. Portanto, o livro *Ordenação de Mulheres: É Importante?* é de leitura obrigatória para todos os membros da Igreja Adventista. Não apenas por causa do assunto divisor acerca da ordenação de mulheres, mas porque a aceitação do método de “Leitura à base de princípio” impactará para sempre nossas posições em muitos ensinamentos importantes.

Ingo Sorke, Ph.D. Professor de Religião, Universidade Adventista do Sudoeste

Num mar de opiniões e vozes conflitantes sobre a ordenação de mulheres, Clinton e Gina Wahlen produziram um livro claro, imparcial e simples. É bíblico, honesto e oferece uma combinação de transparência e refinamento acadêmico. O livro adequadamente trata de todas as grandes áreas de interesse de modo conciso e compreensível: questões envolvidas, dados bíblicos, perspectivas históricas, funções de gênero, mulheres no ministério (pesquisa abrangente!) e as implicações práticas para a Igreja. Leigos, administradores e eruditos, de igual modo, encontrarão respostas acessíveis à maioria das perguntas normalmente apresentadas. A seção de Perguntas e Respostas é especialmente útil pelas referências rápidas acompanhadas de apêndices informativos. *Ordenação de Mulheres: É Importante?* merece ser lido pela igreja da atualidade. Não importa em que lado da questão você se encontra, esse estudo merece nossa atenção—sobretudo pelo fato de ter sido escrito por uma equipe composta de marido e mulher. Sabedoria oportuna para uma Igreja num ponto decisivo! *Ordenação de Mulheres: É Importante?* foi escrito para um tempo como esse. Recomendo!

Shelley Quinn

Autora e Gerente de Desenvolvimento de Programas do Canal de Televisão Adventista 3ABN

Com as tensões culturais em ascensão, há uma necessidade urgente de que os Adventistas do Sétimo Dia mantenham a base de “sola scriptura”—a Bíblia e a Bíblia somente—para preservar a unidade da Igreja. Há evidência bíblica para a ordenação de mulheres? Nesse texto compreensível e bem documentado, os Wahlers simplificam a paradoxal controvérsia entre os eruditos. Esse estudo cuidadoso responde a importantes questões de inclusão de gênero e exclusão de gênero por meio de uma abordagem transparente e bíblica. Todos podem se beneficiar desse detalhado estudo das Escrituras, elaborado no contexto dos escritos históricos do movimento Adventista. Essa leitura obrigatória renova a compreensão sobre o tema de um modo equilibrado e significativo. Os Wahlers prestaram importante serviço à nossa Igreja com esse livro.

Sikhu Hlatshwayo

Administrador, Center for Adventist Ministry to Public University Students (CAMPUS) [Centro de Ministério Adventista para Estudantes de Universidades Públicas]

Esse livro é instintivamente acessível a qualquer leitor pensante. Seu valor transcende o debate atual sobre a ordenação de mulheres ao ministério pastoral, ao tratar da questão subjacente a respeito dos métodos de estudo da Bíblia. Em certo sentido, a ordenação de mulheres pode ser vista como um estudo de caso quanto ao modo de estudar a Bíblia. O livro argumenta de modo persuasivo que esse assunto é de natureza teológica e que, como em todas as questões de fé e prática, podemos encontrar respostas na Bíblia.

INTRODUÇÃO: MÃOS À OBRA!

Um dos temas mais discutidos na Igreja Adventista do Sétimo Dia atualmente é a ordenação de mulheres. Estudos, palestras, livros, reportagens e artigos acadêmicos têm sido apresentados às dúzias acerca do assunto. Eruditos, evangelistas, administradores, pastores e membros leigos têm discutido o tema. No entanto, com todo o tempo e energia investidos, ainda parece não haver resposta clara para a questão referente à ordenação ou não da mulher ao ministério. Por quê?

Por que os teólogos Adventistas do Sétimo Dia da atualidade não chegam a um acordo sobre essa questão? Alguns eruditos afirmam que essa é uma questão bíblica/teológica, enquanto outros sugerem categoricamente que não se trata de uma questão teológica, mas puramente eclesiológica (isto é, tem a ver com o modo como a igreja funciona).

Mas, tudo o que fazemos como igreja (eclesiologia) não deveria estar baseado na Bíblia (teologia)? Como Adventistas do Sétimo Dia somos um movimento baseado na Bíblia; logo, nossas práticas na igreja se originam em nossa teologia e não podem estar separadas dela. Se tentarmos desmembrar essas duas coisas inseparáveis, não correríamos o risco de prejudicar as duas?

Ao longo de toda a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia,

sempre que surgiu um problema obscuro, a resposta foi encontrada por meio de oração e estudo da Palavra de Deus—a Bíblia. Por que seria diferente com a questão da ordenação da mulher?

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. (2 Tm 3:16, 17)

Se isso é importante para nós como indivíduos, quanto mais como igreja! Deus promete nos guiar, de modo que podemos confiar que aprenderemos com Sua sabedoria acerca desse tema também:

“Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho”. (Sl 32:8)

“Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento”. (Tg 1:5, 6)

“São justas todas as palavras da minha boca; não há nelas nenhuma coisa torta, nem perversa. Todas são retas para quem as entende e justas, para os que acham o conhecimento”. (Pv 8:8, 9)

Deus não nos deixou órfãos (Jo 14:18, Mt 7:7), sem direção. Para cada pergunta, Deus tem uma resposta. No Salmo 119:105, lemos: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos”.

Convidamos você a se unir a nós, com espírito de oração, enquanto examinamos a Palavra de Deus para encontrar as respostas Dele.

—Clinton e Gina Wahlen

MESMA BÍBLIA— RESPOSTAS DIFERENTES?

Ela e eu sentamos à mesa, frente a frente, batendo papo até que o almoço fosse servido. Por fim, ela deixou escapar a pergunta: —Por que os Adventistas vão à igreja no sábado, quando os discípulos de Jesus e todos os cristãos do Novo Testamento frequentavam a igreja no domingo?

Era uma pergunta honesta. Minha amiga era uma cristã que cria na Bíblia, amava Jesus, acreditava no poder da oração e ministrava junto com o esposo pastor numa pequena igreja interdenominacional. Nós tínhamos muito em comum.

Como tentei compartilhar razões bíblicas para a guarda do sábado, ela mencionou passagens do Novo Testamento como Mateus 28:1, Atos 20:7, 1 Coríntios 16:1, 2 e Apocalipse 1:10, as quais, para ela, demonstravam que o domingo é “o Dia do Senhor” e, na verdade, o dia de adoração. Inevitavelmente, não chegamos a um acordo.

Como duas jovens mulheres que amavam Jesus de todo o coração, criam na Bíblia como a Palavra de Deus e eram dedicadas em compartilhar com o mundo as boas novas do evangelho chegavam a conclusões tão diferentes com relação a essa questão aparentemente simples?

O fato de apresentarmos diferentes respostas à pergunta, a despeito de nós duas utilizarmos a Bíblia para as respostas, significa

14 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

que a Bíblia não forneceu uma resposta definitiva, relevante e culturalmente aplicável à nossa pergunta?

Na verdade, eruditos bíblicos e teólogos têm estudado essa questão minuciosamente e não chegaram a um acordo. Embora a maioria esmagadora admita que a Bíblia não tem muito a dizer sobre o domingo, alguns textos parecem indicar que o domingo é o dia em que os cristãos deviam ir à igreja.

Uma Bíblia, respostas diferentes

Então, uma Bíblia, respostas diferentes. O que isso quer dizer?

- ▶ Que a Bíblia não tem uma resposta clara quando os eruditos não estão em acordo?
- ▶ Que o assunto não deve ser muito importante?
- ▶ Que devemos definir a resposta a partir de algum outro lugar, como a cultura?

Esses mesmos argumentos têm sido aplicados à questão da ordenação de mulheres. Tendo em vista que eruditos bíblicos e teólogos não chegaram a um acordo, alguns afirmam que isso demonstra que a Bíblia não dá uma resposta clara a essa questão. Outros dizem que a Bíblia é muito clara quando todas as referências ao tema são consideradas juntas.

Nada é novidade acerca dessas questões. Em 1990, o Dr. Gerhard F. Hasel, que foi, por muito tempo, reitor do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia da Andrews University, escreveu:

“A Bíblia deve dar instruções para todos os ensinamentos, para o sistema completo de crenças, para o estilo completo de vida e para as políticas que os adventistas apoiam, ou a Bíblia deve ser usada apenas em certa medida, ou não ser utilizada de modo algum quando as interpretações diferirem?”

Assim, referindo-se a um estudo sobre a ordenação de mulheres que havia sido completado recentemente (1989), o Dr. Hasel continuou:

“É surpreendente e ao mesmo tempo inquietante que o

dirigente da maior comissão de estudo sobre um assunto divisor na igreja Adventista tenha concluído recentemente que, em razão de alguns artigos acadêmicos, escritos por especialistas que estudam aspectos bíblicos do tema, divergirem em suas conclusões, esses artigos se cancelam mutuamente e a Bíblia não apresenta um ‘assim diz o Senhor’ sobre a questão como uma base para uma decisão denominacional”.

O Dr. Hasel então propõe uma importante questão:

“Mas, é de fato aceitável, quando especialistas discordam em suas interpretações da evidência bíblica, que a Bíblia não possa ser usada para decidir uma questão? Antes, não deveríamos, quando há divergência nas interpretações, fazer indagações quanto aos métodos hermenêuticos que os especialistas estão usando e que pressuposições estão empregando”?

A abordagem determina as respostas

Vamos voltar à situação que eu e minha amiga guardadora do domingo enfrentamos quando chegamos a conclusões diferentes acerca do sábado e do domingo. Será que o motivo pelo qual não concordamos é que os nossos “métodos hermenêuticos e pressuposições”—isto é, o modo como abordamos a leitura e compreensão da Bíblia —eram diferentes e nossos métodos determinaram o resultado?

Por exemplo, a maioria dos cristãos guardadores do domingo:

- ▶ focará em poucas passagens selecionadas do Novo Testamento (como fez minha amiga), e ignorará outros textos que não concordem com suas pressuposições.
- ▶ lerá as passagens acima como se elas apoiassem a guarda do domingo, quando na verdade elas nada têm a ver com manter um dia de adoração.
- ▶ ignorará claras passagens das Escrituras que apoiam o sábado do sétimo dia.
- ▶ afirmará que, por não haver uma prescrição no Novo Testamento para santificar o sábado e por este parecer um

16 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

mandamento para não julgar aqueles que não o santificam (Cl 2:16), deve ser uma relíquia cultural e cerimonial do Antigo Testamento, a qual foi eliminada na cruz.

Resumindo, podemos ver que um método hermenêutico usado para apoiar a guarda do domingo: (a) limita os textos a poucas e confusas passagens; (b) ignora passagens claras que não apoiam a pressuposição dos guardadores do domingo; (c) afirma que a falta de evidência clara no Novo Testamento para santificar o sábado significa que Deus não a exige.

Abordagem Adventista do Sétimo dia quanto às Escrituras

Por outro lado, como Adventistas do Sétimo Dia, nossa abordagem quanto à interpretação bíblica sempre tem sido:

- ▶ “Buscar compreender o significado mais óbvio e simples da passagem bíblica que está sendo estudada”.
- ▶ “Reconhecer que a Bíblia é sua melhor intérprete e que o significado de palavras, expressões e passagens completas é mais bem determinado por meio de diligente comparação de escritura com escritura”.
- ▶ “Estudar o contexto da passagem sob consideração ao relacioná-la com sentenças e parágrafos que imediatamente a precedem ou sucedem”.
- ▶ Compreender o máximo possível “as circunstâncias históricas em que a passagem foi escrita”.
- ▶ Observar “a gramática e a construção da sentença para descobrir a intenção do autor”.
- ▶ “Explorar fatores históricos e culturais” ligados ao texto bíblico.
- ▶ Reconhecer que as “exposições” de Ellen G. White “em qualquer passagem bíblica proporcionam um guia inspirado ao sentido dos textos sem exaurir o significado deles ou se apropriar da tarefa de exegese” (isto é, estudo cuidadoso da passagem).

Além disso, como Adventistas do Sétimo Dia, vemos as Escrituras como tendo um elemento tanto humano como divino—o que significa que Deus não ditou a Bíblia palavra por palavra; em vez disso, “homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pd. 1:21).

Nós também cremos que “a Bíblia é sua melhor intérprete e quando estudada como um todo ela descreve uma verdade harmoniosa, consistente” e, conquanto tenha sido dada originalmente aos que viveram no mundo antigo, “a Bíblia transcende seu contexto cultural para servir como Palavra de Deus para todos os contextos situacionais, raciais e culturais em todas as épocas”.

Os Métodos e o Debate

Então, o que isso tem a ver com o atual debate sobre a ordenação de mulheres? Muito, como veremos a seguir.

É por isso que várias comissões de estudo e outros grupos desde a década de 1970—mais recentemente o Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação—têm lutado com esse assunto sem ainda encontrar uma resolução para essa pergunta? É porque os eruditos não concordam com o assunto? É porque a Bíblia não tem resposta clara? Ou poderia ser, como sugeriu o Dr. Gerhard Hasel, que a resposta para resolver esse impasse pode estar no modo em que abordamos a própria Bíblia e como compreendemos seu significado?

Notas:

1. Gerhard F. Hasel, “The Crisis of the Authority of the Bible As the Word of God,” *Journal of the Adventist Theological Society*, vol. 1, no. 1 (1990), 16.
2. *Ibid.*
3. *Ibid.*, 16, 17.
4. “Métodos de estudo da Bíblia”, aprovado pelo Comitê Executivo

18 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia no Concílio Anual, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de outubro de 1986, <http://www.adventist.org/en/information/official-statements/documents/article/go/0/methods-of-bible-study/> (acessado em 19 de março de 2015).

5. Ibid.

A ORDENAÇÃO É BÍBLICA?

Muitas pessoas têm se perguntado por que o tema da ordenação é tão importante. Alguns têm declarado que a ordenação não é um conceito bíblico, apenas uma prática da igreja. Como uma prática da igreja, argumentam, questões relacionadas a ela podem ser decididas num nível político, assim como outras questões práticas. Outros afirmam que a ordenação é bíblica e que a Bíblia fornece respostas práticas e teológicas acerca de suas origens, qualificações para posições ordenadas e até mesmo como deve ser uma cerimônia de ordenação.

De fato, você não encontrará uma ordem: “Ordene” ou “Não ordene” listada entre os Dez Mandamentos. Por outro lado, muitas ordenanças bíblicas não são encontradas nos Dez Mandamentos. Por exemplo, o que dizer da ordem de Jesus para seguir Seu exemplo na lavagem dos pés uns dos outros, bem como a ordem ligada à Ceia do Senhor: “Fazei isto em memória de mim” (1 Co 11:24)? Ou a Grande Comissão de “ir e fazer discípulos” (Mt 28:19)? Essas ordenanças não fazem parte dos Dez Mandamentos, mas são ordens. Elas não são opcionais.

Mas, a ordenação é bíblica? Podemos encontrar essa prática nas páginas da Escritura?

É interessante notar que, embora os membros do Comitê de Estudos da Teologia da Ordenação não tenham conseguido chegar a um acordo quanto a se as mulheres podem ou não ser

20 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

ordenadas ao ministério evangélico, eles foram quase unânimes em concordar com a ordenação em si como uma prática bíblica. Por meio de uma votação de 86 a 8, eles aprovaram uma Declaração de Consenso sobre a “Teologia da Ordenação”.¹ Para resumir alguns pontos da declaração:

A ordenação é uma prática bíblica, separando ministros que administram a igreja quando eles preenchem as qualificações das Escrituras.

O Novo Testamento identifica duas categorias de líderes ordenados: 1) anciãos, inclusive anciãos “administradores”, que gerenciam múltiplas congregações, e 2) diáconos.

Alguns indivíduos devem ser ordenados para o “ministério da igreja global”.²

No entanto, não acreditemos cegamente. Consideremos a evidência bíblica ao seguir a cronologia histórica de quando essas posições surgiram pela primeira vez no Novo Testamento.

I. Jesus Estabelece Sua igreja

Enquanto ainda estava na terra, Jesus criou uma nova estrutura para Sua Igreja, centralizada no envolvimento ativo de cada membro e um sistema de liderança servidora baseada no processo de chamado, dons e ordenação.

Jesus formalmente estabeleceu a estrutura para Sua Igreja ao ordenar doze de Seus discípulos como apóstolos. Esses doze homens foram separados de um grupo bem maior de discípulos para formar um novo início para o povo de Deus. Marcos nos diz que Jesus “subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze (os quais também denominou de apóstolos) para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:13, 14).

O chamado de Deus ocorre primeiro. Mais tarde, após aceitar o chamado para serem seguidoras de Jesus e para serem batizadas (ver Jo 4:1, 2), algumas pessoas são “indicadas” ou “ordenadas” para tarefas mais específicas.³

Depois de orar a noite toda e levando em conta quem Ele deveria escolher, Jesus ordenou doze (Lc 6:2-16). Ele os separou para a obra para a qual os chamara.

Num capítulo de *O Desejado de Todas as Nações*, intitulado “Nomeou doze”, Ellen White nos apresenta uma maravilhosa visão dessa cerimônia de ordenação muito especial:

O primeiro passo devia ser dado agora na organização da igreja que, após a partida de Cristo, O devia representar na Terra. Não tinham a sua disposição nenhum custoso templo, mas o Salvador conduziu os discípulos ao retiro que amava, e no espírito dos mesmos ficaram para sempre ligados os sagrados incidentes daquele dia com a beleza das montanhas, do vale e do mar. . .

Seu encargo era o mais importante a que já haviam sido chamados seres humanos, sendo-lhe superior apenas o do próprio Cristo. Deviam ser coobreiros de Deus na salvação do mundo. Como no Antigo Testamento os doze patriarcas ocupam o lugar de representantes de Israel, assim os doze apóstolos deviam servir de representantes da igreja evangélica. . .

Quando Cristo concluiu as instruções aos discípulos, reuniu em torno de Si o pequeno grupo, bem achegados a Ele e, ajoelhando no meio deles e pondo-lhes as mãos sobre a cabeça, fez uma oração consagrando-os à Sua sagrada obra. Assim foram os discípulos do Senhor ordenados para o ministério evangélico.⁴

É interessante que esses doze discípulos foram ordenados mais de um ano depois de Jesus tê-los chamado para “seguir-Lo” (ver Mc 1:16-20; Jo 1:35-51).⁵ A ordenação deles representa um estágio adicional na experiência como discípulos e no desenvolvimento da Igreja. Esses dois níveis de discipulado (chamado e ordenação) são descritos em João 15:16, onde Jesus explica aos discípulos: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto”. Em Marcos 3:13, 14, esse processo é descrito de modo abreviado. Jesus chama e então ordena Seus discípulos para que possa enviá-los em Sua missão.

22 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Enquanto o Novo Testamento menciona outros grupos de discípulos, como “os setenta”, Jesus selecionou e ordenou os doze apóstolos para a liderança na Igreja e confiou-lhes responsabilidades que não foram dadas a outros que O seguiam.

Uma comparação das várias listas dos doze apóstolos encontradas nas Escrituras (Mt. 10:2-4; Mc 3:16-19; Lc 6:14-16; At 1:13) revela uma organização da Igreja designada por Jesus ainda mais detalhada.

12 Apóstolos			
Mt 10:2-4	Mc 3:16-19	Lc 6:13-16	At 1:13
Simão André Tiago João	Simão Tiago João André	Simão André Tiago João	Simão João Tiago André
Filipe Bartolomeu Tomé Mateus	Filipe Bartolomeu Mateus Tomé	Filipe Bartolomeu Mateus Tomé	Filipe Tomé Bartolomeu Mateus
Tiago, filho de Alfeu Tadeu Simão, o Zelote Judas Iscariotes	Tiago, filho de Alfeu Tadeu Simão, o Zelote Judas Iscariotes	Tiago, filho de Alfeu Simão, o Zelote Judas, filho de Tiago Judas Iscariotes	Tiago, filho de Alfeu Simão, o Zelote Judas, filho de Tiago

Observe que os únicos nomes que ocupam a mesma posição nas quatro listas são Pedro, Filipe e Tiago (o filho de Alfeu) e que esses três nomes organizadamente são categorizados em três grupos, cada um consistindo de dois pares de discípulos. A organização desse agrupamento nos facilita ver que Jesus enviou os discípulos de dois em dois. Curiosamente, Ellen White parece estar cons-

ciente dessa subdivisão: “Como líder de um dos grupos em que os apóstolos foram divididos levanta-se o nome de Filipe. Ele foi o primeiro discípulo a quem Jesus dirigiu a nítida ordem: ‘Segue-Me’”.⁶

Após Sua morte e ressurreição, Jesus deu o Espírito Santo aos doze apóstolos, tornou-os Seus subpastores, forneceu-lhes orientação adicional e os autorizou a agirem em Seu nome (Jo 20:21-23). Ele também prometeu um derramamento ainda maior do Espírito a todos os Seus discípulos—mulheres e homens—para que, por meio do Espírito Santo, a presença de Jesus com Sua igreja continuasse e fosse mais intensa.

2. A ordenação de diáconos

O segundo exemplo de ordenação no Novo Testamento está registrado em Atos 6. A igreja cristã crescia rapidamente e em Jerusalém surgiram algumas queixas com relação à parcialidade na distribuição de auxílio às viúvas na igreja.

Os doze apóstolos convocaram a primeira assembleia da igreja (ver At 6:2, ARC), e apresentaram a situação para a “multidão dos discípulos”, encorajando-os: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio” (v. 3, ARC).

O plano agradou a todos e logo sete homens foram escolhidos, “e os apresentaram ante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos” (v. 6, ARC). Esse ato de ordenação representou a separação desses homens pelos apóstolos, para a função especial que eles foram chamados a desempenhar, com base no critério especificado por eles no verso 3. As qualificações exigidas para os diáconos são dadas detalhadamente por Paulo (ver 1 Tm 3:8-10, 12). Os apóstolos, por outro lado, continuavam a perseverar “na oração e no ministério da palavra” (At 6:4, ARC).

Ellen White comenta acerca da indicação de diáconos na igreja primitiva:

Que este passo estava no desígnio de Deus é-nos revelado nos imediatos resultados para o bem, que se viram. “Crescia a Palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o núme-

24 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

ro dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé”. Esse crescimento notável era tanto o resultado de maior liberdade assegurada aos apóstolos como do zelo e poder mostrados pelos sete diáconos. O fato de terem sido esses irmãos ordenados para a obra especial de olhar pelas necessidades dos pobres, não os excluía do dever de ensinar a fé. Ao contrário, foram amplamente qualificados para instruir a outros na verdade; e se empenharam na obra com grande fervor e sucesso.⁷

3. A ordenação de anciãos

A terceira função ordenada—a do ancião da igreja local —surge pela primeira vez em Atos 11:30 (ARC). Antes disso, como vimos em Atos 6, os apóstolos eram os líderes espirituais da Igreja. No entanto, em consequência da perseguição, muitos dos primeiros membros da igreja de Jerusalém foram forçados a fugir (At 8:1). Embora os apóstolos tenham permanecido o máximo possível, a perseguição se intensificou a ponto de eles também terem que sair; assim, eles ordenaram anciãos para a liderança espiritual em Jerusalém. Como Lucas observa, foi por volta dessa época que Tiago, filho de Zebedeu, foi martirizado e Pedro, aprisionado (At 12:1-4). Pedro teria o mesmo destino caso não fosse miraculosamente libertado por um anjo (v. 5-11).

Essa prática de ordenar anciãos como líderes espirituais também foi seguida por Paulo e Barnabé nas igrejas que eles estabeleceram (At 14:23). Quando o Concílio de Jerusalém se reuniu para discutir se os crentes gentios tinham que ser circuncidados para serem salvos e plenamente aceitos na comunhão da igreja, vemos os apóstolos e os anciãos de Jerusalém e Antioquia (e certamente de outros locais também) se reunindo para decidir a questão (At 15:1-6). Uma vez decidida, a resolução foi comunicada por meio de uma carta dos apóstolos e anciãos para as igrejas (v. 23).

Mais tarde, vemos Paulo dando instruções detalhadas a respeito das qualificações para a função de um ancião local (ou “supervisor”) a Timóteo e também a Tito (1 Tm 3:2-7; Tt 1:6-10). Esses homens trabalharam com Paulo como coobreiros no ministério, pregando o evangelho em novas áreas, erguendo igrejas (At 16:1-3;

1 Co 16:10; 2 Co 8:23) e ordenando anciãos locais para supervisio-ná-las (1 Tm 5:17; Tt 1:4, 5; Tg 5:14).

Tanto Timóteo quanto Tito, em razão de terem trabalhado bem próximos a Paulo, viajaram muito e foram ordenados para uma esfera de ministério mais ampla. Sabemos que Timóteo foi ordenado pelo próprio Paulo, que menciona ter sido auxiliado na cerimônia de ordenação por um grupo de anciãos (1 Tm 4:14; 2 Tm. 1:6).

Timóteo ficou em Éfeso para acompanhar a obra de Paulo ali, enquanto Tito fez o mesmo na ilha de Creta. Quando Paulo escreveu a segunda carta a Timóteo, Tito já tinha ido para a Dalmácia no litoral oriental do Mar Adriático (2 Tm 4:10). Como a esses homens foi dada a supervisão sobre várias igrejas, eles podem ser mencionados como “anciãos supervisores”, para distingui-los dos anciãos da igreja local.

A ordenação tem base bíblica

Conforme observamos através da história da Igreja Cristã Primitiva, podemos ver que a ordenação ao ministério começou com o próprio Jesus ordenando os doze apóstolos como os líderes de Sua Igreja. Vimos também que, como a Igreja cresceu, vários outros líderes foram necessários à Igreja, inclusive diáconos e anciãos da igreja local, mas também anciãos “supervisores”, aos quais nos referimos atualmente como ministros ou pastores. Os homens indicados para cada uma dessas funções foram ordenados—separados para servir—pela imposição de mãos.

O que dizer das diaconisas?

Apesar de as mulheres terem desempenhado um importante papel na Igreja Primitiva, o termo *diaconisa* não é usado para descrever essas mulheres; na verdade, o termo não é encontrado nas Escrituras. No Novo Testamento, apenas as funções que exigem ordenação—apóstolo, diácono e ancião—são mencionadas. A questão das diaconisas será analisada mais adiante, no capítulo 11: “Mais perguntas e respostas”.

Notas:

26 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

1. Ver “Study Committee Votes Consensus Statement on ‘Theology of Ordination,’” *Adventist Review* [Aug. 15, 2013], p. 8), <http://news.adventist.org/all-news/news/go/2013-07-23/study-committee-votes-consensus-statement-on-theology-of-ordination/> (acessado em 19 de Março de 2015).
2. Para a declaração completa, ver Apêndice 1, “Declaração de Consenso sobre a Teologia da Ordenação Adventista do Sétimo Dia”.
3. Ver Marcos 3:14 (designou); Atos 1:22; 14:23 (eleição); 1 Timóteo 2:7 (designado); e Tito 1:5 (constituir) na versão Almeida Revista e Atualizada. Diferentes palavras gregas são usadas para os distintos aspectos da ordenação, destacando-se: (1) A descrição de Marcos de que Jesus “fez” (*poieō*) dos doze discípulos apóstolos (Mc 3:14) foca sobre a criação dessa nova função. A mesma palavra é usada em Hebreus 3:2, em que Jesus é “constituído” ou “indicado” por Deus como Apóstolo e Sumo Sacerdote (que era novo no sentido de que estava de acordo com a ordem de Melquisedeque e não de Arão, como Hebreus 7:11 explica). Curiosamente, a Septuaginta de 1 Reis 12:31 e 13:33 utiliza o mesmo verbo para os falsos sacerdotes criados por Jeroboão; (2) Essa palavra não é utilizada em Atos 1:22 porque a função já tinha sido criada por Jesus. Matias apenas “se tornou” (*ginomai*) o décimo segundo apóstolo para substituir Judas Iscariotes. (3) A palavra em Atos 14:23 salienta o ato de separar anciãos por meio da “imposição de mãos” (*cheiro-toneō*). (4) Em 1 Timóteo 2:7 Paulo descreve sua real nomeação ou ordenação com o mesmo radical (*tithēmi*) dos termos utilizados em outras passagens para “imposição de mãos” (*epithēmi* em 1 Timóteo 5:22 e *epithesis* em 1 Timóteo 4:14; 2 Timóteo 1:6; Hebreus 6:2). (5) A palavra em Tito 1:5 (como sucede em Hebreus 5:1 e 8:3 sobre os sacerdotes do Antigo Testamento) quer dizer “incumbir” (*kathistēmi*) e salienta as responsabilidades confiadas aos anciãos ordenados.
4. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 291, 296.
5. O período desde o chamado inicial dos discípulos até a ordenação como apóstolos fica nítido quando se compara o Evangelho de João, que registra o ministério de Jesus na Judeia, com os outros três Evangelhos, que destacam o último período na Galileia, onde Jesus passou a maior parte do tempo. Ver *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (ed. da versão em português Vanderlei

Dorneles; 7 vol.; Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), vol. 5, 230, 231 (tabela cronológica do ministério de Cristo, especificamente com relação a A, “Início do Ministério” [Os primeiros discípulos] e C “Ministério na Galileia” [O chamado dos doze]); cf. 196, 197 – A Harmonia dos Evangelhos (II.22 and IV.45).

6. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 292.
7. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 89, 90.

ALGUMAS MULHERES IMPORTANTES NA BÍBLIA

Em toda a Bíblia encontramos várias mulheres importantes, boas e más. Algumas foram líderes civis, outras foram profetisas e muitas tiveram uma significativa influência como mães.

Mulheres influentes no Antigo Testamento¹

A mãe mais importante, claro, é a primeira delas—Eva, a mãe da raça humana. Infelizmente, ela também foi a primeira pecadora e compartilhou o fruto proibido com Adão, que mergulhou o mundo em pecado por meio de sua transgressão (Rm 5:12; 1 Co 15:21, 22). Por essa razão, torna-se ainda mais admirável o fato de que, depois de Deus pronunciar juízo sobre o pecado e confirmar que Adão morreria como resultado inevitável, Adão descreve a mulher como a fonte de toda a vida. Pela fé, ele olha para o futuro, encontra esperança na promessa da semente da mulher esmagando a cabeça da serpente (Gn 3:15) e a chama de “Eva”, que significa “vida” (v. 20).

As Escrituras mencionam várias outras mulheres importantes. Possivelmente, a mãe mais influente em Israel tenha sido Joquebede. Ela escondeu seu filho Moisés nos juncos e o educou com tanto êxito durante os primeiros anos, que ele “recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado” (Hb

30 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

11:24, 25). A irmã mais velha, Miriã, foi fundamental para facilitar essa educação na infância (Êx 2:7-9). Muitos anos depois, ela conduziu as mulheres de Israel numa canção de vitória após atravessar o Mar Vermelho. Como profetisa, as palavras dessa canção permanecem registradas como testemunho do poder salvífico de Deus (Êx 15:20, 21). Infelizmente, junto com Arão, ela tentou usurpar a autoridade que Deus concedera a Moisés: “Porventura, tem falado o SENHOR somente por Moisés? Não tem falado também por nós?” (Nm 12:2). Ela deve ter pensado que, como ela também tinha o dom de profecia, ela era de algum modo igual a ele em autoridade espiritual. Ao atacá-la com lepra, Deus indicou que essa hipótese não estava apenas errada, mas também era pecaminosa. Deus demonstrou Seu desprazer para com Arão ao deixar o santuário durante um período (v. 9, 10). Curiosamente, em função de sua autoridade como sumo sacerdote, Arão, juntamente com Moisés, intercedeu pela cura de Miriã (v. 11-13).

As quatro filhas de ZELOFEADE, as únicas descendentes dele, pediram que a terra, que normalmente seria herança do filho do sexo masculino, fosse transferida para elas. Deus aceitou seu pedido de justiça: “As filhas defalam o que é justo; certamente, lhes darás posseção de herança entre os irmãos de seu pai e farás passar a elas a herança de seu pai” (Nm 27:7). Além disso, foi ordenada legislação adicional para clarificar as leis de herança (v. 8-11).

Uma juíza em Israel?

Uma das líderes mais famosas do Antigo Testamento é Débora. Ela tem sido considerada não apenas uma profetisa, mas também uma juíza. No entanto, a Bíblia indica de várias formas que ela não foi uma juíza no mesmo sentido que os juízes do sexo masculino. Em primeiro lugar, ela nunca é chamada “juíza”; antes, ela chama a si mesma de “uma mãe em Israel” (Jz 5:7). Ela não foi levantada por Deus do modo como ocorreu com os demais juízes (ver Jz 3:9, 15; 6:14; 11:29; 13:24, 25). E o modo usual de identificação do tempo de sua função (“X julgou Israel Y anos”)² não é aplicado a ela.

Em vez disso, a natureza provisória de sua atividade de julgar é enfatizada de várias maneiras, inclusive o uso da expressão *naquele*

tempo (Jz 4:4), o que não é utilizado quando se refere a juízes do sexo masculino. Isso demonstra que sua ação de julgar o povo foi excepcional e não uma parte regular da função dela como profetisa.

A fim de preparar o leitor para uma mulher atuando temporariamente nessa função, o modo como Débora é apresentada deliberadamente enfatiza, de cinco modos diferentes, que ela é do sexo feminino—antes de mencionar sua obra de julgar.³

Por fim, em vez de sentarse à porta como os juízes e anciãos faziam naquela época (ver Rt 4:9-11; 1 Sm 9:18), e como os reis fizeram um pouco mais tarde (1 Rs 22:10; Jr 38:7), Débora é descrita sentada sob uma palmeira entre Ramá e Betel (Jz 4:5), um local mais ligado à sua função como mensageira profética. Ellen White também explica a função de Débora: “Na ausência dos magistrdos usuais, o povo a procurava para conselho e justiça”.⁴

Extensão da função profética

Em toda a história de Débora, encontramos confirmação de que a atividade dela era mais uma extensão da função como profetisa porque Baraque, o juiz divinamente designado, era relutante em liderar. Por meio da mensagem profética de Débora (Jz 4:6), Deus chama Baraque para agir como libertador de Israel. Baraque, no entanto, recusa liderar Israel em batalha a menos que Débora vá com ele para “apoiar seus esforços com a influência e conselho dela”.⁵ Débora prediz que ela irá e a vitória será obtida, mas “não será tua a honra da investida que empreendes; pois às mãos de uma mulher o SENHOR entregará a Sísera” (Jael, não Débora, v. 8, 9). A “Canção de Débora”, cantada por ela e Baraque, faz alusão aos dois como “líderes” que aceitaram a “liderança em Israel” (5:1, 2).

Resumindo, Débora foi obediente à função profética que Deus que Deus lhe indicara numa determinada situação. A obra dela foi temporariamente expandida para incluir algumas das funções de juiz, mas, como Ellen G. White indica, Baraque era quem “tinha sido *designado pelo próprio Senhor* como a pessoa escolhida para libertar Israel”.⁶ Essa compreensão a respeito da função de Débora é confirmada pelo Novo Testamento, que menciona Baraque, não Débora, na lembrança do livramento de Israel naquele período (Hb 11:32).

As mulheres e o ministério de Jesus

Jesus veio para salvar as pessoas e restaurar nelas a imagem de Deus. Sabemos pelos Evangelhos (ver Mt 8:5-13; 19:13-26) que uma importante parte da obra de Jesus foi destruir barreiras entre as pessoas. Ele desejava quebrar essas barreiras para que todos pudessem se agrupar como uma Igreja unificada. Paulo assim descreve: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:27, 28).

É importante lembrar que muito embora fosse contra a cultura da época, Jesus chamou mulheres, assim como homens, para desempenhar importantes funções dentro de Sua igreja. Ao passo que seja verdade que Jesus chamou doze homens para serem Seus apóstolos, Ele tinha muitos outros discípulos, inclusive um numeroso grupo de mulheres proeminentes. Essas mulheres desempenharam funções prestativas muito importantes no ministério de Jesus, inclusive dando apoio financeiro, encorajamento e sendo Suas testemunhas.

Mulheres como discípulas

Por exemplo, Lucas menciona Maria, irmã de Marta, sentada aos pés de Jesus como discípula (Lc 10:38, 39), bem como várias mulheres que viajavam com Jesus pela Galileia e O sustentavam financeiramente: “Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios e Joana” (Lc 8:1- 3) que, junto ao esposo, pertencia à elite social. Além dessas mulheres, das quais não ouvimos muito e que foram vitais para possibilitar que Jesus e os apóstolos continuassem com um ministério em tempo integral, o verso anterior (Lc 8:2) distingue Maria Madalena com menção especial por ter sido liberta dos sete demônios que a controlavam. As outras mulheres também, diz o verso, foram libertas de possessão demoníaca

como Maria, ou curadas de doenças e, em gratidão, encorajavam o ministério de Jesus e o sustentavam financeiramente.

Maria Madalena é mencionada novamente por estar presente na crucifixão, junto com outras mulheres, incluindo outra Maria e Salomé, que seguiam Jesus e ministraram a Ele quando esteve na Galileia (Mc 15:40, 41). Essas mulheres, após o findar do sábado, compraram especiarias e no domingo de manhã bem cedo foram para a sepultura a fim de ungir o corpo de Jesus, mas a encontraram vazia. Um anjo ordenou-lhes que contassem aos discípulos sobre a ressurreição e que Jesus os encontraria na Galileia. De acordo com Mateus, as mulheres viram Jesus, que ordenou-lhes que contassem aos discípulos que ele estava vivo. É significativo que Jesus tenha aparecido a elas, mesmo antes de aparecer aos apóstolos, fazendo dessas mulheres crédulas as primeiras testemunhas de Sua ressurreição (Mt 28:9, 10).

O fato de que o Jesus ressurreto apareceu primeiro às mulheres seguidoras foi algo formidável—estava em oposição a todas as estruturas judaicas, sociais, culturais e educacionais. Não fez o menor sentido para os apóstolos, e, quando as mulheres levaram a notícia de que Jesus ressuscitara, eles não conseguiram crer no testemunho delas (ver Lc 24:9-11). Eles precisaram do dom do Espírito Santo e serem, eles mesmos, testemunhas, para que juntamente com as mulheres discípulas fossem, como *uma Igreja Integral*, o testemunho completo de que o mundo necessita.

O dia do Pentecostes

Atos 2 registra que, após a ascensão de Jesus, todos os crentes estavam juntos orando no dia de Pentecostes, esperando o prometido batismo do Espírito Santo em obediência à ordem do Senhor (Lc 24:49; At 1:5, 8). Eles estavam “todos reunidos no mesmo lugar” (At 2:1) quando o Espírito Santo foi derramado. As mulheres, assim como os homens, passaram a falar com poder e convicção.

Pedro, novamente falando em nome do grupo, identificou esse derramamento como o cumprimento da profecia: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas *profetizarão*, vossos

34 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e *profetizarão* (At 2:17, 18, citando Joel 2:28, 29, grifo nosso).

Observe como o texto citado de Joel fala sobre homens e mulheres recebendo visões e sonhos e *profetizando*. Jesus também falou de enviar profetas para testemunharem Dele (Mt 23:34; Lc 11:49). O Novo Testamento confirma que o dom profético sobreveio sobre homens e mulheres e foi ativo por todo o tempo dos apóstolos. No livro de Atos, vários desses profetas são mencionados: Ágabo (11:27, 28; 21:10), Barnabé e outros (13:1), Judas e Silas (15:32) as quatro filhas de Filipe (21:9), além daqueles que estavam em Éfeso sobre os quais o dom de línguas sobreveio (19:6). Na verdade, em toda a Escritura o dom de profecia sobreveio a mulheres e homens. Das pessoas mencionadas no Antigo Testamento como tendo esse dom estão incluídas mulheres como Miriã (Êx 15:20), Débora (Jz 4:4), Hulda (2 Rs 22:14; 2 Cr 34:22), Noadia (Ne 6:14) e a esposa de Isaías (Is 9:3).

Mais mulheres no Novo Testamento

Nós também temos ampla evidência de que na Igreja do Novo Testamento as mulheres trabalhavam em várias funções nas congregações locais. Por exemplo, Priscila e seu esposo Áquila, que, no tempo livre, trabalharam com Paulo em Corinto, Éfeso e Roma, ensinavam com exatidão “o caminho de Deus”. Além disso, Áquila e Priscila abriram o seu lar para as reuniões da igreja (At 18:1, 18, 26; 1 Co 16:9; Rm 16:3).

No Novo Testamento, outras mulheres proeminentes como Maria de Jerusalém (mãe de João Marcos) e Lídia, de Filipos (ver At 12:12; 16:15), também são mencionadas como anfitriãs de reuniões cristãs.

Em Romanos 16, Paulo saúda uma longa lista de crentes, inclusive várias mulheres. Febe, uma “serva” (*diakonos* em grego) ou auxiliar⁷ da igreja em Cencréia, próximo de Corinto, e possivelmente patrocinadora financeira de Paulo e outros, entregou a epístola de Paulo aos romanos e pode ter promovido generoso sustento

da missão de Paulo à Espanha (Rm 16:1; 15:28).⁸ Outras mulheres mencionadas aqui por Paulo incluem Maria, famosa por trabalhar muito na igreja em Roma (Rm 16: 6); Trifena, Trifosa e a “amada” Pérside, que “muito trabalhou no Senhor” (v. 12); e várias outras.

A menção de Paulo a “Júnia” (como o nome é traduzido em algumas traduções recentes)⁹ tem ocasionado bastante discussão. Supondo que Paulo se refere a uma mulher, Andrônico e Júnia poderiam então possivelmente ser uma equipe de marido e mulher, como Áquila e Priscila. Mesmo se isso for correto, o que não é completamente claro,¹⁰ o máximo que podemos dizer sobre esse casal é que eles eram “bem conhecidos dos apóstolos” (v. 7, ESV),¹¹ não que eles fossem apóstolos.¹² Embora houvesse muitos seguidores de Jesus, eram os Doze (inclusive Matias, At 1:26) que eram conhecidos como “os apóstolos” no primeiro período ao qual Paulo se refere aqui (“eles estavam em Cristo antes de mim”, isto é, antes de 34 d.C.).

Ativas auxiliadoras

Em toda a Bíblia, as mulheres desempenharam funções importantes.¹³ Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento elas foram chamadas diretamente por Deus para proferir Sua mensagem como profetisas. Notável entre elas está Débora, que, em circunstâncias extraordinárias no período dos juízes, era procurada pelo povo para decidir casos e desempenhou essencial função de apoio quando Baraque liderou Israel em batalha. No Novo Testamento, vemos as mulheres ativamente apoiando o trabalho de Jesus: seguindo-O, doando recursos e usando sua influência. As mulheres também estavam envolvidas na obra da Igreja Primitiva. Paulo menciona várias mulheres que o ajudaram. Algumas, como Priscila e seu esposo Áquila, abriram seus lares para as reuniões da igreja.

No entanto, em nenhuma passagem bíblica vemos as mulheres desempenhando quaisquer funções de liderança que exijam ordenação. Nenhuma mulher é mencionada atuando como um sacerdote, apóstolo, ancião ou diácono.¹⁴ Isso é consequência de preconceito cultural? Deus poderia ter desejado que as mulheres servissem nessas funções de liderança espiritual desde o início? O que a Bíblia diz sobre a vontade de Deus com relação à liderança

36 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Notas:

1. Ver também o excelente resumo de Laurel Damsteegt, “Women of the Old Testament: Women of Influence” (artigo apresentado no Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação, Linthicum Heights, Md., July 2013), <https://www.adventistarchives.org/women-of-the-old-testament.pdf> (acessado em 30 de Março de 2015).
2. Para exemplos dessa fórmula, ver Juízes 10:2, 3; 12:7, 9, etc.
3. Para uma análise mais detalhada, ver Edwin Reynolds and Clinton Wahlen, “Minority Report,” in *North American Division Theology of Ordination Study Committee Report* (November 2013), p. 201, <http://static.squarespace.com/static/50d0ebebe4b0ceb6af5fd-d33/t/527970c2e4b039a2e8329354/1383690434980/nad-ordination-14-minority.pdf> (March 19, 2015).
4. Ibid.
5. Ibid., par. 6.
6. Ibid. (grifo nosso).
7. Ao longo de todo o Novo Testamento, *diakonos* (traduzido como “servo”), é a designação preferida para todos os obreiros da igreja independente de quem eram, porque todos estão servindo a Cristo, que Se fez um Servo. Para mais exemplos desse uso, ver Marcos 10:45; João 12:26; 2 Timóteo 1:18; Hebreus 6:10. Em outras passagens, *diakonos* é utilizado no sentido técnico de “diácono”—um oficial da igreja que trabalha sob a autoridade de um ancião/supervisor (Fl. 1:1; 1 Tm 3:8, 12). Os diáconos em 1 Timóteo 3 estão em contraste aparente com as “mulheres” que parecem ter executado algumas obrigações oficiais da igreja, porém sem um título oficial (1 Tm 3: 11). Essas duas funções básicas parecem ser mencionadas também em 1 Pedro 4:10, 11: alguns deveriam falar “de acordo com os oráculos de Deus” (anciãos), ao passo que outros deveriam “ministrar” ou “servir” (usando o verbo *diakoneō*) “com a capacidade que Deus dá”.
8. Na última parte de Romanos 16:2, Paulo acrescenta que Febe “tem sido protetora de muitos e de mim inclusive”. A palavra grega traduzida nesse verso como “protetora” (*prostatis*) é amplamente compreendida como se referindo a ela como um sustento finan-

ceiro para Paulo e outros. A sugestão de que aqui significa “líder” está baseada no uso da palavra vários séculos antes e não se adequa ao contexto desse verso, assim como é difícil imaginar Paulo considerando Febe como sua “líder”, algo que ele recusou conceder a outros apóstolos (2 Co 11:5; 12:11), inclusive Tiago, Pedro e João (Gl 2:6-10).

9. Por exemplo ARC e NTLH. A edição de 2011 da NVI traduz o nome como Júnia, ao passo que a versão da NVI de 1984 traduz com o nome masculino Júnias (é o modo como a ARA, AA, ACRF o interpretam). A possibilidade de que essa pessoa seja um homem também é reconhecida por outras versões nas notas de margem (e.g., ESV, NET).
10. Recorrer a exemplos do nome “Junia” em *latim* dificilmente prova que a forma grega do nome mencionado na epístola de Paulo é o mesmo nome, porque o final poderia ser tanto masculino como feminino e, na verdade, o mesmo final (*-as*) ocorre em outros nomes evidentemente masculinos em Romanos 16.
11. Alguns tradutores interpretam essa expressão como bem conceituados (AA) ou notáveis (ARA) “entre os apóstolos”, embora a nota de rodapé da NIV11 admita que a expressão também possa ser traduzida como “são apreciados pelos [apóstolos]”.
12. Ver Richard Sabuin, “Were Andronicus and Iounian apostles?” *Ministry*, vol. 86, no. 5 (May 2014), 10-13.
13. Ver os capítulos: “Mulheres Notáveis no Antigo Testamento” e “Mulheres Notáveis no Novo Testamento” em Ellen G. White, *Filhas de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), 12-56.
14. Razões adicionais para Febe não ser considerada uma “diaco(-nisa)” ou uma líder da igreja, ver capítulo 11: “Mais perguntas e respostas”, sob “Perguntas sobre passagens bíblicas específicas”, Pergunta 7 sobre Romanos 16:1, 2.

CAPÍTULO 4

MARIDO DE UMA SÓ MULHER ... É ISSO MESMO?

Uma importante pergunta para consideração nesse ponto: A Bíblia apresenta uma resposta clara quanto a quem pode ser ordenado para servir nas funções de liderança da Igreja? Em outras palavras, há claras qualificações bíblicas para essas posições de liderança espiritual e essas qualificações ainda se aplicam mundialmente na Igreja atualmente? Essas perguntas estão no centro do debate sobre a ordenação de mulheres.

Como vimos no capítulo 1, as abordagens hermenêuticas (as maneiras como lemos a Bíblia) fazem uma grande diferença nas respostas que encontramos nas Escrituras. No capítulo 2, ficou claro que a ordenação é uma prática bíblica e que o Novo Testamento identifica duas categorias de líderes de igreja ordenados: (1) ancião e (2) diácono. A categoria do Novo Testamento para “ancião” é mais ampla do que algumas vezes pensamos hoje. Essa categoria inclui ministros, como Timóteo e Tito que viajavam extensamente e supervisionavam igrejas numa ampla área (1 Tm 4:14; Tt 1:5), e até apóstolos, que referem a si mesmos esse título (1 Pd 5:1; 2 Jo 1; 3 Jo 1).

Autoridade bíblica

Ao buscarmos respostas bíblicas com relação a quem pode ser ordenado para a liderança na Igreja, é importante determinar quem ou o que consideramos ser uma fonte confiável e conclu-

40 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

siva. Nosso ponto de vista acerca da autoridade da Bíblia é crucial porque determinará o que aceitamos (ou rejeitamos).

Num artigo intitulado “Autoridade Bíblica, Hermenêutica e a Função das Mulheres”, o Dr. Gerhard Hasel explica: “Basicamente há duas posições acerca da autoridade da Bíblia. Uma delas conserva a plena e ilimitada autoridade da Bíblia sem qualificação e a outra defende algum tipo de autoridade limitada da Bíblia”¹

Quando lemos a Bíblia e especialmente quando tratamos de passagens aparentemente controversas, o modo como entendemos as Escrituras e sua autoridade terá grande impacto em nossas conclusões.

Compreendendo as Escrituras

Neste livro, tomamos a posição oficial da Igreja de que “a Bíblia é sua melhor intérprete e quando estudada como um todo ela descreve uma verdade harmoniosa e consistente”. Embora escrita originalmente para pessoas do mundo antigo, ela “transcende seu contexto cultural para servir como Palavra de Deus para todos os contextos situacionais, raciais e culturais em todas as épocas”²

Isso não significa que não podemos conseguir informação útil fora da Bíblia. “A arqueologia, a antropologia e a história contribuem para compreender o significado do texto”,³ mas suplementarão e ampliarão a informação histórica e cultural que pode ser coletada da própria Bíblia, em vez de questioná-la ou destruí-la.⁴

É interessante que o Novo Testamento lista qualificações para todas as funções de ordenação: apóstolo (At 1:21, 22), diácono (At 6:3; 1 Tm 3:8-10, 12) e o ancião/ministro que supervisiona a igreja (1 Tm 3:2-7; Tt 1:5-9). Observemos as qualificações bíblicas do ancião/ministro em mais detalhes. Porém, antes de fazê-lo, será útil fazer um rápido comentário sobre as duas palavras gregas que o Novo Testamento utiliza para esse ofício. A palavra em 1 Timóteo 3:2 e Tito 1:7 é *episkopos*, que literalmente significa “supervisor”. Essa palavra é frequentemente traduzida como “bispo”, tendo em

vista que esse é o título que se tornou estabelecido para o ofício à medida que ele se desenvolvia ao longo do segundo e terceiro séculos. A outra palavra grega usada para esse ofício é *presbyteros*, que é quase universalmente traduzida como “ancião”. Ambas as palavras são usadas em dois diferentes contextos, simultaneamente (ver Atos 20:17,28 e Tito 1:5,7), o que indica que as duas palavras se referem ao mesmo ofício.

As epístolas de Paulo aos ministros

Os livros de 1 e 2 Timóteo são cartas escritas pelo idoso Paulo a um jovem ministro a quem Paulo estava preparando como líder da Igreja depois que ele partisse. As cartas de Paulo a Timóteo são dadas como instruções para um ministério eficaz—em Éfeso onde Timóteo se estabeleceu na época, mas também de modo mais amplo como orientação para ele onde quer que ele trabalhasse, assim como para a igreja em geral.

O mesmo é verdadeiro quanto à carta a Tito. Ele, como Timóteo, era coobreiro de Paulo. Quando Paulo escreveu para ele, Tito estava trabalhando na ilha de Creta, mas quando Paulo escreveu a segunda carta a Timóteo, Tito já tinha deixado as igrejas de Creta nas mãos dos anciãos que ele ordenou (como Paulo o instruiu a fazer em Tito 1:5) e seguiu para a Dalmácia.

Como é típico nas cartas escritas por Paulo, o assunto de 1 Timóteo é deixado claro desde o início—fortalecer a Igreja. É interessante que, nessa conexão, Paulo se refere ao plano de gestão de Deus para a Igreja—conhecido como *oikonomia* em grego. “*Oikonomia* se refere à organização e ordenação de uma casa ou a responsabilidade de gestão que mantém a ordem” (como usado em 1 Co 9:17; Cl 1:25).⁵ Isso se adequa bem à descrição da igreja como a “casa de Deus” (1 Tm 3:15). Outras traduções para *oikonomia* incluem “o modo de Deus organizar as coisas”⁶ e “a boa ordem de Deus” (1 Tm 1:4, ESV, rodapé).

Paulo descreve o supervisor (ou ancião) como aquele que é “encarregado da casa de Deus” (Tt 1:7, NIV11; *oikonomos theou* em grego). Também vemos essa descrição administrativa de um ancião em 1 Coríntios 4:1.

Qualificações bíblicas para os supervisores

Então, quais são as qualificações dadas para o ancião/ministro evangélico que supervisiona ou administra a casa de Deus, a igreja? Descobrimos a resposta em duas passagens bíblicas.

1 Timóteo 3:2-7, ARA. É necessário, portanto, que o bispo [ou «supervisor»] seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo.

Tito 1:5-9, ARA Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesses em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi: alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados. Porque é indispensável que o bispo [ou “supervisor”] seja irrepreensível como despenseiro de Deus, não arrogante, não irascível, não dado ao vinho, nem violento, nem cobiçoso de torpe ganância; antes, hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si, apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.

Consideremos alguns pontos importantes sobre essas passagens:

Elas foram escritas para dois pastores diferentes e não para igrejas (motivo pelo qual são mencionadas como “Epístolas Pastorais”).

Esses pastores—Timóteo e Tito—estavam servindo em áreas diferentes. Timóteo estava em Éfeso, uma das maiores e mais importantes cidades do mundo romano. Tito estava na ilha de Creta, onde havia várias cidades pequenas e vilas.

Marido de uma só mulher ... É isso mesmo? • 43

Tanto Timóteo quanto Tito eram ministros/evangelistas itinerantes, tendo trabalhado em outras áreas além daquelas em que eles estavam quando as cartas de 1 Timóteo e Tito foram escritas. Mais tarde, Tito foi para a Dalmácia (2 Tm 4:10). Assim, esse conselho os orientaria onde quer que estivessem.

Nas duas passagens, as qualificações para “supervisores” são idênticas.

Essa tabela fornece uma comparação simples entre as duas passagens:

1 Timóteo 3:2-7	Tito 1:5-9
3:2 – Um bispo [ou “supervisor”], então, deve ser irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar,	1:6 – Um bispo [ou “supervisor”] . . . deve ser irrepreensível
3:3 – não dado ao vinho não violento, cordato, inimigo de contendas não avarento .	1:6 – Marido de uma só mulher
3:4 – que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito	1:8 – Que tenha domínio de si, . . . sóbrio
	1:8 – Amigo do bem
	1:8 – Justo
	1:8 – Hospitaleiro
	1:9 – Apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, da maneira como foi ensinada, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.
	1:7 – Não dado ao vinho
	1:7 – Não irascível, nem violento
	1:8 – Justo
	1:7 – Nem cobiçoso de torpe ganância,
	1:6 – Que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados

Uma única qualificação

Observe que todas as qualificações, exceto uma, lidam com o *caráter* da pessoa que deveria ser um ancião. A única qualificação que difere das demais é que o ancião/ministro “deve ser marido de uma só mulher”. Isso pode ser significativo?

Quando consideramos o caráter de uma pessoa, entendemos que ele não é estático—ele é dinâmico e está em crescimento. Em outras palavras, há estágios de caráter—ser temperante, respeitável, hospitaleiro e assim por diante. À medida que uma pessoa cresce e amadurece, espera-se que esses traços do caráter cristão também se tornarão mais fortes e evidentes.⁷

Por outro lado, uma qualificação: “o supervisor deve ser . . . marido de uma só mulher” não é uma questão de estágios—ou ele é marido de uma só mulher ou ele não é.

O elemento mais óbvio dessa qualificação é a de gênero. A menos que redefiníssemos esses termos normalmente aceitos de modo que um “marido” pudesse ser feminino e uma “mulher” pudesse ser masculino, a maioria dos leitores da Bíblia naturalmente compreenderia que o ancião/ministro que supervisiona a igreja deve ser do sexo masculino.

Da clareza para a incerteza

Nos últimos quarenta anos, no entanto, essa conclusão aparentemente óbvia tem sido questionada cada vez mais por alguns eruditos bíblicos. Essa tendência é evidente a partir do modo como a expressão grega desse verso tem sido traduzida em algumas recentes versões da Bíblia (NAB, NRSV, CEV, e CEB), que substituem “marido de uma só mulher” por palavras de gênero neutro.

Como é que uma linguagem aparentemente simples—que é clara tanto em grego como em português—pode agora ser lida de modo tão diferente de como tem sido compreendida por línguas e culturas por quase 2.000 anos? Será que novos métodos e novas abordagens hermenêuticas (modos de ler as Escrituras) tenham ajudado a possibilitar essa transição na linguagem?

Vejam rapidamente algumas das razões comuns apresentadas para explicar por que esse texto não quer dizer realmente “marido de uma só mulher”:

I. Falta de clareza

Alguns sugerem que o texto de 1 Timóteo 3:2 não é tão claro quanto parece. Uns poucos argumentam que a Bíblia foi escrita a partir da perspectiva de uma sociedade predominantemente masculina, como evidenciado pela linguagem androcêntrica. Os discursos em Atos, por exemplo, tipicamente se dirigem a homens, embora também houvesse mulheres presentes (At 1:11, 16; 2:22, etc.). Mas as ordens em grego, a linguagem do Novo Testamento, normalmente são do gênero neutro e quando era importante fazer uma distinção de gênero, os escritores a faziam (e.g., 1 Co 7:16; Ef 5:22; 1 Pd. 3:1).⁸

Outros declaram que o texto diz literalmente em grego “uma mulher homem”, significando que a ênfase está em ser fiel ao cônjuge de alguém e não ser um “marido” ou um “homem”. Na verdade, o grego diz literalmente “de uma esposa marido”. A palavra usada para “marido” em grego é *anēr*. Alguns sugerem que *anēr* pode ser usado para significar uma mulher, mas isso não é verdade. Embora a palavra possa significar “homem” como representante dos seres humanos (apenas 9 de 216 usos no Novo Testamento), *Paulo nunca a utiliza dessa forma*. Além disso, com relação a 1 Timóteo 3:2, cinquenta e sete de sessenta e uma traduções em inglês, variando da Bíblia Wycliffe (1382) até a World English Bible, do século vinte e um, restringem *anēr* ao gênero masculino; apenas quatro dão a ela um gênero de sentido neutro.⁹ Ver Apêndice 2, “Traduções Bíblicas em Inglês acerca de 1 Timóteo 3:2”.

Então, Paulo realmente quis dizer o que ele escreveu—que o “supervisor . . . deve ser marido de uma só mulher?” A partir da expressão, que abrange o marido e mulher em relacionamento, o contexto literário imediato de 1 Timóteo 3:2 (que se desloca de gênero inclusivo para gênero específico e, por fim, para gênero exclusivo—analisado mais adiante nesse capítulo), assim como a repetição das qualificações que encontramos em Tito, evidencia que

46 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

quando o vocábulo *anēr* é usado aqui—em concordância com sua prática nas demais passagens—na verdade Paulo quer dizer um homem, um “marido de uma só mulher”.

2. Poligamia/Fidelidade matrimonial

Outra objeção é que o gênero não é a questão aqui. O texto pode apenas estar dizendo que o supervisor (masculino ou feminino) não deveria ser polígamo; eles deveriam ter especificamente *um* cônjuge. Ou, ainda mais simples, talvez o texto esteja apenas exigindo fidelidade ao cônjuge de alguém. O problema com essas sugestões é que a poligamia era quase inexistente no mundo romano do primeiro século.¹⁰ Na verdade, havia leis romanas contra a poligamia, como há esse tipo de leis em muitos países atualmente. E se Paulo quis dizer apenas que a fidelidade matrimonial seria a qualificação, ele poderia ter deixado claro aqui em 1 Timóteo, como fez em 1 Coríntios 7:10, 11.

3. Cultura, Tempo e Lugar

Outra objeção frequente é que as instruções de Paulo se relacionam apenas com uma situação específica da igreja de Éfeso daquela época e que eles nunca tiveram a intenção de uma aplicação geral a outras igrejas ou a todas as épocas. No entanto, como vimos, as mesmas instruções foram dadas a Tito, que então trabalhava na ilha de Creta.¹¹ Além disso, ao contrário das epístolas de Paulo escritas para *igrejas locais*, as Epístolas Pastorais foram escritas para homens que trabalhavam em outras igrejas. É verdade que as epístolas de Paulo foram escritas dentro de cenários culturais que diferem significativamente de muitas culturas atuais. Mas isso é válido para todos os livros da Bíblia. Na verdade, o Antigo Testamento é até mais distante de nossa cultura e época. No entanto, isso não significa que podemos ignorar o que ele diz. Muitos livros inspirados são mencionados nas Escrituras e não foram incluídos na Bíblia (ver, por exemplo, 1 Cr 29:29; 2 Cr 9:29; Cl 4:16). A possível razão de esses escritos não terem sido incluídos é que eles *eram* mais limitados em sua aplicação. Se

eles fossem relevantes para nossos dias, certamente Deus teria assegurado a preservação deles nas páginas das Escrituras. Como diz Paulo, os escritos que foram preservados são *para nós* (Rm 15:4; 1 Co 10:11).

“Todas as pessoas”

Naturalmente, quando buscamos entender qualquer verso da Bíblia, é útil observar o contexto do verso. Ao considerar essa passagem em 1 Timóteo 3, é útil compreender o contexto apresentado no capítulo anterior. O capítulo 2 de 1 Timóteo começa com instruções para que as orações fossem praticadas por todas as pessoas (v. 1). A expressão *todas as pessoas* ocorre várias vezes em 1 Timóteo e parece ser um destaque importante. A oração deve ser praticada por todas as pessoas porque Deus “quer que todos sejam salvos e venham a conhecer a verdade” (v. 4, NTLH). Cristo “a si mesmo se deu em resgate por todos” (v. 6, ARA). Deus “é o Salvador de todos” (4:10, NTLH).

Essas passagens em 1 Timóteo ecoam as palavras encontradas em Gálatas 3:28: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Obviamente, Paulo está ensinando nessas passagens que a *salvação* está disponível para *todos*—na mesma base—sem referência a gênero. É com essa compreensão básica—de que todos são iguais em Cristo por meio da redenção, assim como todos são iguais no que se refere à imagem de Deus por meio da criação (Gn 1:26-28)—que as declarações de Paulo com relação às contribuições diferentes de homens e mulheres na Igreja devem ser compreendidas. Além disso, é bom ter em mente que “quando o autor [Paulo] deseja falar de gênero específico ele utiliza termos restritivos”.¹²

De gênero inclusivo para o gênero exclusivo

Paulo era especialista no uso do idioma grego e escolheu cuidadosamente as palavras que empregou. Felizmente, temos vários exemplos em 1 Timóteo que demonstram Paulo utilizando a linguagem inclusiva, específica e exclusiva de gênero.

48 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

1. *Linguagem inclusiva de gênero (1 Tm 2:1-7)*

Como analisado na seção acima com relação ao uso que Paulo faz de “todas as pessoas”, os termos de gênero inclusivo são utilizados várias vezes.

- ▶ A oração deveria ser praticada por *todos* (v. 1).
- ▶ Deus deseja que *todos* sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (v. 4).
- ▶ Cristo a si mesmo se deu em resgate por todos (v. 6).

2. *Linguagem específica de gênero (1 Tm 2:8-15)*

Paulo se volta para a linguagem específica de gênero a fim de explicar como homens e mulheres deveriam se relacionar uns com os outros no âmbito da adoração.

- ▶ *Os homens* devem tomar a liderança na adoração e oração da igreja (v. 8). Obviamente, isso não significa que as mulheres não tinham funções importantes na adoração, uma vez que Paulo também menciona mulheres orando e profetizando durante o serviço de adoração (1 Co 11:5).
- ▶ *As mulheres* deviam vestir-se modestamente. Elas não deveriam tentar usurpar a autoridade de ensino estabelecida do ministro que administrava a igreja (v. 9-12). (Nós analisaremos essa passagem mais adiante, no capítulo 5: “As mulheres devem ficar caladas?”)

3. *Linguagem exclusiva de gênero (1 Tm 3:1-12)*

Começando com as qualificações para os oficiais da igreja no capítulo 3, Paulo usa uma linguagem ainda mais específica, exclusiva de gênero. Ele não se refere a “alguém”, mas diz, como a tradução mais literal da NASB (New American Standard Bible) apresenta: “Se algum homem aspira à função de supervisor, excelente obra deseja” (v. 1).

Em seguida, ele lista as qualificações para essa função: “Um supervisor, então, deve ser irrepreensível, marido de uma só mulher . . .” (v. 2).

Isso não é apenas gênero específico, é gênero exclusivo por várias razões:

- ▶ É uma exigência fixa (significando que é uma questão de sim/não), e aparece três vezes: aqui e em Tito 1:6 para supervisores/anciãos, e para diáconos em 1 Timóteo 3:12.
- ▶ Mulheres assistentes (as quais algumas vezes chamamos de diaconisas) são mencionadas no v. 11 como um grupo diferente tanto do grupo de anciãos como de diáconos, com uma lista diferente de qualificações; desse modo, elas não podem ser incluídas em nenhuma das outras categorias.
- ▶ Paulo usa a expressão oposta, *mulher de um só marido*, em 1 Timóteo 5:9, referindo-se a uma das condições para as viúvas receberem auxílio financeiro da congregação (v. 16). Se Paulo pretendia ter um gênero neutro com relação às qualificações para o ancião que administra a igreja, ele poderia ter combinado essas duas frases: “O supervisor . . . deve ser marido de uma só mulher ou a esposa de um só marido”. Mas Paulo não fez isso. O que significa que Paulo quis dizer o que ele disse.
- ▶ Paulo lida, em ordem, com grupos cada vez menores: primeiro, “todos” (gênero inclusivo), em seguida, “homens” e “mulheres” (gênero específico) e, por fim, “marido de uma só mulher” (gênero exclusivo).

Uma ordem clara

“É necessário, pois, que o supervisor seja ... marido de uma só mulher”. Observe que Paulo diz “é necessário” (*dei* em grego). Há muitos outros modos de expressar uma ordem em grego. Mas essa expressão, a forma mais forte no grego para expressar uma ordem, é tão clara nesse idioma como em português. É o mesmo “é necessário” usado em Marcos 13:10—“Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações”; em João 3:14, NVI —“Da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do homem seja levantado”;

50 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

em Atos 23:11, quando Jesus disse a Paulo: “*Deverá* testemunhar também em Roma”; em 1 Coríntios 15:53—“Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade”; em 2 Coríntios 5:10, AR-C—“Porque todos *devemos* comparecer ante o tribunal de Cristo”; em Hebreus 11:6—“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe”. Essas e muitas outras passagens nos mostram que essa ordem “é necessário” (*dei*) não é opcional, mas compulsória.

A Bíblia é clara com relação a quem deve ser ordenado?

Voltemos às declarações feitas no início deste capítulo. A Bíblia apresenta uma resposta clara quanto a quem pode ser ordenado para servir como ancião supervisor da Igreja? Há qualificações bíblicas claras para essas posições de liderança espiritual e essas qualificações ainda se aplicam à Igreja mundial atualmente? A resposta a todas essas perguntas é obviamente “Sim”. Como as outras funções com ordenação na igreja do Novo Testamento, os anciãos administradores devem preencher as qualificações bíblicas especificadas nas epístolas de Paulo a Timóteo e Tito. Esses padrões foram defendidos pelos apóstolos onde quer que anciãos fossem ordenados (At 14:23; Fl 1:1; Tt 1:5; 1 Pd 5:1-4).

A estipulação de que o ancião deve ser marido de uma só mulher é tão clara em grego como em português. Se lemos essa exigência como significando “mulher de um único marido” ou apenas “homem fiel [ou mulher]”, então poderemos fazer com que qualquer verso da Escritura diga o que quisermos que ele diga ou o que a cultura circundante nos pressione a fazê-lo dizer. Nesse caso, a autoridade bíblica não mais teria a mesma função na Igreja. Nós não somos deixados a supor qual seria o resultado. Vemos como isso tem conduzido apenas a divisão e fragmentação dentro de outras denominações cristãs. Como um clérigo na Igreja Anglicana observou recentemente, a causa da divisão não é apenas a ordenação de mulheres ou questões de sexualidade, mas “quão comprometidos com os ensinamentos da Bíblia pretendemos estar”.¹³ Como Adventistas do Sétimo Dia, nossa unidade sempre tem sido

resultado de nossa fidelidade à Escritura. E, pela graça de Deus, ela continuará sendo nossa salvaguarda no futuro.

Notas:

1. Gerhard F. Hasel, “Biblical Authority, Hermeneutics, and the Role of Women” (artigo apresentado na Comissão sobre a Função das Mulheres -I, Washington, D.C., 24-28 de Março de, 1988).
2. “Métodos de estudo da Bíblia”, aprovado pelo Comitê Executivo da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia no Concílio Anual, Rio de Janeiro, Brasil, 12 de outubro de 1986, <http://www.adventist.org/en/information/official-statements/documents/article/go/0/methods-of-bible-study/> ([acessado em 19 de março de 2015](#)).
3. Ibid.
4. Para uma análise detalhada dos recentes métodos de interpretação bíblica, ver Clinton Wahlen, “Hermeneutics and Scripture in the Twenty-First Century” (artigo apresentado no Comitê Executivo de Lake Union Conference, Berrien Springs, Mich., 13 de Fevereiro de 2013), <http://ordination.lakeunion.org/assets/95352> ([acessado em 19 de março de 2015](#)).
5. Philip H. Towner, *The Letters to Timothy and Titus*, New International Commentary of the New Testament (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006), 251.
6. Timothy Johnson, *The First and Second Letters to Timothy*, Anchor Bible, vol. 35A (New York, NY: Doubleday, 2001), 136.
7. Ver “Women’s Ordination: Group #1 Review of Position Summary #3,” August 21, 2014 (artigo comissionado pela TOSC, mas não apresentado), <http://www.adventistarchives.org/women’s-ordination-group-1-review-of-position-summary-3.pdf> ([acessado em 19 de março de 2015](#)).
8. Ver também as respostas às perguntas 6 e 7 relacionadas a essa questão da linguagem androcêntrica no capítulo 11: “Mais perguntas e respostas” sob “Perguntas sobre interpretação”.

52 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

9. Ver a lista no Apêndice 2, “Traduções de Bíblias ao inglês de 1 Timóteo 3:2”.
10. Walter Scheidel, “Monogamy and Polygyny,” in *A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds* (ed. Beryl Rawson; Blackwell Companions to the Ancient World; West Sussex, U.K.: Wiley-Blackwell, 2011), p. 108: “A monogamia greco-romana pode bem ser o único fenômeno mais importante da história antiga que continua largamente sem reconhecimento”. Observe também idem, “Monogamy and polygyny in Greece, Rome, and world history” (June 2008), p. 2, <http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/scheidel/060807.pdf> (acessado em 2 de Abril de 2015): “Homens gregos e romanos não tinham permissão de se casar com mais de uma mulher ao mesmo tempo e não significava coabitar com concubinas durante o casamento, e nem mesmo os governantes estavam isentos dessas normas”.
11. Ver Apêndice 3, “Semelhanças entre 1 Timóteo e Tito”.
12. Kenneth L. Waters, Sr. “Saved through Childbearing: Virtues as Children in 1 Timothy 2:11-15,” *Journal of Biblical Literature*, vol. 123, no. 4 (2004), 730.
13. Rod Thomas, citado em Trevor Grundy, “Archbishop of Canterbury: Anglicans May Split,” *Adventist Review*, <http://www.adventistreview.org/world-news/archbishop-of-canterbury-anglicans-may-split> (acessado em 23 de Março de 2015).

AS MULHERES DEVEM FICAR CALADAS?

Como vimos, 1 Timóteo 3:2 é bem claro—o ancião/ministro que supervisiona a igreja “deve ser marido de uma só mulher”. No entanto, algumas pessoas dizem que se vamos tomar esse texto de modo literal, então, de acordo com a instrução de Paulo em 1 Coríntios 14:34, NTLH (“As mulheres devem ficar caladas nas reuniões de adoração”), as mulheres não podem nem se comunicar audivelmente durante o serviço de adoração.

Mesmo nesse verso, uma leitura simples do texto nos salva de interpretações extremas e incorretas. Vamos considerar alguns pontos importantes acerca dessa passagem da Escritura:

1. Ao contrário das Epístolas Pastorais a Timóteo e Tito, que foram escritas para ministros que serviam em muitas áreas diferentes, 1 Coríntios foi escrita a uma igreja específica em Corinto.
2. Ela foi escrita principalmente para tratar de problemas e questões específicas que surgiram em Corinto.
3. 1 Coríntios 14 lida com as práticas de três grupos que estavam causando significativas rupturas no serviço de adoração em Corinto.
4. Essas rupturas foram causadas *por homens e também por mulheres*:
 - a. os homens estavam falando em línguas sem um intér-

54 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

prete (v. 27, 28).

- b. os homens estavam profetizando sem esperar que os outros tivessem terminado de falar (v. 29-33).
 - c. as mulheres “continuavam fazendo perguntas” (*eperōtatōsan*)¹ enquanto as pessoas estavam falando (v. 34, 35).
5. Paulo ordena que *todos os três grupos* (inclusive os homens que estavam sendo perturbadores) “ficassem quietos” — usando uma palavra bem forte em grego (*sigāō*) — uma palavra que ele não usa em 1 Timóteo, onde ele instrui as mulheres a que permaneçam caladas durante o serviço de adoração (1 Tm 2:11, 12).

Precisamos lembrar que Paulo não está falando sobre uma classe de Escola Sabatina, mas explicando como os cristãos em Corinto podiam preservar a reverência e o decoro na adoração, o que obviamente era um problema.

Você consegue imaginar hoje, em sua igreja, como seria se homens e mulheres fossem tão perturbadores como eram na igreja de Corinto? Naturalmente, eles seriam solicitados a ficar em silêncio e a parar de interromper o serviço. Isso não significa que eles deveriam permanecer em silêncio para sempre. Em vez disso, eles — tanto homens quanto mulheres — deveriam falar com amor cristão e ordeiramente.

Você pode estar se perguntado, se 1 Coríntios 14 foi endereçada a um problema específico, num lugar específico, numa época específica, por que esta carta foi preservada na Bíblia para nós, na atualidade? Para que aprendamos do exemplo deles e vejamos como Deus vê a importância da autoridade e da ordem. Por exemplo, no verso 32, é-nos dito que “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas”, e o verso seguinte declara: “Porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos”.

Olhando um pouco mais fundo

Por outro lado, o que Paulo quer dizer quando escreve em 1 Ti-

móteo 2:11, 12 que as mulheres “esteja[m], porém, em silêncio” (v. 12, ARA) ou, como algumas traduções trazem, de modo enganoso, que “elas devem ficar em silêncio” (NTLH)?

Naturalmente, quando a tradução não é clara, é sempre bom ver o idioma original. A palavra em grego é *hēsychia*, que significa um “estado de quietude, sem perturbação”. Outra forma dessa palavra grega é *hēsychion*, usada em 1 Timóteo 2:2—“para que vivamos vida *tranquila e mansa* . . .”. Assim, quando consideramos 1 Timóteo 2, é importante compreender que nos versos 11 e 12 Paulo não está enfatizando o *silêncio* (como em 1 Co 14:34, que usa *sigāō*, “estar em silêncio”), mas um esforço positivo e proativo de procurar paz e harmonia.

Na verdade, essa ideia de harmonia (*homonoia*) era tão importante nas grandes cidades da Ásia Menor no primeiro século, que ela é refletida nas suas moedas. As cidades de Éfeso, Esmirna e Pérgamo se envolveram em intensa rivalidade política para ser a cidade preeminente na província romana da Ásia. Essa rivalidade, claro, foi cara, e teve resultados negativos, inclusive grandes despesas da cidade em esbanjadores projetos de construção para conseguir status e privilégios de Roma. As moedas *homonoia*, que retratavam amizade e harmonia entre duas cidades, parecem ter sido um esforço para apaziguar um pouco essa rivalidade.²

Plutarco (45-120 d.C.), historiador e autor grego, conhecia o clima político entre as cidades gregas. Ele motivava os políticos a agirem sabiamente ao encorajar os cidadãos a garantir “uma vida de harmonia e quietude” (*meth’ hēsychias kai homonoias katabiōnai*), servindo-se da mesma palavra grega que é usada duas vezes em 1 Timóteo 2:11, 12. Paulo não poderia estar expressando aqui um pensamento semelhante a Timóteo, como modo de evitar rivalidade nas igrejas entre homens e mulheres?

Ponto de vista dos primeiros adventistas

Certamente os primeiros adventistas não viam nessas escrituras uma proibição de que as mulheres falassem na igreja. Daniel T. Bourdeau, ministro adventista, missionário e escritor, respondeu à pergunta de um leitor acerca desses textos. Ele escreveu em *The Advent Review and Sabbath Herald*, (Dec. 2, 1862, 6):

56 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Paulo não tolera [permite] que uma mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre um homem; e não entendemos pelas Escrituras que as mulheres alguma vez foram ordenadas apóstolas, evangelistas ou anciãs; e não cremos que elas deveriam ensinar desse modo. Contudo, elas podem realizar papel importante em contar a verdade a outros [citando Fl 4:3; Rm 16:3; At 18:2, 26, e outros].³

Ensino autoritativo na Igreja

Em 1 Timóteo 2:12, o par de infinitivos “ensinar” e “ter autoridade” está unido na estipulação “eu não permito”, e se refere à proibição de Paulo de que as mulheres exercessem uma função de ensino *autoritativo* sobre um homem na igreja. Paulo baseia essa prática não na cultura ou no costume, mas no relato de Gênesis acerca da Criação e da Queda (ver 1 Tm 2:13-15). As mulheres são encorajadas a apoiar a ordem de Deus junto à liderança da igreja. Dentro desse arranjo, as mulheres podem ter várias funções de ensino diferentes, como classes de Escola Sabatina, seminários, pregação, evangelismo, etc.

Então, o que é uma função de ensino autoritativo? Resumindo, se refere ao fato de cada congregação local ser supervisionada por um ancião ou ministro bíblicamente qualificado (1 Tm 3:2-7), que é responsável por “pregar a palavra” (2 Tm 4:2) e garantir que a “sã doutrina” caracterize todas as atividades de ensino da igreja (Tt 1:9). O próximo capítulo trata esse assunto detalhada

Notas:

1. Palavras italizadas entre parêntesis apontam as palavras gregas originais que estão sendo traduzidas.
2. John Paul Lotz, “The *Homonoia* Coins of Asia Minor and Ephesians 1:21,” *Tyndale Bulletin*, vol. 50, no. 2 (1999), 180.
3. D. T. Bourdeau, “Spiritual Gifts,” *Advent Review and Sabbath Herald*, vol. 21, no. 1 (December 2, 1862), 6, col. 2.

CAPÍTULO 6

O CAVALEIRO SEM CABEÇA CAVALGA NOVAMENTE

De um modo ou de outro, o mito do cavaleiro sem cabeça tem aterrorizado pessoas durante séculos. Em fábulas populares celtas, um irlandês “dullahan” cavalga um cavalo negro e carrega a cabeça sob a coxa. Onde quer que o dullahan pare, alguém morre. Uma fábula escocesa popular fala de um cavaleiro sem cabeça cavalgando um cavalo sem cabeça enquanto eles assombram a ilha de Mull.

As lendas alemãs dos irmãos Grimm descrevem um cavaleiro sem cabeça num longo casaco cinza, montado num cavalo cinza, e outro cavaleiro sem cabeça chamado “o caçador selvagem”, que adverte os caçadores a não cavalgarem no dia seguinte porque eles sofrerão um acidente.

No folclore norte-americano, o Homem Sem Cabeça é um personagem da curta história “A lenda da Caverna Adormecida”, escrita por Washington Irving. Situada na época da Guerra Revolucionária Americana, o fantasma desse soldado sem cabeça levanta da sepultura em todos os Halloween e galopa procurando sua cabeça. Recentemente, essa fábula americana tem sido revivida e reestruturada num seriado de televisão popular e internacional conhecido como “Sleepy Hollow”.

Cabeças são importantes

A ideia de um corpo sem cabeça é aterrorizante. Há algo medonho

58 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

acerca da decapitação; o pensamento de uma cabeça separada do corpo deixa muitas pessoas enjoadas. Todo *corpo* precisa de uma cabeça!

Assim como o corpo humano precisa de uma cabeça para funcionar adequadamente, o mesmo ocorre com a Igreja. Esse é o motivo de lermos em Efésios 5:23 que “Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo”.

Não há debate—pelo menos entre os Adventistas do Sétimo Dia—de que Cristo é o cabeça da Igreja. Ele fundou a Igreja (Mt 16:18) e é seu “Pastor Supremo”, fornecendo um modelo de liderança para os subpastores—os ministros e anciãos da Igreja (1 Pd 5:1-4).

O contexto é importante

Logo, não há controvérsia de que Cristo, e não o homem, é o cabeça da Igreja. Lembremos, no entanto, que quando aceitamos um texto, aceitamos a passagem (ou contexto) *em sua totalidade*. Por exemplo, alguns cristãos acreditam em Êxodo 20:8, “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar”, aplicam o texto ao domingo e ignoram o restante da passagem—“Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus. . .” (v. 9, 10).

Infelizmente, a mesma seletividade acontece algumas vezes com outras passagens, como Efésios 5:23. Embora compreendamos e aceitemos o fato de Cristo ser o cabeça da Igreja, vamos olhar o verso em seu contexto:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela. (Ef 5:22-25)

O que não é dito

Em primeiro lugar, vamos observar o que esse texto *não* está dizendo. Ele não está dizendo que *todas* as mulheres devem ser

submissas a *todos* os homens. Também não diz que a esposa deve ser “subserviente” ao marido ou “subjugada” por ele. Subserviência quer dizer “obedecer a outros sem questionar”¹ ou ser “menos importante”. Ser subjugado significa ser mantido “sob o domínio ou controle”² Essa ideia é completamente contrária ao ensinamento bíblico e definitivamente *não* é o que o texto está dizendo.

Por outro lado, “submeter” significa “aceitar” ou “se render a”³ para “parar de tentar lutar”.⁴ A palavra também pode significar “apresentar ou propor ao outro revisão, consideração”.⁵

Naturalmente, “submeter” também pode se referir a uma situação controladora, negativa, que, infelizmente, pode acontecer (e acontece) quando os homens não levam a sério o contexto do verso e não recordam que eles devem “ama[r] vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (v. 25).

O que isso quer dizer?

Sobre o que essa passagem realmente fala? Ela fala de esposos e esposas experimentando juntos uma vida de amor mútuo, compreensão e apoio. Isso quer dizer que esposas e esposos devem conversar, consultar um ao outro e tomar decisões mútuas. Significa que o marido deve ser o protetor e o mantenedor da mulher—como Cristo faz com a Igreja. Também significa que se os dois chegarem a um impasse—como acontece algumas vezes, o caminho bíblico é que a esposa “se submeta” ou aquiesça com o esposo. É interessante que *aquiescer* se origina de uma palavra francesa, *acquiescer*, que quer dizer estar quieto, tranquilo, descansando. *Aquiescer* significa “aceitar, concordar ou permitir”.

A propósito, isso não significa que o marido nunca deveria ouvir a esposa. Estamos certos de que há muitos exemplos em que um esposo seguiu o conselho da esposa e ficou satisfeito!

Contudo, o texto é claro: “Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (v. 24, 25). Tão importan-

60 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

te quanto a esposa se render ao esposo é a advertência para que o marido ame sua mulher tanto quanto Cristo ama a igreja.

Embora não vivamos num mundo perfeito e os seres humanos com frequência não alcancem os padrões de Deus, como Seu povo, sabemos que “colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras”.⁶

A família do cristão e a família de Deus

No entanto, como isso se relaciona com a Igreja? Paulo não está falando aqui do relacionamento matrimonial entre marido e mulher? Sim. Em Efésios 5 ele está se referindo à “família”—nesse caso, marido e mulher. Entretanto, em 1 Timóteo 3:15 Paulo fala de outra família—a “família de Deus”—que é composta de homens, mulheres e filhos devotos.

Do mesmo modo que há regras bíblicas (ou “códigos”) sobre como deve funcionar um lar cristão, há também códigos bíblicos sobre como a família de Deus—isto é, a Igreja—deve funcionar. Esse é o motivo por que Paulo escreveu essas importantes cartas a Tito e Timóteo: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3:14, 15). E essas cartas pastorais de 1ª e 2ª Timóteo e Tito são precisamente o lugar onde encontramos esses códigos da Igreja esclarecidos (v. 15).⁷

“Nova Teologia de Liderança?”

Por séculos, a igreja cristã e os códigos familiares apresentados no Novo Testamento têm sido entendidos e praticados por muitas denominações cristãs, inclusive a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Somente no último século, um tempo relativamente recente, esses códigos se tornaram assunto para análise ou consideração adicional.

É interessante notar que em 2014 a maioria dos membros do

Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação da Conferência Geral encontrou clara evidência na Escritura para um modelo bíblico de liderança espiritual masculina “que tem validade através do tempo e da cultura”.⁸

Infelizmente, a despeito disso, algumas pessoas se referem à “Teologia da Liderança” de modo depreciativo, caracterizando como equivocados aqueles que levam a sério as instruções a respeito da casa (Ef 5:22-25) e da igreja (1 Tm 2 e 3; Tt 1:5-9). Eles afirmam que a ideia de liderança espiritual masculina na igreja é um ensino razoavelmente recente (das décadas de 1970 e 1980), o qual tem sido levado à Igreja através de uns poucos adventistas.

Mas a história prova outra coisa. Vamos dar uma olhada no que alguns adventistas respeitados escreveram.

Liderança espiritual masculina ensinada pelos primeiros adventistas

Num artigo intitulado “Woman’s Place in the Gospel” [O lugar das mulheres no Evangelho], J. H. Waggoner, editor de *The Signs of the Times*, escreveu:

O arranjo divino, *mesmo desde o início*, é este: que o homem é o cabeça da mulher. Toda relação é desrespeitada ou abusada nessa era desordenada. Mas as Escrituras sempre mantêm essa ordem na relação familiar. ‘Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja.’ Ef 5:23. O homem tem direito a certos privilégios que não foram dados à mulher; e ele está sujeito a algumas obrigações e fardos dos quais a mulher está isenta. Uma mulher pode pregar, profetisar, exortar e confortar a igreja, *mas ela não pode ocupar a posição de um pastor ou um ancião principal*. Isso seria visto como um exercício de autoridade sobre os homens, o que é aqui [1 Tm 2:12, NVI] proibido.⁹

Outra clara declaração foi feita por Elder G. C. Tenney, editor de *Bible Echo*, publicação adventista na Austrália. No artigo “Woman’s Relation to the Cause of Christ” [A relação da mulher com a causa de Cristo], publicado em 15 de Março de 1892 em *Bible Echo*

62 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

e republicado em 24 de Maio de 1892 em *Review and Herald*, ele escreveu:

Retornando aos ensino de Paulo [1 Co 14:34-37], cujos escritos estão em questão, percebemos muito claramente que ele era amigo, não adversário, das mulheres na obra da igreja cristã. É verdade que ele insiste que a ordem de Deus seja preservada.¹⁰

Então, ele continuou a explicar o que era a ordem, ou seja, que não é plano de Deus que a mulher comande o lar ou a Igreja.

Uma nova teologia?

Como podemos ver, a liderança espiritual masculina no lar e na Igreja não é uma ideia nova que se ergueu apenas no final do século vinte. A liderança masculina não foi uma ideia nova nem mesmo na época do apóstolo Paulo, como indicada pelo próprio Paulo em 1 Timóteo 2:12-14, onde ele se refere à ordem da criação em seu estado pré-queda como um apoio para seu ponto de vista de que os homens deveriam ser os líderes espirituais na Igreja de Deus.¹¹

Infelizmente, alguns adventistas hoje em dia tentam eliminar completamente qualquer noção de liderança bíblica ao declarar que os defensores da chamada “teologia da liderança” encontraram “um novo modo de interpretar a história da Criação, onde Adão e Eva eram iguais, mas não iguais”, e usaram esse “princípio” como um guia para o modo como todos os textos bíblicos relacionados a mulheres deviam ser interpretados”.¹²

Nada poderia estar mais distante da verdade. Em primeiro lugar, já vimos que o ensino da liderança espiritual masculina não é nova. Em segundo lugar, como Adventistas do Sétimo Dia, cavamos fundo na Escritura, comparando texto com texto, construindo uma teologia a partir de toda a Bíblia.

O que a Bíblia diz?

Gênesis 1 descreve a criação dos primeiros seres humanos nessas palavras: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem

de Deus o criou; homem e mulher os criou”. (Gn 1:27)

Como ambos, homem e mulher, foram criados à imagem de Deus, ambos têm valor igual. A cultura moderna deseja que pensemos que igual significa idêntico. Mas a igualdade não destrói nossa singularidade. Deus crê em diversidade, não em uniformidade. Ele não criou dois Adãos—Ele criou um Adão e uma Eva—complementares um ao outro enquanto cada um deles desempenha as funções dadas por Deus.

E eis que era muito bom

Depois que Adão e Eva foram criados “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom”. (Gn 1:31) Na verdade, era perfeito. Ao fitar esse mundo perfeitamente criado, aprendemos muito acerca das funções que Deus deu aos Seus supremos atos de criação—homem e mulher. Observemos o texto:

1. *Ordem de Criação.* De acordo com Gênesis 2, Deus formou o homem (*ha 'adam*)¹³ primeiro e o colocou no Jardim do Éden para cuidar dele. Antes de criar Eva, Deus instruiu o homem acerca da Árvore do Conhecimento do Bem e do mal. Deus levou os animais a ele e responsabilizou-o de dar-lhes nomes. Quando Deus levou o primeiro ser humano feminino ao homem, também deu-lhe a responsabilidade de dar um nome a ela. E agora, pela primeira vez, ouvimos uma voz humana na Escritura—é a voz do homem, falando em bela poesia e chamando-a “Mulher [*'isha*], porque ela foi tirada do homem [*'ish*” (v. 23, NVI):

*Esta, sim, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne!
Ela será chamada mulher,
porque do homem foi tirada.*

O paralelismo desses dois relatos de nominação, usando o mesmo verbo hebraico (*qara'*) para “ele chamou /nominou”, é outra indicação de que ao homem foi dada a função de liderança principal nesse novo mundo, motivo de Adão ter sido criado antes de Eva.

64 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Alguns oponentes argumentam que, seguindo esse raciocínio, os animais teriam domínio sobre Adão já que foram criados antes do homem. No entanto, esse argumento apoia a teoria evolucionária, em que humanos são parte do reino animal, sem reconhecer que os seres humanos foram feitos “à imagem e semelhança de Deus” e deveriam “ter domínio” (Gn 1:16) sobre os animais e outras criaturas vivas. Observe que o texto não diz que Adão devia “ter domínio” sobre Eva.

2. *O homem tem a responsabilidade principal.* Outra indicação de que Adão foi feito o líder principal é encontrada em Gênesis 2:24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une [literalmente, “se gruda”] à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Não é simples coincidência o homem tomar a iniciativa para deixar pai e mãe (observe novamente a ordem: masculino, e então o feminino). A razão apresentada para o homem deixar seus pais é que ele deve “grudar-se” ou “agarrar-se” à sua esposa. Isso sugere que ele deve tomar a responsabilidade por sua permanência juntos e pela proteção dela. Portanto, Adão foi criado como o homem prototípico, (Gn 2:7, 15-23) assim como o marido exemplar (2:24, 25).

3. *Uma função diferente dada à mulher desde o início.* A função da mulher na história da Criação em Gênesis 2 é diferente da função de Adão, embora não menos importante. Originalmente, ela foi “estruturada” (*banah*) de uma das costelas do homem. Deus poderia ter feito a mulher a partir do pó da terra (como o homem), para demonstrar que eles eram exatamente a mesma coisa, mas as interações do Criador com o homem antes da criação da mulher e o modo como ela foi criada indicam uma diferença em função.

O fato de a mulher ter sido criada da parte lateral do homem demonstra não apenas a igualdade da mulher em relação ao homem mas também a identidade com ele em termos de natureza; e também ressalta que o homem foi criado primeiro e recebeu de Deus a responsabilidade principal pela liderança da família humana. A mulher é designada por Deus como “uma auxiliadora que lhe seja idônea [ao homem]”. (Gn 2:18)

Uma auxiliadora que lhe seja idônea

O termo hebraico aqui (*‘ezer*), tanto na forma nominal (“auxiliadora”) como na forma verbal (“auxiliar”) frequentemente se refere ao auxílio divino, (como em Gn 49:25, Dt 33:26 e Sl 115:9-11), mas também pode se referir ao auxílio prestado por seres humanos. Por exemplo, Deus advertiu o príncipe de Jerusalém de que espalharia todos *os que o ajudassem* e as tropas (Ez 12:14), um exemplo claro onde o substantivo se refere a seres humanos. O verbo é utilizado de modo semelhante: as duas tribos e meia *ajudaram* o segmento maior de Israel a conquistar Canaã (Js 1:14; de modo similar, 10:6); Abisai *ajudou* Davi contra os filisteus (2 Sm 21:17); o exército de Manassés veio para *ajudar* Davi pouco antes da morte de Saul (1 Cr 12:19-21 [Hebraico, v. 20-22]); as tropas *ajudaram* o rei Uzias contra o inimigo (2 Cr 26:13); e homens valentes *ajudaram* o rei Ezequias a cortar o suprimento de água fora de Jerusalém em antecipação ao ataque de Senaqueribe (2 Cr 32:3).

Como a palavra em si (*‘ezer*) não diz nada sobre a condição relativa de alguém que presta ajuda, isso deve ser decidido pelo contexto. No entanto, observe que, em todos esses exemplos de *‘ezer* como um termo para auxílio humano, a condição daquele que é ajudado é maior: a porção maior de Israel é ajudada pelo menor segmento e os reis de Israel receberam o auxílio. Esse uso também é adequado ao relato da criação em Gênesis—o homem tem a função principal enquanto que a mulher foi criada “para ele” (*lo*) como auxiliadora que o apoiasse (*‘ezer*).

Igualdade e individualidade

Paulo entende essa perspectiva quando cita Gênesis 1 e 2 ao sustentar diferentes funções na Igreja para homens e mulheres dentro da estrutura de igualdade e individualidade (Ver 1 Co 11:7-9 e 1 Tm 2:13).

É importante lembrar que o fato de a mulher ter sido formada a partir do homem de modo algum sugere superioridade ou inferioridade diante dele ou um relacionamento de domínio/subserviência, nem sugere um sistema de castas masculino-feminino. Ellen

66 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

White escreveu: “Eva foi criada de uma costela tirada do lado de Adão, significando que não o deveria dominar, como a cabeça, nem ser pisada sob os pés como se fosse inferior, mas estar a seu lado como igual, e ser amada e protegida por ele.”¹⁴

Relacionamento harmonioso atacado

Infelizmente, o relacionamento feliz, harmonioso no Éden entre dois iguais— ambos confiando em Deus como Pai, ele como líder e ela como auxiliadora—logo foi atacado. Ao contar a triste história da Queda, Gênesis 3 descreve a destituição da ordem da Criação de Deus: o homem está ausente; a serpente fala com a mulher como se ela fosse a dirigente e representante da família; e a mulher aceita a função dada a ela pela serpente. Na verdade, a serpente vai além, afirmando que a proibição de Deus “foi dada para conservá-los [Adão e Eva] num tal estado de subordinação que lhes vedasse o conhecimento, que era poder”.¹⁵ A resposta de Eva à insinuação de injustiça com a leve variação na verdadeira ordem de Deus reflete já a má influência da serpente em sua egoísta caracterização de Deus: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, *nem tocareis nele*, para que não morrais”. (Gn 3:2, 3)

A atividade e a iniciativa do homem foram o foco em Gênesis 2, mas agora no capítulo 3 a mulher é mostrada tomando a iniciativa. Baseada na conversa com a serpente, ela *raciocina* rumo a uma decisão, *toma* o fruto proibido, *come* dele e o *oferece* a Adão (v. 6).

Reversão total da liderança

Em nítido contraste com Gênesis 2, onde a mulher é chamada “sua mulher” ou “esposa” (v. 24) o homem agora é chamado “seu homem” ou “marido” (3:6). Resumindo, há uma total reversão de liderança baseada na ordem da Criação. O homem comeu a fruta depois dela, seguindo a iniciativa e exemplo da mulher. Paulo indica as funções de homens e mulheres estabelecidas na Criação e as consequências dessa reversão como uma base escriturística para preservar a autoridade masculina de ensino na Igreja (1 Tm 2:13, 14).

Ação decisiva do homem

O significado dramático dessa reversão é destacado pelo modo como Gênesis descreve os resultados da Queda. A decisão do homem em comer do fruto é uma ação decisiva, não a da mulher. Como sabemos?

1. Apenas depois que Adão comeu é que as consequências ficaram claras: os olhos dos dois se abriram; eles perceberam que estavam nus e fizeram roupas com folhas de figueira para cobrir as regiões genitais; então ouviram a voz de Deus e se esconderam (Gn 3:7, 8).

2. Quando Deus confronta esse desafio à Sua ordem, procurou Adão, não Eva, como o responsável principal: “E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?” O pronome *voce* em hebraico está na forma singular masculina, referindo-se apenas a Adão.

3. No interrogatório ao casal fica evidente que o homem detém a responsabilidade principal. Deus primeiro faz perguntas detalhadas a Adão e, a seguir, perguntas breves à mulher (ver Gn 3:9-11).

4. Ao pronunciar juízo sobre Adão, Deus enfatiza a entrega que ele fez da responsabilidade de liderança como o primeiro passo em falso mesmo antes de comer o fruto: “Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore. . .” (v. 17).

Em reconhecimento ao princípio de liderança de Deus, Paulo indica plena responsabilidade pela Queda da raça humana a Adão, como indicado em 1 Coríntios 15:22: “Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (ver também Rm 5:12-19).

Consequências do pecado

A Queda introduziu o pecado no mundo, trazendo dor e sofrimento em todas as experiências humanas. Os relacionamentos existentes estão transformados. Adão não deseja mais se identificar com Eva, sai de seu caminho para evitar chamá-la “minha mulher” e em vez disso usa uma frase bem longa: “A mulher que me deste

68 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

por companheira” (Gn 3:12, ARC). Fazendo assim, Adão também se distancia do Criador e coloca a culpa do pecado em Deus, do mesmo modo como Lúcifer fizera no céu.

Após a Queda, houve violenta competição por’ poder. Deus disse a Eva que o desejo dela seria agora “para” (*’el*) o seu marido (v. 16). A preposição hebraica *’el* pode ser traduzida de modo positivo (“para”) ou negativo (“contra”). Quando ela descreve uma ação “de caráter hostil” deveria ser traduzida como “contra”.¹⁶ Esse significado faz mais sentido em vista de Gênesis 4:7, que utiliza aproximadamente a mesma linguagem. Nesse verso, Deus adverte que o desejo do pecado iria controlar Caim, mas que ele deveria dominá-lo. De modo semelhante, em Gn 3:16 Deus informa a Eva que agora, por causa do pecado, “o teu desejo será *contra* o teu marido” (v. 16).¹⁷ Ela desejará dominá-lo e controlá-lo (como já acontecera quando ela o encorajou a comer do fruto proibido).¹⁸

A solução de Deus para essa situação é que a liderança de Adão continue: “Ele te governará” (v. 16). Se a função de liderança do homem seria predominantemente positiva ou negativa dependeria de ele exercer essa função tendo em vista a amorosa liderança de Deus (como resumida em Ef 5:25), bem como a disposição da mulher em aceitá-la. Infelizmente, como observa Ellen White: “Mas o abuso da supremacia assim dada ao homem tem tornado a sorte da mulher mui frequentemente bastante amargurada, fazendo de sua vida um fardo”.¹⁹

Antes do pecado o relacionamento entre o homem e a mulher era perfeito e harmonioso: Adão exercia liderança altruísta e Eva o auxiliava e encorajava.

Teoria e prática

Eu (Gina) preciso admitir que essa discussão sobre liderança pode soar muito teórica—até que você a coloque em prática. Por exemplo, houve um tempo em que eu ignorei completamente a ideia de submissão como esquematizada em Efésios 5. Com a maturidade em minha caminhada cristã, não ignorei mais o texto, mas ainda lutava com seu significado. Por fim, um dia decidi ter uma conversa franca com Deus sobre esse assunto.

“Deus”, orei. “Creio que a Bíblia—toda ela—é Tua Palavra, e isto inclui

Efésios 5. Mas Tu queres dizer, realmente, que eu devo ser submissa ao meu esposo? E o que significa me “submeter” a ele? Eu quero entender, de verdade, esse texto—por favor, mostra-me o sentido real”.

A paz me envolveu e me aqueceu como um cobertor. Eu sabia que Deus ouvira meu sincero pedido e me respondera. Eu estava maravilhada com o modo claro e rápido com que Ele respondeu minha oração.

Meu esposo contratou um seguro de saúde adicional com cobertura para câncer. Pensei que não seria uma ideia ruim até ver quanto saía mensalmente de nossos salários para essa cobertura extra.

“Acho que não precisamos dessa cobertura para câncer”, disse a Clint. “Está muito caro! Além disso, quais são as chances de você ou eu contrairmos câncer? Nós dois somos bem saudáveis”. Até nosso contador concordou—nós poderíamos cancelar essa despesa desnecessária.

“Acho que devemos continuar com essa cobertura” - insistiu Clint. “O que faríamos se um de nós fosse diagnosticado com câncer? O tratamento tem custo altíssimo e nosso seguro regular não cobre nada. E ainda pagaríamos milhares de dólares”.

Eu ainda não estava convencida—tudo o que eu conseguia ver eram as deduções mensais do salário.

Então me lembrei: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela. (Ef 5:22-25)

“Bem”, disse a Clint, “ainda não creio que seja necessário, mas se você realmente acredita que é melhor mantermos o seguro adicional, vamos mantê-lo”.

70 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Um mês mais tarde fui diagnosticada com câncer. Fiz muitas consultas médicas, testes laboratoriais, uma cirurgia grande e tratamento radioativo. Hoje em dia, louvado seja Deus, estou livre do câncer. Bênçãos semelhantes fluem do plano de liderança de Deus para a Igreja.

Notas:

1. Dicionário, <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=subservient> (acessado em 23 de Março de 2015).
2. *Concise Oxford English Dictionary*, 12th ed. (New York, Oxford University Press, 2011), 1436.
3. Ibid.
4. Merriam-Webster Online Dictionary, <http://www.merriam-webster.com/dictionary/submit> (acessado em 23 de Março de 2015).
5. Ibid.
6. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 333.
7. Para mais informações sobre códigos de família e igreja, ver Clinton Wahlen, "Is 'Husband of One Wife' in 1 Timothy 3:2 Gender-Specific?" (artigo apresentado no Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação, Columbia, MD, 23 de Janeiro de 2014), 21, 22, [https://www.adventistarchives.org/is-\"husband-of-one-1-wife\"-in-1-timothy-32-gender-specific.pdf](https://www.adventistarchives.org/is-\) (acessado em 18 de Março de 2015).
8. *Theology of Ordination Study Committee Report*, 100, www.adventistarchives.org/final-tosc-report.pdf (acessado em 18 de Março de 2015).
9. J. H. Waggoner, "Woman's Place in the Gospel," *The Signs of the Times*, Dec. 19, 1878, 380, col. 3 (grifo nosso).
10. G. C. Tenney, "Woman's Relation to the Cause of Christ," *The Advent Review and Sabbath Herald*, May 24, 1892, 329, col. 1.

11. Para uma análise mais detalhada, ver capítulo 5, “As mulheres devem ficar caladas?”
12. Martin Hanna and Cindy Tutsch, eds., *Questions and Answers About Women’s Ordination* (Nampa, ID: Pacific Press, 2014), 150.
13. Palavras italicizadas entre parênteses apontam as palavras originais hebraicas que estão sendo traduzidas.
14. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 46.
15. Ellen G. White, *No Deserto da Tentação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 17.
16. Francis Brown, S. R. Driver, and Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Oxford University Press, 1907), 40 (§413.4).
17. Cf. the New English Translation: “Você desejará controlar seu marido” (Gn 3:16, NET).
18. Comentando Gênesis 3:16, Derek Kidner, *Genesis: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentary, vol. 1 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1967), 71, descreve o relacionamento transformado desse modo: “‘Amar e estimar’ se transforma em ‘desejar e dominar’”.
19. White, *Patriarcas e Profetas*, 59.

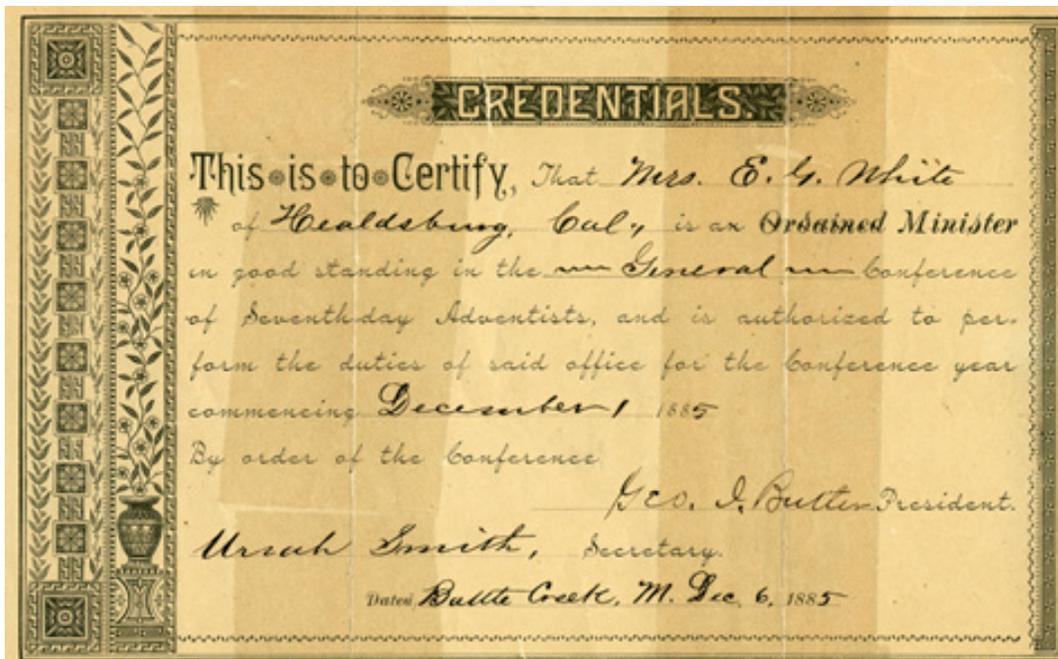
CAPÍTULO 7

E QUANTO A ELLEN WHITE?

“**E**llen White foi ordenada”, disse-me um amigo pouco tempo atrás. “E posso provar—tenho uma cópia do certificado de ordenação dela”.

Como guia de turismo durante seis anos em “Elmshaven”, o último lar de Ellen G. White, localizado em Santa Helena, Califórnia, eu (Gina) estava familiarizada com o assunto do “certificado de ordenação”.

Quando os visitantes chegam pela primeira vez em Elmshaven são direcionados para o cômodo principal com uma lareira, que tinha sido o quarto de Sara McEnterfer, assistente de Ellen White e companheira de viagem. Atualmente o quarto tem muitos objetos históricos e artigos organizadamente dispostos em molduras de vidro. Na prateleira de cima de uma dessas vitrines está a cópia de um certificado de credencial ministerial emitido pela Conferência Geral para a senhora E. G. White—com a palavra *Ordenada* cuidadosamente riscada. O certificado foi assinado pelo então presidente da Conferência Geral, George I. Butler e Uriah Smith, secretário da Conferência Geral, em Battle Creek, Michigan, em 6 de Dezembro de 1885.



Venho com este certificar que a senhora E. G. White, de Healdsburg, Califórnia, é uma **Ministra Ordenada** em conformidade com a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, e está autorizada a realizar as obrigações da função em questão para o ano, a partir de Dezembro de 1885.

Sob ordem da Conferência.

George I. Butler, Presidente

Uriah Smith, secretário

Data: Battle Creek, Michigan, 6 de Dezembro de 1885.

A cópia original dessas credenciais, guardada no White Estate em Silver Spring, Maryland, é um dos últimos seis certificados, alguns dos quais não têm riscada a palavra *Ordenada*. Sendo assim, ela foi ou não foi ordenada?¹

Ellen White foi ordenada?

Ellen White mencionou duas vezes o chamado de Deus para que

ela servisse como “a mensageira do Senhor”.² A primeira declaração foi feita em 1906:

Na idade de setenta e oito anos, estou ainda em atividade. Estamos todos nas mãos do Senhor. Confio nEle; pois sei que Ele nunca deixará nem abandonará os que nele põem a confiança. Estou entregue à Sua proteção.

E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério.³

Cinco anos depois, olhando para o início do ministério profético, ela escreveu: “Na cidade de Portland [Maine], o Senhor me ordenou como Sua mensageira, e aqui meus primeiros labores foram dedicados à causa da verdade presente”.⁴

Nesse sentido, está claro que Ellen White foi ordenada. No entanto, sua ordenação foi *sui generis* e o Próprio Senhor foi Seu profeta. Esse fato a distingue de todas as outras formas de ordenação.

De acordo com os Depositários do Ellen G. White Estate, Ellen White “jamais foi ordenada por mãos humanas, não tendo, tampouco, realizado casamentos, organizado igrejas ou oficiado batismos”.⁵

Além do mais, de 1871 até quando morreu, ela recebeu as mesmas credenciais ministeriais que os ministros ordenados. No certificado datado em 1885, a palavra *Ordenada* está riscada, mas no próximo, em 1887, não está. Por causa disso, algumas pessoas sugerem que Ellen White deve ter sido ordenada entre 1885 e 1887. No entanto, se esse for o caso, por que lhe foram votadas credenciais de ministra ordenada nos quinze anos anteriores?⁶ Na verdade, no primeiro dos certificados que restaram, datado de 1 de Outubro de 1883, a palavra *Ordenada* não foi riscada. Ninguém pode argumentar que riscar a palavra *Ordenada* em 1885 significava que a “ordenação foi removida” dela naquele ano.

Em vez disso, cortar a palavra *Ordenada* demonstra o desconforto de dar credenciais a um profeta—função para a qual a Igreja obviamente não tinha credencial especial. Assim, a Igreja daquele período emitiu a Ellen White as credenciais mais altas. Contudo, o profeta não precisa de credenciais humanas. Essas credenciais

76 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

estavam num nível ainda mais elevado, ordenado pelo Próprio Deus, como demonstrado pelo fato de que antes de 1871 ela serviu como “a mensageira do Senhor” por mais de vinte e cinco anos sem quaisquer credenciais.

Ellen White responde a pergunta

Além disso, a própria Ellen White claramente indica que ela não foi uma ministra ordenada. Em sua “Página de Informação Biográfica”, preenchida em 1909 para os registros da Conferência Geral, é feita uma pergunta: “Se ordenado, declare quando, onde e por quem”. Ao lado dessa pergunta (item 19 no formulário), apenas encontramos um “X”— a mesma resposta que ela deu ao item 26, que pergunta: “Se casou novamente, preencha a data e o nome do cônjuge”.

Assinalar essas duas perguntas separadas com um “X” indica que Ellen White não casou novamente e nem foi ordenada. Ela não está aqui negando que Deus a chamou e a dotou para um ministério profético excepcional; Ela está apenas respondendo a intenção óbvia da pergunta, indicando que nenhuma cerimônia de ordenação foi realizada para ela.⁷ Como ela indicou em 1903: “Ninguém jamais me ouviu pretender a categoria de líder da denominação”.⁸

Ellen White e a ordenação de mulheres

O mais próximo que Ellen White chegou quanto ao chamado para mulheres serem ordenadas está na declaração a seguir, publicada em 1895:

Mulheres que estejam dispostas a consagrar algo do seu tempo ao serviço do Senhor devem ser designadas para visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar às necessidades dos pobres. Devem ser separadas para esse serviço pela oração e imposição das mãos. Em alguns casos, necessitarão aconselhar-se com os oficiais da igreja ou o ministro, mas, se forem mulheres devotadas, mantendo uma ligação vital com Deus, serão um poder para o bem na igreja. Esse é outro meio de fortalecer e edificar a igreja. Precisamos distribuir-nos mais

em nossos métodos de trabalho. Mão nenhuma deve ser amarrada, nenhuma pessoa desencorajada, nenhuma voz calada; que cada indivíduo trabalhe, particularmente ou em público, para ajudar a promover esta grande obra. Coloquem-se fardos sobre homens e mulheres da igreja, para que cresçam como resultado do exercício, e assim se tornem agentes eficazes na mão do Senhor para a iluminação daqueles que se assentam nas trevas.⁹

Essa declaração claramente requer a separação de mulheres para uma obra especial “pela oração e imposição das mãos”. Alguns têm até caracterizado isso como um chamado para algum tipo de “ordenação”, embora Ellen White não utilize a palavra aqui.

Qual é essa obra especial para a qual as mulheres deveriam ser separadas? Permitamos que a própria Ellen White defina o significado:

1. Esse ministério é para um trabalho em período parcial. “Mulheres que estejam dispostas a consagrar *algo do seu tempo*. . .” Dessa forma, desde o início, ela não parece estar se referindo ao ministério pastoral. Na verdade, na primeira metade do artigo ela já tratou disso, indicando que *todos* os membros da igreja, tanto homens quanto mulheres,¹⁰ têm uma parte na propagação do evangelho:

Os ministros devem tomar os oficiais e membros da igreja em separado e ensiná-los como trabalhar para o Mestre. Assim, o ministro não terá que realizar todo o trabalho sozinho e ao mesmo tempo a igreja receberá maior benefício que se ele fizesse todo o trabalho, e liberará os membros da igreja para desempenhar a parte que o Senhor designou que fizessem.¹¹

2. O trabalho era um pouco diferente do que a igreja já estava fazendo. A igreja já tinha ministros do evangelho em tempo integral. “Esse é *outro meio* de fortalecer e edificar a igreja. Precisamos distribuir-nos mais em nossos métodos de trabalho”.

3. Pode nem mesmo envolver uma função na igreja no sentido usual do termo. As mulheres “devem ser *designadas* para visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar às necessidades dos pobres”. A declaração em si deixa claro que essa obra não é igualada à do ministro, ou mesmo a de oficiais da igreja como o ancião,

78 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

que era responsável em liderar a congregação, porque ela continua a dizer que algumas vezes essas mulheres “necessitarão aconselhar-se *com os oficiais da igreja ou o ministro*”.

Que tipo de ministério?

Nessa passagem, Ellen White estava pedindo a ordenação de mulheres ao ministério? Apenas se pensarmos no ministério no sentido mais amplo possível. Por outro lado, ela claramente distinguiu esse ministério do ministério do pastor e dos oficiais que lideram a igreja. Afirmar que essa declaração defende a ordenação de mulheres a posições de liderança congregacional ou ministério evangélico em tempo integral não é confirmado pelo conteúdo da declaração em si.

A ênfase do artigo de onde essa declaração frequentemente citada se origina é bem diferente, como uma leitura franca de todo o artigo deixa claro. Observemos outra citação do mesmo artigo que ainda especifica uma das tarefas dessas mulheres que, aliás, são descritas como *auxiliares* do ministro:

Continuemos, ombro a ombro. Todo verdadeiro seguidor de Cristo não está acessível para receber Seus ensinamentos? E todos não deveriam ter a oportunidade de aprender os métodos de Cristo por experiência prática? Por que não colocá-las para trabalhar visitando os doentes e auxiliando de outros modos, mantendo, assim, a igreja numa condição utilizável? Todos deveriam estar em contato próximo com os planos do ministro para que ele pudesse pedir auxílio deles a qualquer momento, e eles conseguiriam trabalhar de modo inteligente com ele. Todos deveriam ser obreiros junto com Deus, e então o ministro sentiria que ele tem auxiliares com quem pode contar. O ministro pode acelerar esse fim desejado ao demonstrar que ele *confia* nos obreiros ao posicioná-los para trabalhar.¹²

Os médicos foram ordenados como ministros?

Como Ellen White disse que as mulheres deveriam ser preparadas como os médicos e, em outra declaração, que os médicos

envolvidos na obra missionária e os ganhadores de almas deveriam ser *separados*, alguns têm sugerido que Ellen White está aqui autorizando a ordenação de mulheres:

A obra do verdadeiro missionário-médico é em grande parte uma obra espiritual. Inclui oração e o impor das mãos; portanto ele deve ser separado para sua obra de maneira tão sagrada como o ministro do evangelho. Os que são escolhidos para desempenhar a parte de médico-missionários, devem ser separados como tais. Isto os fortalecerá contra a tentação de retirarem-se da obra do sanatório para se dedicarem à clínica particular. Não se deve permitir que nenhum motivo egoísta afaste o obreiro de seu posto de dever. Vivemos em um tempo de responsabilidades solenes; tempo em que se deve realizar obra consagrada. Busquemos diligentemente ao Senhor, e com entendimento.¹³

Se Ellen White pretendia que alguns médicos fossem ordenados *como ministros* ela poderia ter dito isso de modo mais claro, para que o médico missionário “fosse separado *como um ministro*”. Em vez disso, ela escreve que ele deve ser *separado para sua obra de maneira tão sagrada* assim como ocorre com o ministro. O médico missionário deve ser “separado como tal”, quer dizer, como um *médico missionário*. Ela ainda explica a motivação para agir assim— fortalecer os médicos contra a tentação de retirarem-se da obra do sanatório (hospital) para se dedicarem à clínica particular.

O que nossa obra médica poderia ser atualmente se tivéssemos uma equipe semelhante de médicos missionários, devotando toda a vida ao ministério médico modelado pelo ministério de Jesus em sanar as necessidades das pessoas, conquistar-lhes a confiança e convidá-las para segui-Lo?¹⁴ Alistar médicos como ministros provavelmente não alcança esse objetivo, mas separá-los como médicos missionários, sim.

Como lemos na declaração de Ellen White, não precisamos conjecturar que tipo de obra ela pretendia que esses médicos missionários realizassem. Falando da natureza espiritual da obra deles, ela escreveu que isto “inclui oração e o impor das mãos”. Ninguém pode argumentar que isso significa que os médicos missionários

estariam ordenando pessoas ao ministério evangélico, ou mesmo ordenando anciãos. Ela está se referindo aqui à oração em prol dos doentes.¹⁵ Essa declaração demonstra que a expressão “oração e o impor das mãos” pode ter outro significado além de ordenação ao ministério evangélico.

Mulheres licenciadas para pregar

Pouco depois da regularização do credenciamento de ministros ordenados em 1861 pela Conferência de Michigan, e a organização da Conferência Geral em 1863, teve início o sistema de emissão de licenças para candidatos promissores ao ministério. O propósito dessas licenças era autorizar como obreiros os que sentiam um chamado ao ministério, para que eles pudessem “comprovar o chamado por meio de obra ativa na causa de Deus”¹⁶ e “aperfeiçoar o dom na pregação conforme os caminhos se abrissem.”¹⁷

A primeira mulher a receber licença para pregar foi Sarah A. (Hallock) Lindsay, em Setembro de 1869.¹⁸ Trabalhando eficazmente ao lado do esposo, ela multiplicou a efetividade deles numa grande área de Nova Iorque e Pensilvânia. A partir dali, e na década de 1900, a Igreja Adventista emitiu essas licenças tanto a mulheres quanto a homens. Devemos ter em mente que nesse período inicial havia poucos ministros e nenhuma trajetória para a ordenação. Logo, o fato de as licenças serem concedidas a mulheres não é uma indicação de que a Igreja pretendia ordená-las. O documento que exigia um exame antes de licenciar qualquer pessoa surgiu apenas em 1878, quase dez anos depois que a primeira mulher foi licenciada.

Na verdade, no início do movimento do Advento os ministros ordenados eram conhecidos apenas como “irmãos pregadores”. Mais tarde, uma vez que a Igreja passou a emitir licenças para pregar, os que eram ordenados foram chamados de “ministros” e receberam “credenciais”, ao passo que os outros eram chamados de “licenciados” e recebiam “licenças”.¹⁹ Durante a maior parte da história da igreja Adventista essa foi uma distinção significativa—como explicou um experiente administrador em 1942:

O ministro licenciado não tem autoridade para presidir

em nenhuma ordenança da igreja. Ele não pode administrar o batismo, nem a Santa Ceia, nem realizar cerimônia de casamento. Ele não pode presidir as sessões ou reuniões da igreja onde os membros são recebidos ou removidos do rol de membros da igreja. Sua licença ministerial não o investe com tal autoridade. Ele está autorizado a pregar, a auxiliar de modo espiritual em todas as atividades da igreja, a conduzir a obra missionária e especialmente a se envolver nos esforços evangelísticos.²⁰

Com essa distinção entre ministros e licenciados em mente, é muito significativo o fato de Ellen White *nunca* ter pedido que as mulheres fossem “ministras”. A substituição do termo *pastores* por *ministros* é um fenômeno relativamente recente. Apenas depois da Segunda Guerra Mundial é que os ministros adventistas em grande quantidade se transformaram em “pastores estabelecidos” designados a igrejas específicas.²¹ Sabiamente, nossos pioneiros deliberadamente resistiram a esse conceito de ministro, tão predominante em outras denominações.²² Nessa questão, também, eles procuraram a orientação da Bíblia, como esclarece Tiago White:

Não parece ter sido propósito de Cristo que seus ministros se transformassem em pregadores assalariados, fixos num lugar. Diz-se de seus primeiros ministros, imediatamente depois de receberem a elevada comissão: “Eles saíram, pregaram em toda a parte, o Senhor trabalhou com eles e a palavra se confirmava com os sinais que se seguiam”. Marcos xvi, 15–20. . . .

Paulo não era o que se conhece atualmente como um “pastor estabelecido”, contudo em Corinto ele “ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” [Atos 18:11]. Esses primeiros professores do cristianismo permaneceram em uma cidade ou local até que o testemunho deles despertasse as pessoas e eles produzissem um corpo de crentes e os estabelecessem na doutrina de Cristo. As coisas eram, então, organizadas para que esses discípulos conseguissem manter o culto a Deus. E então, esses ministros se mudavam para um novo campo de labor. Essas igrejas não eram levadas sobre os ombros dos ministros, mas mantinham o culto

82 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

a Deus entre si. Ocasionalmente eles passavam e visitavam os irmãos para exortá-los, confirmá-los e confortá-los.²³

Evidentemente, como se esperava que os que recebiam a licença viajassem bastante em vez de ficar num nó local, a maioria das mulheres, como Sarah Lindsay, eram esposas de ministros ordenados, embora algumas mulheres solteiras também tenham recebido licença.²⁴ Em geral, essas mulheres não foram indicadas para servir como líderes das igrejas.²⁵ Algumas eram talentosas oradoras e evangelistas.²⁶ Como veremos no próximo capítulo, essas mulheres estavam envolvidas na obra para a qual Ellen White as encorajava. Apenas doze anos depois da primeira mulher ser licenciada é que a questão quanto à ordenação ou não da mulher se levantou para consideração.

A resolução de 1881 para ordenar mulheres

Na sessão da Conferência Geral de 1881, duas resoluções que tratavam da ordenação foram apresentadas para consideração, uma mais geral, referindo-se à aptidão espiritual dos candidatos ao ministério, e a segunda abordando a ordenação de mulheres. A primeira resolução diz:

Resolvido, Que todos os candidatos para licença e ordenação devem ser examinados com relação à aptidão intelectual e espiritual para o êxito do cumprimento das tarefas que serão transferidas a eles como ministros licenciados e ministros ordenados.²⁷

Aptidão espiritual dos ministros

Essa resolução, que foi votada e adotada, expandiu a exigência de examinar candidatos para licença, para incluir candidatos para ordenação. No entanto, ela fez algo mais, talvez, mais significativo. A ação de 1878 especificava apenas que os candidatos para licença deveriam ser examinados “com relação às qualificações doutrinárias e educacionais”.²⁸ Essa nova resolução estipulava “Que todos os candidatos para licença e ordenação deveriam ser examinados com relação à *aptidão intelectual e espiritual*”.²⁹ Há uma clara

modificação na ênfase. Pelo menos importante, e talvez ainda mais importante que conhecimento doutrinário e extensão da educação, é a espiritualidade do candidato ao ministério, uma ênfase que está de acordo com as qualificações bíblicas proferidas em 1 Timóteo 3 e Tito 1.

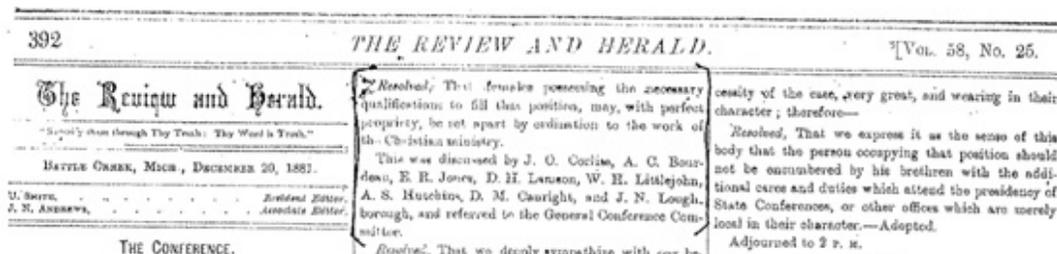
Essa resolução também ecoava a preocupação de Ellen White acerca das condições predominantes entre os ministros da Igreja daquela época—condições que a impeliram a pedir uma reforma. Num testemunho publicado um ano antes da Conferência Geral ter adotado essa resolução, ela fez um chamado explícito para uma mudança no exame das qualificações dos candidatos ao ministério: “Deve haver uma decidida mudança no ministério. Um exame mais criterioso é necessário com respeito às qualificações de um pastor”³⁰

Ela deixou claro que o problema era espiritual: “O ministério é corrompido por pastores não santificados. A menos que haja um padrão inteiramente mais elevado e mais espiritual para o ministério, a verdade do evangelho se tornará mais e mais impotente”³¹ Em vista desse apelo para que as qualificações espirituais fossem introduzidas, essa resolução de 1881—revisando o critério para examinar a “aptidão espiritual” de uma pessoa antes de conceder-lhe uma licença ou credencial como ministro—parece ser uma clara resposta a esse apelo.

Resolução acerca da ordenação de mulheres

A segunda resolução considerada pela Conferência Geral de 1881 tratou da ordenação de mulheres:

Resolvido, Que mulheres que possuam as qualificações necessárias para preencher a posição podem, com perfeita propriedade, serem separadas por meio da ordenação para a obra de ministra cristã.³²



Esse assunto foi analisado por J. O. Cordim, A. C. Bourdeau, E. R. Jones, D. H. Lamanom, W. H. Littelejohn, A. S. Huscion, D. M. Canright e J. N. Loughborough, e indicado ao Comitê da Conferência Geral.

Alguns têm sugerido que essa resolução foi votada e então apresentada ao Comitê da Conferência Geral para implementação. Isso não procede, caso contrário outro relato o teria clarificado. A primeira resolução apelando para qualificações espirituais para o ministério eclesiástico foi votado e “adotado”, ao passo que a resolução sobre ordenar mulheres foi “indicado ao Comitê da Conferência Geral”.³³ Estavam os três homens que compuseram esse comitê obstinadamente impedindo a vontade da igreja em 1881 porque essa resolução nunca foi levada de volta para consideração? Se esse fosse o caso, poderíamos esperar que alguém levantaria o assunto novamente na sessão da Conferência Geral em 1882, ou em 1883, ou em 1884. Na verdade, as sessões da Conferência Geral (CG) foram mantidas até 1889, quando começaram a se reunir a cada dois anos, mas a resolução nunca foi reapresentada.

Alguns podem pensar que a questão foi indicada ao Comitê da CG porque a proposta precisava ser mais bem trabalhada ou talvez precisasse de alguma reformulação. Mas esse não é o caso. Ao estudar esse assunto e como tais resoluções foram compreendidas no século dezenove, David Trim, diretor do Escritório de Arquivos, Estatísticas e Pesquisa da Conferência Geral, concluiu: “Indicar resoluções do Comitê de Resoluções ao Comitê da CG era um modo tático de rejeitá-las”.³⁴ Resumindo, o comitê nunca a devolveu para a sessão da Conferência Geral porque nunca foi considerada.

Ao contrário da situação atual, a questão da ordenação de mulheres no século dezenove evidentemente gerou pouca controvérsia. As minutas da sessão registravam não apenas as resoluções e o resultado, mas os nomes dos que discursaram.³⁵ A primeira resolução, que pedia o exame das qualificações dos ministros, não parece controversa. Nove pessoas discursaram, e ela foi ad-

otada. A resolução seguinte, pedindo a ordenação de mulheres ao ministério, teve o discurso de oito pessoas e foi indicada ao comitê. Considerando todos os fatos, inclusive o de que a medida nunca foi reapresentada, parece claro que a ideia de ordenar mulheres teve pouco apoio na igreja daquela época.

O silêncio de Ellen White

Ellen White não esteve presente na Sessão da Conferência Geral em 1881. Ela possivelmente leu o relato das resoluções na *Review* poucas semanas mais tarde ou ouviu a respeito delas por meio de seu filho Willie; no entanto, não temos registro de nenhum comentário seu sobre o assunto.

Naturalmente, devemos ser cuidadosos com argumentos sobre silêncio porque eles nunca podem ser confirmados ou não. O silêncio de Ellen White, *em si mesmo* quer dizer pouco. Mas, se ela favorecia esse assunto, por que ela não se expressou quando a igreja rejeitou ordenar mulheres? Por outro lado, se ela não defendia a ordenação de mulheres, algumas razões para seu silêncio prontamente sugerem que:

1. Ela pode ter achado que o assunto não era importante.
2. Ou, caso ela pensasse que a igreja não deveria ordenar mulheres, ela não fez comentários sobre a resolução porque não era necessário. A igreja não estava prestes a começar a ordenar mulheres, logo, não havia necessidade de correção.

O silêncio de Ellen White durante a crise

Curiosamente, conhecemos outro momento quando a igreja enfrentou perigos reais dos quais Ellen White foi advertida em visão, e ainda assim ela guardou silêncio. Em conexão com a crise sobre o panteísmo que culminou com a publicação do livro do Dr. John Harvey Kellogg, *Living Temple* [Templo vivo], ela escreveu:

Mais ou menos pelo tempo em que foi publicado *Living Temple*, passaram ante mim, na calada da noite, representações que indicavam estar-se aproximando algum perigo, e

que eu devia para isso me preparar, escrevendo as coisas que Deus me revelara, acerca dos princípios fundamentais de nossa fé. Foi-me enviado um exemplar de *Living Temple*, mas ficou intocado em minha biblioteca. Segundo a luz que me foi dada pelo Senhor, eu sabia que alguns dos sentimentos defendidos no livro não traziam o endosso de Deus, e que eram uma cilada preparada pelo inimigo, para os últimos dias. Imaginei que isto seria facilmente percebido, e que não seria preciso que eu sobre isso dissesse o que quer que fosse.³⁶

Se os líderes da igreja tivessem visto o perigo dos conceitos de *Living Temple* e tivessem reagido, Ellen White não teria dito nada. Ainda assim, o silêncio dela com relação ao panteísmo não significava que isso era aceitável. Apenas quando ficou claro que o erro estava conquistando aceitação é que ela se expressou—e com vigor.

O silêncio de Ellen White pode ser tão significativo como quando ela se expressa. A intervenção de Deus é desnecessária enquanto os líderes da igreja conhecerem a Bíblia e seguirem a orientação do Espírito Santo. Mesmo quando ela se expressou algumas vezes, alguns não a ouviram e a intervenção de Deus foi necessária. No caso do livro *Living Temple*, o fogo varreu a casa publicadora Review and Herald, e destruiu as placas e as cópias inacabadas da primeira edição do livro.³⁷

Portanto, quando a igreja considerou uma resolução em 1881 para ordenar mulheres ao ministério e esse ponto de vista não prevaleceu, o fato de Ellen White não ter dito nada deveria nos dizer algo. Se, por outro lado, a recusa da igreja em ordenar mulheres foi um erro e esse erro prevaleceu na Conferência Geral, então devemos presumir que ela falou contra essa rejeição.

Encarregada de protestar contra a injustiça

Deveríamos esperar que Ellen White falasse contra a negação da ordenação às mulheres caso tal negação fosse arbitrária, injusta e opressiva. Ela declarou:

Recebi o encargo de não negligenciar ou passar por alto os que estivessem sendo tratados com injustiça. Foi-me especialmente

recomendado protestar contra qualquer ação arbitrária ou despótica para com os ministros do evangelho por parte dos que tivessem autoridade oficial. Desagradável como possa ser o dever, devo reprovar o opressor, e pleitear justiça. Devo apresentar a necessidade de manter justiça e equidade em todas as nossas instituições.³⁸

As mulheres receberam licença para pregar e evangelizar, mas os oficiais da igreja reunidos na Sessão da Conferência Geral não entenderam que era adequado ordená-las como ministras. Ellen White foi muito firme ao falar

- ▶ em favor de mulheres obreiras sendo pagas e com regularidade,
- ▶ sobre a importância de cuidar dos ministros idosos,³⁹
- ▶ contra o tratamento injusto quanto aos ministros negros,⁴⁰

mas não disse nada quando os líderes, em 1881, recusaram-se a permitir que ministras licenciadas fossem ordenadas.

Muito embora a instrução para protestar contra a injustiça viesse vinte e cinco anos mais tarde, em 1906, a prática de não ordenar mulheres prevaleceu até depois da morte de Ellen White. Evidentemente, ela não viu essa prática como “arbitrária”, “despótica” ou uma questão de “justiça e equidade”. Ela foi “especialmente recomendada a protestar” contra essas coisas, mas ela não protestou contra a prática de não ordenar mulheres. O silêncio dela sobre o assunto da ordenação, especialmente à luz de tudo o que temos visto, deveria nos fazer pensar com cuidado antes de afirmar que suas declarações de apoio ao engajamento das mulheres no ministério de algum modo chamassem a atenção da igreja para ordená-las.

Mulheres como pastoras do rebanho

Outra declaração de Ellen White citada com frequência, utilizada para apoiar a ideia de que as mulheres deveriam ser ordenadas como ministras tem origem em *Testemunhos para a igreja*, vol. 6: “É a assistência do Espírito Santo de Deus que prepara os obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do Seu rebanho.”⁴¹

88 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Alguns argumentam que essa declaração sugere que as mulheres, por meio da preparação do Espírito Santo, se transformem em ministras evangélicas no sentido comum do termo na atualidade—contratadas pela associação, talvez até ordenadas, líderes de uma congregação local. No entanto, apesar de *pastor* ser o termo normalmente usado atualmente para essa função, essa não era a palavra que Ellen White ou a igreja daquela época utilizavam. Aquele que “labuta na palavra e na doutrina” ela normalmente chamava de *ministros*, não de pastores.⁴² Seria surpreendente se isso fosse o que Ellen White quis dizer. Na verdade, uma rápida busca nos escritos publicados dela demonstra que as ocorrências para *ministro* em suas várias formas (inclusive formas verbais), excedem o uso de palavras semelhantes estruturadas ao redor da palavra *pastor* por mais de trinta a um.

Quem são os “pastores”?

Quando analisamos como Ellen White usava o termo *pastor*, descobrimos que geralmente ele era utilizado em ligação com o termo *rebanho*, e demonstrando preocupação com o cuidado com o povo de Deus, assim como o pastor de ovelhas demonstra cuidado pessoal com cada uma das ovelhas. Um exemplo onde essa conotação de cuidado é bem óbvia aparece no relato a seguir, escrito na Austrália, em 1892:

O ancião H estava acostumado a viver aqui e pregar para o povo, mas ele não era um pastor do rebanho. Ele dizia às pobres ovelhas que ele preferia ser castigado a visitar. Ele negligenciava o trabalho pessoal, e a obra pastoral não era feita na igreja nem nas proximidades. ... Tivesse o pregador feito a obra de um pastor e muitos outros agora estariam se regozijando na verdade.⁴³

Consideremos rapidamente outros exemplos em que Ellen White usa *pastor* de modo semelhante:

- ▶ Referindo-se aos ministros que se educaram para serem argumentadores, ela lamentou: “Em muitos aspectos os homens treinados nesse tipo de escola são inadequados para serem pastores de ovelhas e cordeiros.”⁴⁴

- ▶ Falando de ministros que dedicavam tempo excessivo à leitura e escrita, ela indicou: “Os deveres de um pastor são muitas vezes vergonhosamente negligenciados, porque o ministro não tem resistência para sacrificar suas inclinações pessoais para o isolamento e o estudo. O pastor deve fazer visitas de casa em casa entre o seu rebanho, ensinando, conversando e orando com cada família, e velando pelo bem-estar de suas almas.”⁴⁵

A preocupação dela com o cuidado pessoal com o rebanho é expressado novamente:

As responsabilidades precisam ser passadas aos membros da igreja. O espírito missionário deveria ser despertado como nunca antes e os obreiros apontados como necessários, os quais devem agir como pastores do rebanho, empreendendo esforços pessoais para elevar a igreja a uma condição onde a vida espiritual e a atividade sejam vistas em todas as suas fronteiras.⁴⁶

Em cada um desses exemplos, o *pastor* deve estar envolvido em trabalho pessoal pelo rebanho de Deus, mesmo quando for feito pelos “membros da igreja” e não pelo ministro. Uma pessoa—homem ou mulher— que visita as famílias, ensina e ora com elas, demonstrando cuidado e interesse, está fazendo a obra pastoral. Na verdade, isso era vital porque, como vimos, os ministros adventistas não eram pagos para serem “pastores estabelecidos”. Eles eram, principalmente, evangelistas, algumas vezes como equipe de marido e mulher, levantando uma igreja num local, estabelecendo-a e se mudando para outro lugar. No contexto de ministro itinerante, quando Ellen White falou de “pastores do rebanho de Deus”, ela está descrevendo uma função maior que um ofício, realizada no ministério pessoal às ovelhas do rebanho de Jesus.

Pastores e Ministros

Observar o contexto mais amplo dessa declaração nos ajuda a compreender melhor a ideia de pastorear o rebanho. Vamos ler essa sentença de *Testemunhos para a igreja*, vol. 6 novamente, dessa vez *no contexto* do parágrafo todo:

Todos os que desejem uma oportunidade para o verdadeiro

90 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

ministério, e que se deem sem reservas a Deus, encontrarão na colportagem ocasiões de falar sobre muitas coisas pertencentes à futura vida imortal. A experiência assim adquirida será de grandíssimo valor para os que estão se preparando para o ministério. É a assistência do Espírito Santo de Deus que prepara os obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do Seu rebanho.

A ênfase principal está sobre a colportagem—venda de livros de porta em porta. O restante do parágrafo descreve os benefícios ao caráter e a experiência que sobrevém aos que se engajam na obra da colportagem. Na verdade, o título de toda a seção desse testemunho é: “O colportor como obreiro”.

Naturalmente, outro ponto enfatizado por Ellen White é que o evangelismo por meio da literatura é uma boa preparação para o ministério. O obreiro visita os lares, faz trabalho pessoal, leva a ovelha perdida ao rebanho do Senhor, isto é, *pastoreia* o rebanho de Deus. Essa é uma obra que muitos podem fazer, tanto homens quanto mulheres, não apenas os ministros.

Ministério pessoal no lar

Numa passagem semelhante, poucas páginas adiante no mesmo volume, Ellen White demonstra claramente que sua aprovação à colportagem como preparo para o ministério está baseada no trabalho de ministério pessoal no lar:

Alguns homens que Deus chamou ao trabalho do ministério entraram no campo como colportores. Fui instruída de que, se seu objetivo é disseminar a luz, esse é um excelente preparo para levar as verdades da Palavra de Deus diretamente ao círculo do lar. Em conversa, muitas vezes o caminho será aberto para falarem da religião da Bíblia. Se o trabalho for empreendido como deve ser, famílias serão visitadas, os obreiros manifestarão ternura cristã e amor às almas, e grande bem será o resultado. Essa será uma excelente experiência para qualquer pessoa que tem o ministério como objetivo.

Aqueles que se estão preparando para o ministério não

podem se empenhar em outra ocupação que lhes dê tão ampla experiência como a colportagem.⁴⁷

Esse trabalho pessoal no lar, que é o centro da obra de colportagem, é o método de trabalho para o qual Ellen White disse que as mulheres eram especialmente adequadas e onde elas poderiam trabalhar “alinhadas ao ministério”, o que os homens não poderiam fazer.⁴⁸

Precisa-se de rapazes

Em outra passagem desse mesmo livro, Ellen White analisa a necessidade de que mais ministros sejam treinados e entrem em campo. Se ela tivesse a intenção de abrir a opção ministerial regular para mulheres, deveria haver alguma declaração aqui. Observe as referências a gênero na declaração a seguir:

Há urgente demanda de obreiros na linha pastoral. Necessita-se de rapazes para essa obra; Deus os chama. Sua educação é de primeira importância em nossos colégios, e em nenhum caso deve ser passada por alto ou considerada como coisa secundária. É completamente errado que os professores, por meio de sugestões quanto a outras carreiras, desanimem jovens que são aptos para uma boa obra no ministério. Os que apresentam obstáculos para dificultar rapazes de se habilitarem para esse serviço, estão contrariando os planos de Deus e terão de dar contas de sua atitude. Temos entre nós uma grande quantidade de homens capazes. Se suas aptidões fossem exercitadas, teríamos vinte pastores onde agora possuímos um.⁴⁹

Esse ponto de vista é reforçado mais adiante no mesmo volume onde a seção sete, “Chamado ao serviço”, inicia com o artigo: “Jovens no ministério”.⁵⁰ Entre os vários apelos no livro para que “homens” e “rapazes” entrem no ministério, não há menção de mulheres sendo encorajadas para se unirem às fileiras dos ministros. Se Ellen White tivesse a intenção de indicar que mulheres e homens deveriam se preparar para o ministério evangélico regular, deveria haver uma citação aqui, mas não há.

92 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

São inúmeras as declarações de Ellen White desse tipo, e tantas outras mais poderiam ser mencionadas. Talvez seja suficiente dirigir nossa atenção a apenas mais algumas declarações típicas da perspectiva que aparece em todos os escritos dela:

O objetivo primordial de nosso colégio era permitir aos *moços* uma oportunidade de estudar para o ministério e preparar *jovens de ambos os sexos* para se tornarem obreiros nos diferentes ramos da causa. ...

Os que entram para o campo missionário devem ser homens e mulheres que andam e falam com Deus. Os que ocupam o púlpito sagrado como pastores devem ser *homens de reputação excelente*.⁵¹

Uma clara distinção parece ser feita, com base no gênero, entre moços que deveriam “estudar para o ministério” e jovens “de ambos os sexos” para se tornarem “obreiros” nos vários ramos (ou departamentos) da Igreja. Observe também que a segunda declaração, ao dizer que os ministros “devem ser homens de reputação excelente”, se refere às qualificações para o ancião/ ministro de 1 Timóteo 3:2, onde Paulo diz que o ancião “deve ser irrepreensível, marido de uma só mulher”.

Ministras ou pastoras?

Com esse contexto histórico podemos entender melhor a declaração de Ellen White de que “o Espírito Santo ... prepara os obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do Seu rebanho”. Parece improvável que ela estivesse convidando mulheres e homens para serem pastores no sentido atual do termo. Como ela usava o termo *pastor* para descrever uma *função* (verbo) e também um *ofício* (substantivo) e reconhecia que os dois nem sempre estavam juntos, é bem mais provável que, com a expressão “pastores do rebanho de Deus”, ela se referisse aos que exerciam um ministério pessoal de visitação e instrução nos lares. Se esse é o sentido, está de acordo com as demais declarações que ela faz sobre o tipo de trabalho que as mulheres estão especialmente qualificadas para realizar, cumprindo um papel complementar ao dos homens. E também se harmoniza com os chamados especificamente dirigidos aos

homens como obreiros ministeriais no mesmo volume dos *Testemunhos*.

Se, a despeito do amplo contexto histórico que observamos para essa passagem, alguém ainda insiste que ela pede que mulheres sirvam no ofício de *ministros*, por que não há declarações claras, diretas a esse respeito? Por outro lado, como vimos, há uma obra que as mulheres estão especialmente qualificadas a fazer e não os homens. Em muitas ocasiões Ellen White descreveu qual é essa obra que as mulheres podem realizar para o Senhor, um assunto que veremos no próximo capítulo.

Notas:

1. Nesse capítulo e no seguinte, temos uma dívida de gratidão com William Fagal, diretor associado de Ellen G. White Estate, Silver Spring, MD, pela permissão para adaptar o material de seu artigo “Ellen White and the Role of Women in the Church”, revisado e submetido ao Instituto de Pesquisa Bíblica, Dezembro de 1987, <http://egwtext.whiteestate.org/publication.php?pub-type=Book&bookCode=EWRWC&lang=en&pagenumber=1> (acessado em 10 de Março de 2015).
2. Sobre a razão para o uso que ela faz dessa autodesignação, ver Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*. Livro um (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 32.
3. Ellen G. White, *Filhas de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), 203.
4. Ibid. Originally published in Ellen G. White, “An Appeal to Our Churches Throughout the United States,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, May 18, 1911, 3, col. 1.
5. A declaração aparece em Ellen G. White, *Filhas de Deus*, 200 (Apêndice C).
6. Naqueles dias e nos que se seguiram, o nome dela aparece nas listas daqueles para quem foram votadas credenciais ministeriais.
7. Ver a carta de D. E. Robinson a L. E. Froom, citando W. C. White,

94 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

no Apêndice 4, “Resposta em favor de W. C. White com relação às credenciais de Ellen G. White”. Embora Mary Steward, uma das assistentes de Ellen White, tenha preenchido o formulário no lugar dela, não há motivos para questionar sua exatidão.

8. Ellen G. White, *Testemunhos para a igreja*, 9 vol. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004-2007), vol. 8, 236.
9. Ellen G. White, *Filhas de Deus*, 78. [Ellen G. White, “The Duty of the Minister and the People,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, July 9, 1895, par. 8].
10. “A obra do ministro é também a obra dos membros leigos” (Ibid., par. 4).
11. Ibid., par. 2.
12. Ibid. (ênfase original).
13. Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 546 (Ms. 5, 1908).
14. Ver Ellen G. White, *A ciência do bom viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 144.
15. Esse parece ser o equivalente médico missionário do trabalho dos anciãos, que são chamados para orar pelos doentes e ungi-los com óleo (Tiago 5:14,15), ver Ibid., 225-233. Talvez esse seja o motivo por que eles devem ser sagradamente separados assim como o ministro/ancião.
16. “Business Proceedings of the Eighth Annual Session of the General Conference of S. D. Adventists,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, March 22, 1870, 110, col. 3.
17. “The Michigan State Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, May 26, 1868, 357, col. 1, listando William C. Gage, James G. Sterling e Uriah Smith recebedores dessa licença. Um ano depois, as licenças foram concedidas a outros oito e renovadas para esses três (“Michigan State Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, May 25, 1869, 173, col. 3).
18. “Report of the N.Y. and Pa. Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, Oct 12, 1869, 126, col. 3.

19. Ver, e.g., “The Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, May 25, 1869, 172, col. 1, que observa: “Vinte e dois ministros e licenciados estiveram presentes” na Conferência Geral daquele ano. Ocasionalmente a expressão “ministros licenciados” poderia ser utilizada para os licenciados, mas o termo “ministros”, em si, se referia apenas aos ministros ordenados.
20. Oliver Montgomery, *Principles of Church Organization and Administration* (Washington, D.C.: Review & Herald, 1942), 134.
21. Ken Corkum, “The Role of the Seventh-day Adventist Minister in Public Evangelism” (D.Min. diss., Andrews University, 1986), 98-101; ver também 32, 90 para declarações claras de A. G. Daniells e George Starr com relação à natureza não estabelecida da obra ministerial durante o período de vida de Ellen White; cf. 50-91 para outras declarações relatadas por ela, Daniells e outros. Ver também Russell Burrill, *Recovering an Adventist Approach to the Life & Mission of the Local Church* (Fallbrook, CA: Hart, 1998); Idem, *A Study of the Biblical Terms for Clergy and Their Historical Development in Christianity and Adventism* (Berrien Springs, MI: North American Division Evangelism Institute, 1994).
22. Ver “The Camp-Meeting,” *La Porte City Progress*, June 21, 1871, republicado em *Advent Review and Sabbath Herald*, June 27, 1871, 12, col. 2: “Eles não têm pastores estabelecidos. Todos os anciãos pregadores são evangelistas, trabalhando de lugar em lugar sob a supervisão geral do comitê de três. Cada igreja tem anciãos e diáconos locais, e outros oficiais comuns a outras denominações”. Cf. G. I. Butler, “The Systematic-Benevolence Fund and the Ministry,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, May 6, 1873, 163, col. 1.
23. James White, “Go Ye Into All the World and Preach the Gospel,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, April 15, 1862, 156, col. 1. Em 1902, Ellen G. White, “The Work in Greater New York,” *Atlantic Union Gleaner*, January 8, 1902, 2, reiterou a sabedoria dessa abordagem: “Não deveria haver um chamado para ter pastores estabelecidos em nossas igrejas, mas que o poder vitalizante da verdade impressione os membros individualmente para agir, conduzindo-os ao trabalho de realizar uma obra missionária eficiente em cada localidade. Como a mão de Deus, a igreja deve ser educada e treinada para fazer serviço eficaz. Seus membros devem ser os devotos obreiros cristãos do Senhor”.

96 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

24. E.g., Mrs. S. M. I. Henry, cujo esposo morreu muitos anos antes por causa de ferimentos da Guerra Civil e que se uniu à igreja Adventista do Sétimo Dia posteriormente. Ver capítulo 8: “O ‘Ministério da mulher’”; ver também Laurel Damsteegt, “S. M. I. Henry: Pioneer in Women’s Ministry,” *Adventists Affirm* vol. 9, no. 1 (Spring 1995), 17.
25. Quando os homens não estavam disponíveis ou mesmo relutantes para servir em determinadas áreas, algumas mulheres serviram como líderes de igreja, como foi o caso, por exemplo, de Mabel Vreeland, instrutora bíblica credenciada que ministrou em igrejas no norte de Nova Iorque por vários anos, na metade do século vinte.
26. E.g., Lulu Wightman e S. M. I. Henry, licenciadas em 1898, e Minnie Syp (que logo mudou o sobrenome para Sype), licenciada em 1902. O Apêndice 5, “Mulheres licenciadas como ministras adventistas, 1869-1975” lista as mulheres que receberam uma licença para pregar, o ano em que receberam a primeira licença e a conferência ou organização que emitiu a licença.
27. “General Conference: Business Proceedings (Continued),” *The Advent Review and Sabbath Herald*, December 20, 1881, 392, col. 1.
28. “Seventeenth Annual Session of the General Conference of S. D. Adventists,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, October 17, 1878, 122, col. 1.
29. “General Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, December 20, 1881, 392, col. 2 (grifo nosso).
30. White, *Testemunhos*, vol. 4, 442.
31. Ibid.
32. “General Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, December 20, 1881, 392, col. 2.
33. Ibid., cols. 1, 2.
34. David Trim, “The Ordination of Women in Seventh-day Adventist Policy and Practice, up to 1972”, versão revisada e levemente expandida do artigo apresentado no Comitê de Estudo

da Teologia da Ordenação, 22 de Julho de 2013, 16, <https://www.adventistarchives.org/the-ordination-of-women-in-seventh-day-adventist-policy-and-practice.pdf> (acessadem em 23 de Março de 2015).

35. Ver “General Conference,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, December 20, 1881, 392, cols. 1, 2.
36. White, *Mensagens Escolhidas*. Livro um, 202, 203.
37. Arthur L. White, *Ellen G. White*, vol. 5: *The Early Elmshaven Years, 1900-1905* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1981), 292.
38. White, *Mensagens Escolhidas*. Livro um, 33 (publicado originalmente em *The Advent Review and Sabbath Herald*, July 26, 1906).
39. Ibid.
40. White, *Testemunhos*, vol. 9, 223.
41. White, *Testemunhos*, vol. 6, 322.
42. Ver, por exemplo, Ellen G. White, *Fundamentos da educação cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 108; Idem, *Gospel Workers* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2005), 76; Idem, *The Publishing Ministry* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1983), 308.
43. Ellen G. White, Document File No. 28A, in *Manuscript Releases*, 21 vols. (Washington, D.C. and Hagerstown, MD: Review and Herald, 1981-1993), vol. 9, 343, 344 (“Experiences in Australia,” 53, written in Adelaide, Australia, Oct. 11, 1892).
44. White, Ms. 24, 1888, in *Manuscript Releases*, vol. 12, 196.
45. White, *Obreiros evangélicos*, 337.
46. White, *Testemunhos*, vol. 5, 723.
47. White, *Testemunhos*, vol. 6, 334.
48. White, *Filhas de Deus*, 85. [Ms. 43a, 1898, in *Manuscript Releases*, vol. 5, 323 (idem, *Testemunhos*, vol. 6, 117)].

98 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

49. White, *Testemunhos*, vol. 6, 135 (grifo nosso).

50. *Ibid.*, 411-416.

51. White, *Testemunhos*, vol. 5, 60, 598 (grifo nosso).

CAPÍTULO 8

O “MINISTÉRIO DA MULHER”

Ellen White tinha como certo: “Há mulheres que devem trabalhar no ministério evangélico. A muitos respeito elas fariam melhor do que os ministros que negligenciam visitar o rebanho de Deus”.¹ E acrescentou, com relação a salários justos: “Os adventistas do sétimo dia não devem, de forma alguma, amesquinhar a obra da mulher”.²

Por causa de declarações como essas, alguns têm concluído que Ellen White exigia a eliminação de distinção nas funções ministeriais na igreja entre homens e mulheres. Como ela claramente encorajou a imparcialidade no tratamento e pagamento de obreiras, alguns concluem que isso deve ser entendido como inclusão de ordenação ao ministério sem considerar o gênero. Seria essa a intenção das declarações? Para responder a essa pergunta será útil visualizar o quadro completo.

Mulheres no ministério

Ninguém exemplificou melhor a compreensão de Ellen White sobre as mulheres no ministério do que S. M. I. [Sarepta Myrenda Irish] Henry. A senhora Henry foi esposa, mãe, poetisa, escritora e evangelista nacional na Woman’s Christian Temperance Union (WCTU). Durante a maior parte de sua vida, ela foi membro fiel da igreja metodista. Quando ficou incapacitada por um sério problema cardíaco, viajou para o Sanatório Battle Creek, em Agosto

100 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

de 1896. Ali, ela encontrou influências cristãs de “doçura, pureza, gentileza”, conheceu e aceitou o sábado do sétimo dia e foi batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia.³ “A senhora Henry não conversou sobre verdades específicas da Escritura. Ela tinha um relacionamento tão íntimo com Jesus que quando percebeu as implicações do sábado para a sua vida, imediatamente escolheu seguir Jesus por meio da guarda de Seu santo dia.”⁴

A despeito de estar fraca, ela começou a compartilhar a nova fé. A princípio com os pacientes e funcionários do sanatório e depois por meio das páginas da *Review*. Credo que Deus tocara sua vida espiritual para algum propósito importante, em 13 de Abril de 1897, enquanto participava de um grupo de oração em prol da cura de outros pacientes no sanatório, a senhora Henry decidiu orar fervorosamente por sua própria cura e experimentou restauração miraculosa da saúde.⁵ A cura foi confirmada pelos médicos, Drs. Kellogg e Kress, que escreveram laudos médicos separados sobre a enfermidade debilitante dela e a extraordinária mudança que observaram no problema cardíaco e na energia física.

Agora, como Adventista do Sétimo Dia e encorajada por Ellen White a continuar na função como evangelista nacional para o WCTU, a senhora Henry voltou a falar em público (o que incluía as reuniões campais), escreveu artigos para a *Review*, respondeu cartas de mulheres que pediam ajuda em assuntos relacionados à família e educação de filhos, e atraiu multidões para frequentarem as campanhas evangelísticas adventistas. Além disso, “aqueles que estavam envolvidos com o WCTU se beneficiavam, com o testemunho de Henry, de maior exposição à luz da mensagem adventista, que alguns deles abraçaram.”⁶

Uma notável ocasião em que ela emprestou sua influência ao evangelismo público foi em Vitória, British Columbia, cidade onde era difícil para os adventistas estabelecerem presença. Ela falou duas vezes ligada a uma série que estava ocorrendo ali, discursando a milhares de pessoas em cada vez e atraindo muitos deles para os encontros evangelísticos. Isso nos ajuda a entender melhor por que Ellen White escreveu da Austrália para a senhora Henry, em 1899:

“Minha irmã, há muitos caminhos abertos diante de você. Atraia as multidões sempre que puder”.

Sobre o que S. M. I. Henry falava? Os temas das duas apresentações em Vitória foram: “Qual o valor de um garoto?” e “Por que tantos filhos da Igreja desfalecem?”⁷ Pouco tempo depois, enquanto pregava aos filhos da igreja em Salt Lake City, entre as elevadas Montanhas Rochosas cobertas de neve, ela disse: “As coisas mais comuns são as mais nobres. Nossas montanhas são impressionantes, mas a casa de campo numa greta é magnífica e mais importante porque é a primeira expressão da vontade de Deus. As montanhas existem por causa daquela pequena casa de campo”⁸.

Ela explicou a importância da casa de campo, ou lar, e que a mão de Deus está sobre ele: “O lar é uma máquina. Sua tarefa é produzir homens e mulheres para conquistar e recuperar um mundo deteriorado pelo pecado. Deus concede o poder. Deus completa o lar—pai, mãe e filho”. O cuidado com os filhos foi confiado por Deus a pais e mães. “O lar é uma escola onde Deus nos ensina como sermos homens e mulheres, como vencer as dificuldades, como solucionar problemas, como estar preparado para o lar eterno que ele tem preparado para Seus filhos”⁹.

“Atraia as multidões sempre que puder”

O conselho dado por Ellen White para “atrair as multidões sempre que puder” tem origem numa carta escrita em 1899 para a senhora Henry,¹⁰ que também recebeu uma licença ministerial no ano anterior.¹¹ Alguns têm entendido esse conselho como encorajamento divino para que as mulheres procurem um ministério de pregação e se transformem em ministras ordenadas da Igreja. Mas, é realmente isso o que Ellen White está promovendo aqui? De modo algum, como demonstra a referência ao contexto imediato. Previamente na carta, ela explica sua preocupação com as mulheres da Igreja: “Se pudermos, devemos falar às nossas irmãs, e *liderá-las*, em lugar de dizer “Ide”. Liderá-las para fazer como se deve fazer, ao sentir uma forte e duradoura percepção do valor da vida humana. Somos aprendizes, a fim de nos tornarmos mestras. Essa ideia deve ser impressa na mente de cada membro da igreja”¹².

102 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Um pouco depois ela encoraja novamente: “Ensinemos às nossas irmãs que, cada dia, a pergunta deve ser: Senhor, que queres que eu faça hoje?”

Para que obra Ellen White estava encorajando a senhora Henry, especificamente? Os primeiros três parágrafos da carta esclarecem:

A obra que está sendo feita para ajudar nossas irmãs a sentirem sua responsabilidade individual diante de Deus é uma boa e necessária obra. Por longo tempo tem sido negligenciada; mas quando essa obra for exposta em termos claros, simples e definidos, podemos esperar que os deveres essenciais do lar, em vez de serem negligenciados, serão realizados com mais inteligência. Aprecia o Senhor que mostremos, àqueles que não entendem, o valor da vida humana.

Caso possamos arranjar grupos efetivos, organizados, inteligentemente instruídos quanto ao trabalho que devem desempenhar como servas do Mestre, nossas igrejas terão uma vitalidade de que há muito necessitam.¹³

Cristo, nosso Salvador, valorizou a excelência do viver. Nossas irmãs passam, geralmente, por grandes dificuldades, com a família que cresce e com a indiferença para com suas provações. Tenho ansiado muito por mulheres que sejam educadoras, para que as ajudem a erguer-se do seu desânimo e a sentir que podem fazer uma obra para o Senhor. Esse esforço é para levar raios de sol à vida delas, que irão se refletir no coração de outros. Deus as abençoará, e a todas as que se unirem nessa grande obra.¹⁴

Ministério do ensino

Com essa carta, parece que S. M. I. Henry estava sendo encorajada a organizar pequenos grupos de mulheres para instruí-las no serviço para o Senhor e que isso acrescentaria vida e vitalidade às igrejas. A *Seventh-day Adventist Encyclopedia* traz um artigo sobre as observações dela:

Em 1898 ela planejou o que seria conhecido como “ministério da mulher”. Discursando sobre o papel da mãe na educação

moral da sociedade, ela o enfatizou de um extremo ao outro nos Estados Unidos e Canadá. Ela também apresentou o plano para as congregações ADS. A. W. Spalding comentou mais tarde que, na obra instituída na Igreja Adventista do Sétimo Dia pela senhora Henry, surgiu “a primeira semelhança de um esforço organizado para treinar pais e mães e ajudá-los em seus problemas”.¹⁵

Em vista disso, é evidente que Ellen White não estava encorajando a senhora Henry a aspirar ao ministério do púlpito, nem a se transformar em pastora no sentido usual do termo. Ellen White estava aconselhando a senhora Henry a continuar no ministério de ensino, a utilizar todas as oportunidades que surgissem (inclusive convites para pregar) para promover a visão do “ministério da mulher” (aliás, trabalho leigo sem restrição de gênero), um conceito que fortaleceria o lar e a família e ajudaria as mulheres a verem o valor e a beleza de servir a Cristo, mesmo dentro das funções tradicionais.¹⁶

“Ministério da mulher”

A filha da senhora Henry descreveu esse ministério da mulher como “excelente em suas possibilidades”. Era um ministério para mulheres e famílias por meio de mulheres, e “não um corpo organizado de pregadoras”.¹⁷ A própria senhora S. M. I. Henry explicou o tipo de ministério que tinha em mente:

A obra de ganhar almas pode ser feita de modo mais eficaz por meio de esforço pessoal, corpo a corpo, na convivência do lar e da vida em comunidade. O ministério da mulher é muito importante. Nosso Senhor pretendia que a doçura do evangelho fosse pregada por ela; mas não necessariamente da plataforma. Se em todas as gerações ela tivesse feito o seu trabalho, nunca teria sido necessário que sua voz se levantasse para se dirigir ao público.

O ministério mais santo de uma mulher é falar do evangelho a seus filhos, vizinhos e amigos na convicência diária; dizer as palavras de Cristo, espalhar a verdade em testemunho, experiência e consolo. As maiores verdades podem ser servidas

104 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

com o jantar, adequadas a um padrão de vestuário, atadas às conversas corriqueiras.

A necessidade imperativa de nossos dias é que o lar cristão seja um santuário e uma escola, pai e mãe unidos no ministério da palavra de vida e no ensino de toda verdade vital; com cuidadosa instrução, arrumando cada coisa nas verdadeiras proporções no lugar certo na mente da criança em crescimento; e que toda mulher que conhece a verdade encontre e ame seu trabalho no lugar indicado por Deus, e se torne uma verdadeira ministra a todos que estão próximos ou que podem ser procurados e ajudados. Essa obra evangélica da mulher é um esforço de ajuda mútua para que isso aconteça.¹⁸

Isso é muito semelhante ao que Ellen White escreveu alguns anos antes—que o mais importante é a educação dos próprios filhos:

Criar filhos na educação e admoestação do Senhor é a maior obra missionária que os pais podem realizar. À mãe é confiada uma obra maior que a do rei em seu trono. Ela tem um dever para realizar junto com seus filhos que ninguém mais pode fazer. Se ela aprender diariamente na escola de Cristo cumprirá seu dever no temor de Deus e cuidará dos filhos como o lindo rebanho do Senhor.¹⁹

Ellen White também motivou as mulheres a fazerem visitas de porta em porta e estudarem a Bíblia com as pessoas: “Algumas mulheres, agora, estão ensinando moças a trabalharem com êxito na visitação e ministração de estudos bíblicos. As mulheres que trabalham na causa de Deus devem receber salário proporcional ao tempo que dedicam à obra”.²⁰ As próximas sentenças falam de salários justos para esposas de ministros que fazem essa obra, sugerindo que esse é o tipo de mulheres que ela tinha em mente: “Quando o dedicado pastor e sua esposa se empenham no trabalho, devem receber salário proporcional ao salário de dois obreiros distintos, a fim de que tenham recursos para usar como julgarem conveniente na causa de Deus. O Senhor colocou o Seu Espírito sobre ambos.” Se o marido morrer, a esposa “está capacitada a continuar a obra na causa de Deus, e receber salário pelo trabalho que realiza”.²¹

Ministério pessoal

Seria bom permitirmos que a própria Ellen White nos conte que tipo de obra ela está considerando quando se refere a mulheres trabalhando no ministério evangélico. Os conselhos já citados e a declaração que iniciou esse capítulo principiam com o seguinte parágrafo:

Alguns assuntos têm sido apresentados a mim com relação aos trabalhadores que tentam fazer tudo que está ao alcance para conquistar pessoas para Jesus Cristo. . . . Os ministros recebem pagamento por seu trabalho, e isso está bem. E se o Senhor dá à esposa, bem como ao marido, o fardo do labor, e se ela dedica seu tempo e forças para visitar família após família, abrindo-lhes as Escrituras, embora as mãos da ordenação não lhe tenham sido impostas, ela está realizando uma obra alinhada ao ministério. Deveriam os seus esforços ser contados como nada, e o salário do seu esposo não ser mais do que o do servo de Deus cuja esposa não se dedica à obra, mas permanece em casa para cuidar da família?²²

O assunto em questão é o pagamento das esposas dos ministros, e o tipo de trabalho que elas estão fazendo é explicado: visitar lares e abrir as Escrituras para as famílias. Além disso, ela rejeita a questão de ordenação por ser irrelevante ao assunto, e não a vê como uma solução para a injustiça relacionada a pagamento. A indicação dela é apenas que essas esposas de ministros que trabalham desse modo estão “realizando uma obra alinhada ao ministério” e deveriam ser pagas.

Mais adiante, no mesmo documento, ela novamente se referiu ao trabalho de visitação dessas mulheres e incluiu uma reprovação implícita aos ministros que não visitavam. Ela escreveu:

Se as mulheres fazem o trabalho que não é o mais agradável a muitos dos que atuam na palavra e na doutrina, e seu trabalho testifica de que estão realizando uma obra que tem sido manifestamente negligenciada, não deve tal atividade ser considerada como sendo tão rica em resultados como a obra dos pastores ordenados? Não deve isso determinar o pagamento dos obreiros?²³

O contexto é importante

É nesse contexto que surge a declaração de Ellen White: “Há mulheres que devem trabalhar no ministério evangélico”. A sentença a seguir novamente enfatiza a natureza do trabalho que ela anteviu para essas mulheres: “Em muitos aspectos elas fariam melhor do que os pastores que negligenciam visitar o rebanho de Deus”. Imediatamente, ela acrescenta: “Marido e mulher podem unir-se nessa obra e, quando isso é possível, devem. Está aberto o caminho para mulheres consagradas”²⁴

Ellen White não está sugerindo que as mulheres tenham papéis intercambiáveis com os homens, mas um ministério complementar focado no trabalho pessoal. As declarações dela lidam principalmente com as esposas de ministros, encorajando uma equipe ministerial entre marido e mulher. Ela observou a falta de ordenação para as mulheres, mas não fez nenhuma indicação de que essa condição deveria mudar. Por outro lado, ela não deixou dúvidas de haver necessidade de mudança em termos de condição de pagamento:

Essa questão não é para ser estabelecida pelos homens. O Senhor a determinou. Temos de cumprir o dever para com as mulheres que trabalham no evangelho, cuja obra testifica serem necessárias para levar a verdade às famílias. Sua obra é justamente a que deve ser feita, e cumpre ser estimulada. Em muitos aspectos uma mulher pode comunicar a suas irmãs conhecimento que não é possível a um homem comunicar. A obra sofreria grande prejuízo sem essa atividade feita pelas mulheres. Repetidamente tem o Senhor me mostrado que as instrutoras são tão grandemente necessárias à obra a que Ele as designou, como os homens. Elas não devem ser obrigadas pelos sentimentos e regras de outros a depender de doações para o pagamento delas, do mesmo modo que os ministros.²⁵

Em outra declaração de 1898, Ellen White falou sobre o mesmo problema e citou algumas mulheres com as quais estava preocupada e descreveu o trabalho delas:

Há esposas de ministros — irmãs Starr, Haskell, Wilson e

Robinson — que têm sido obreiras dedicadas, sinceras, consagradas, dando estudos bíblicos e orando com as famílias, prestando auxílio, mediante esforços pessoais, com tanto êxito quanto o esposo. Essas mulheres dedicam todo o seu tempo, e são informadas de que nada recebem porque seu esposo recebe salário. ... Essas irmãs estão dando seu tempo para ensinar os recém-chegados à fé.²⁶

Vemos da própria caneta de Ellen White o tipo de “ministério evangélico” que ela anteviu para as mulheres. *Sempre que ela define ou descreve o ministério evangélico para mulheres ela o faz em termos de trabalho pessoal, direcionado especialmente a mulheres e famílias.* Os ministros ordenados também devem “visitar o rebanho de Deus”, mas ela vê nas mulheres adequabilidade para esse trabalho.

Tivéssemos sempre praticado o tratamento igualitário às mulheres que trabalham nesse tipo de ministério e teríamos visto resultados muito maiores e poupado a Igreja de muita discussão e debate. Infelizmente, como consequência das dificuldades financeiras que a Igreja experimentou durante a Grande Depressão, a quantidade de mulheres servindo a Igreja em várias formas de ministério e liderança declinou bruscamente na década de 1930.²⁷

Antes da década de 1930, as mulheres tiveram as mais altas posições de liderança na Igreja. Três delas foram tesoureiras da Conferência Geral e muitas serviram como editoras ou coeditoras de *The Youth's Instructor*. Várias mulheres também serviram como secretárias (diretoras) de diversos departamentos da Conferência Geral ou Associações da Igreja.²⁸ Esse envolvimento das mulheres pode e deve nos instruir como maiores oportunidades podem ser abertas para as mulheres atualmente.

A visão de Ellen White sobre a função das mulheres na Igreja

Já vimos que Ellen White não fez nenhuma declaração explícita apoiando (ou proibindo) a ordenação de mulheres (ver capítulo 7, “E quanto a Ellen White?”). Quando ela teve oportunidade de falar sobre o assunto—por exemplo, depois da reprovação da resolução

108 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

da Conferência Geral de 1881—ela não disse nada. Quando ela poderia ter solicitado a ordenação junto com o pagamento feito para as mulheres, ela não solicitou. O que descobrimos é que Ellen White cria que as mulheres podem e devem fazer uma grande obra por Cristo—em todos os relacionamentos pessoais, levando a mensagem especial de Deus para esse tempo aos lares e famílias. Ela também reconheceu e citou contribuições importantes que as mulheres podiam dar em várias responsabilidades de liderança na igreja.

Por exemplo, durante o mesmo período em que ela fez alguns dos mais fortes apelos que observamos acima, ela incentivou que fosse oferecido treinamento para mulheres nas escolas adventistas. Falando de Avondale, na época uma escola nova na Austrália, ela disse: “É desígnio do Senhor que a escola seja também um lugar em que se proveja preparo nos trabalhos femininos”. Após listar alguns treinamentos domésticos e educacionais para serem incluídos, acrescentou: “As alunas devem estar habilitadas a ocupar qualquer cargo que lhes seja oferecido — superintendentes, professoras de Escola Sabatina, instrutoras bíblicas. Devem estar preparadas para ensinar na escola da Igreja.”²⁹

Ela viu uma missão importante para as mulheres:

Admirável é a missão das esposas e mães e das obreiras mais jovens. Se quiserem, podem exercer uma influência para o bem em todos quantos a cercam. Pela modéstia no vestuário e a circunspeção na conduta, podem dar testemunho da verdade em sua simplicidade. Podem fazer sua luz brilhar de tal forma perante todos, que outros vejam suas boas obras e glorifiquem a seu Pai que está nos Céus. Uma mulher verdadeiramente convertida exercerá poderosa influência, transformadora, para o bem. Ligada ao marido ela o pode ajudar em seu trabalho, tornando-se instrumento em animá-lo e beneficiá-lo. Quando a vontade e o caminho são postos em submissão ao Espírito de Deus, não há limites ao bem que se pode realizar.³⁰

Embora haja ênfase no ministério marido-mulher, as solteiras (“as obreiras mais jovens”) também são incluídas. O tipo de obra não é designado aqui, mas certamente incluiria as várias linhas de

trabalho que Ellen White especificou e que foram mencionadas acima. As mulheres devem deixar sua luz brilhar e exercer uma influência ilimitada para o bem. Esse será o resultado quando a vontade e o hábito forem levados em sujeição a Deus.

Uma esfera apontada por Deus

Ellen White apresenta muitos modos como as mulheres podem trabalhar para o Senhor. Ela também foi a primeira a dizer que devemos ir à Bíblia para orientação quanto às funções no relacionamento entre homens e mulheres. Ela afirmou: “As Escrituras são claras sobre as relações e direitos de homens e mulheres”.³¹ Essa abordagem escriturística é o que estamos aplicando neste livro.

Em conexão ao relato bíblico da queda, por exemplo, Ellen White indica que o modo como Adão e Eva se relacionavam mutuamente mudou drasticamente depois da entrada do pecado. Conseqüentemente, princípios conflitantes agora lutavam pelo domínio em cada ser humano e a submissão ao plano de Deus nem sempre veio em primeiro lugar:

Eva tinha sido perfeitamente feliz ao lado do esposo, em seu lar edênico; mas, semelhante às inquietas Evas modernas, li-sonjeou-se com a esperança de entrar para uma esfera mais elevada do que aquela que Deus lhe designara. Tentando erguer-se acima de sua posição original, caiu muito abaixo da mesma. Idêntico resultado será alcançado por todas as que estão indispostas a assumir com bom ânimo os deveres da vida, de acordo com o plano de Deus. Em seus esforços para atingirem posições para as quais Ele não as adaptou, muitas estão deixando vago o lugar em que poderiam ser uma bênção. Em seu desejo de uma esfera mais elevada, muitas têm sacrificado a verdadeira dignidade feminina, e a nobreza de caráter, e deixaram por fazer precisamente o trabalho que o Céu lhes designou.³²

É importante, na visão de Ellen White, operar dentro da esfera que Deus designou, para nossa felicidade e dignidade e também para sermos eficazes. Definindo que essa esfera é, claro, a razão de toda essa discussão em nossa Igreja.

Cultura vs. Escritura

Somos lembrados também dos perigos de aceitar práticas culturais quando conflitam com o dever escriturístico. A declaração de Ellen White - “As Escrituras são claras sobre as relações e direitos de homens e mulheres” - origina-se de uma passagem que trata do movimento dos direitos das mulheres na década de 1860. Parte daquele movimento foi uma tentativa de ocasionar uma reforma necessária na questão do vestuário feminino. No entanto, a alternativa proposta para a moda prejudicial que floresceu foi um estilo que procurava minimizar as diferenças no vestuário entre homens e mulheres.

Depois de tratar da solicitação bíblica para uma clara distinção no vestuário, Ellen White comentou acerca do espírito que acompanhava o movimento dos direitos das mulheres:

Aqueles que se sentem chamados a se unir ao movimento em favor dos direitos da mulher e do vestuário reformado, podem igualmente romper toda conexão com a mensagem do terceiro anjo. O espírito que assiste a um não pode estar em harmonia com o outro. As Escrituras são claras sobre as relações e direitos de homens e mulheres.³³

Havia um espírito de ressentimento, de promoção do eu? Na declaração de direitos, há um espírito que não se originou no alto e que nos impede de representar o caráter de Jesus, que não pensa que igualdade seja “uma coisa para ser agarrada” (Fl 2:6, NVI)? Essa declaração nos alerta sobre esses perigos.

Respeito pela liderança do marido

Ellen White defendeu, na prática e no ensino, a compreensão tradicional das declarações bíblicas sobre a liderança masculina no casamento. Arthur White, neto de Ellen White, escreve:

A compreensão dela acerca do relacionamento adequado entre marido e mulher se projeta numa carta escrita a uma amiga no início da vida matrimonial:

“Nós, mulheres, devemos relembrar que Deus nos colocou

em sujeição a nossos maridos. Ele é a cabeça, e nossos critérios, pontos de vista e raciocínio devem, se possível, estar de acordo com os dele. Se não, a Palavra de Deus dá preferência ao marido, em não se tratando de assuntos de consciência. Devemos submeter-nos à cabeça”. [Letter 5, 1861]

Ela não ficava no púlpito para pregar no serviço de adoração do sábado de manhã se Tiago White estivesse presente. Ele fazia o serviço do sábado de manhã e ela falava à tarde. Somente quando ele foi acometido de paralisia em 1865 e durante algum tempo não pode assumir seu posto no trabalho público, é que ela deixou esse comportamento.³⁴

Assim, também é útil mencionar que a ênfase de Ellen White em trabalhar dentro da esfera que Deus indicou foi uma tentativa de encorajar cada pessoa a trabalhar onde ele ou ela fosse mais eficiente.

“As mulheres devem ser obreiras evangélicas”

Está claro que Ellen White *viu* uma esfera particular de trabalho para as mulheres. Em 1900, ela falou especificamente do trabalho que as mulheres devem fazer, depois de indicar o que elas devem ser.

O Senhor tem uma obra para as mulheres, da mesma maneira que para os homens. Elas podem efetuar uma boa obra para Deus, caso aprendam primeiro na escola de Cristo a preciosa e importante lição da mansidão. É necessário que não somente usem o nome de Cristo, mas que possuam Seu espírito. Importa que andem como Ele andou, purificando a vida de tudo quanto contamine. Então serão de benefício aos outros, apresentando-lhes a completa suficiência de Jesus

As mulheres podem ocupar na obra o seu lugar, nesta crise, e o Senhor operará por intermédio delas. Caso se achem imbuídas do senso do dever, e trabalhem sob a influência do Espírito de Deus, serão senhoras de si mesmas como é necessário neste tempo. O Salvador refletirá sobre essas abnegadas mulheres a luz de Seu rosto, e isso lhes proporcionará um poder que ul-

trapassará o dos homens. Elas poderão efetuar nas famílias uma obra que eles não podem realizar, uma obra que atingirá a vida interior. Podem chegar bem perto do coração daqueles que os homens não podem atingir. Seu trabalho é necessário.

A obra das mulheres está satisfazendo a uma positiva necessidade — das mulheres que se consagraram ao Senhor e estão se voltando a ajudar um povo carecido, vítima do pecado. É preciso que se faça obra evangelística pessoal. As mulheres que empreendem essa obra, levam o evangelho aos lares do povo nos caminhos e valados. Lêem e explicam a Palavra às famílias, orando com elas, cuidando dos doentes, aliviando-lhes as necessidades temporais. Apresentam a famílias e indivíduos a influência purificadora, transformadora da verdade. Elas mostram que o meio de alcançar a paz e a alegria, é seguir a Jesus.³⁵

Há um pouco mais nessa seção, mas essas declarações ilustram a perspectiva de Ellen White acerca das mulheres como obreiras evangélicas. Se isso é feito no espírito correto sob a influência de Cristo “a luz de Seu rosto . . . lhes proporcionará um poder que ultrapassará o dos homens. . . . Seu trabalho é necessário”³⁶

Essa é a preocupação que ouvimos atualmente daqueles que gostariam de ver mulheres servindo no ministério ordenado da igreja—que o ministério delas é necessário, especialmente a mulheres e famílias. Ellen White compartilhava dessa preocupação, mas também é evidente que ela anteviu esse ministério sendo realizado por mulheres sem referência ao serviço como anciãs ordenadas ou pastoras. Ellen White disse que esse ministério, quando realizado do modo correto, manifesta um poder maior que o dos homens. É um trabalho nobre e necessário.

Um plano revolucionário

Ellen White sugeriu que as mulheres fossem ordenadas como anciãs ou pastoras? Não. Ela proibiu explicitamente? Não. Ela apenas não falou diretamente sobre esse assunto. E também é evidente que ela não renunciou a ordenação.

O que ela anteviu é significativo: afora a questão da ordenação,

ela motivou vigorosa participação das mulheres, especialmente no ministério pessoal— algo que ainda não está sendo realizado amplamente e de que a Igreja Adventista precisa desesperadamente.

Qual seria a diferença de adotarmos a visão de Ellen White sobre a função das mulheres na igreja? Não exige mudança na estrutura ou política da igreja e sua implementação revolucionaria a prática da igreja.

- ▶ Quando as mulheres são encorajadas a trabalhar no espírito de Jesus em harmonia com as funções dadas por Deus, a luz de Jesus “lhes proporcionará um poder que ultrapassará o dos homens”.³⁷
- ▶ Haveria um grande acréscimo no trabalho pessoal, realizado por trabalhadoras pagas para contrato de período integral, para contrato de meio período e também como voluntárias.
- ▶ Haveria uma explosão na quantidade de pessoas ganhas para Cristo e Sua verdade por meio do afetuoso e atrativo ministério das mulheres.
- ▶ Haveria cura nos relacionamentos domésticos enquanto obreiras piedosas encorajassem os homens a refletirem a liderança abnegada de Cristo no relacionamento com a esposa, e as mulheres honrassem essa liderança masculina como se fosse a liderança de Cristo, a menos que haja conflito com a consciência.
- ▶ As famílias seriam fortalecidas e a igreja começaria a mostrar a um mundo repleto de famílias quebradas e feridas que diferença faz a prática do Senhorio de Jesus no serviço amoroso.

E com relação a algumas partes da igreja que estão divididas sobre o assunto da ordenação de mulheres? Que papel a cultura deve desempenhar em nossas decisões sobre esse assunto? O próximo capítulo examina Atos 15 para ver se conseguimos encontrar alguns princípios que nos ajudem a responder a essas perguntas.

Notas:

1. Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 472 (Ms. 43a, 1898, in *Manuscript Releases*, 21 vols. [Washington, D.C. and Hagerstown, MD: Review and Herald, 1981-1993], vol. 1, 325, 326).
2. White, *Evangelismo*, 492, 493.
3. Ver o vívido relato da luta mental da senhora Henry, a aceitação do sábado e o batismo em Margaret White-Thiele, *Whirlwind of the Lord* (Hagerstown, Md.: Review and Herald, 1998), 222-237.
4. Laurel Damsteegt, “S. M. I. Henry: Pioneer in Women’s Ministry,” *Adventists Affirm*, vol. 9 (Spring 1995), 17-19, 46.
5. Mary Henry Rossiter, *My Mother’s Life: The Evolution of a Recluse* (Chicago, IL: Revell, 1900), 300-302, 308, 309.
6. Douglas Morgan, “Henry, Sarepta Myrenda Irish,” in *The Ellen G. White Encyclopedia*, ed. Denis Fortin and Jerry Moon (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013), 408.
7. Rossiter, *My Mother’s Life*, 329, 330; White-Thiele, *Whirlwind of the Lord*, 284.
8. Rossiter, *My Mother’s Life*, 329.
9. *Ibid.*, 330, 331
10. Ellen G. White, *Review and Herald*, May 9, 1899, 293, publicado sob o título: “The Excellency of the Soul” na coluna da senhora Henry, “Woman’s Gospel Work”.
11. Ver Apêndice 5, “Mulheres licenciadas como ministras adventistas, 1869-1975”.
12. White, *Filhas de Deus*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), 101, 102. [White, *Review and Herald*, May 9, 1899, 293 (ênfase original)].
13. White, *Filhas de Deus*, 101. *Idem*, *Testemunhos Seletos*. Livro 2 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 401 [*Ibid.*].

14. White, *Filhas de Deus*, 101.
15. Bobby Jane Van Dolson and Leo R. Van Dolson, eds., *Seventh-day Adventist Encyclopedia: A-L*, 2d rev. edition, Commentary Reference Series 10 (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996), 691, citando Arthur Whitefield Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1962), vol. 3, 200.
16. Quando a própria Ellen White publicou o material que ela escrevera para a senhora Henry, sob o título “Women to Be Gospel Workers”, ela não publicou a carta toda, mas revisou porções dela para uso em geral. A repreensão dela à senhora Henry: “Fale à multidão sempre que puder” não foi incluída. Ver Ellen G. White, *Testemunhos para a igreja*, 9 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004-2007), vol. 6, 114-116.
17. Rossiter, *My Mother’s Life*, 324, 325. Ver também Damsteegt, “S. M. I. Henry,” 19.
18. Rossiter, *My Mother’s Life*, 325, 326.
19. White, Ms. 38, 1895, in *Manuscript Releases*, vol. 2, 278.
20. White, *Filhas de Deus*, 86. [White, Ms. 43a, 1898, in *Manuscript Releases*, vol. 5, 323, 324].
21. White, *Filhas de Deus*, 86. [Ibid., 324].
22. White, *Filhas de Deus*, 85, 86. A porção da citação antes das reticências não foi publicada em português, sendo traduzida diretamente da fonte original em inglês: Ms. 43a, 1898, in *Manuscript Releases*, vol. 5, 323.
23. White, *Filhas de Deus*, 81. [Ibid, 324, 325].
24. White, *Filhas de Deus*, 202. [Ibid, 325, 326].
25. White, *Filhas de Deus*, 81. [Ibid, 325].
26. White, *Filhas de Deus*, 81, 82. [White, Letter 137, 1898, in *Manuscript Releases*, vol. 21, 360].
27. Patrick Allen, “The Depression and the Role of Women in the Seventh-day Adventist Church,” *Adventist Heritage*, vol. 11, no. 2 (Fall 1986), 51, 53.

116 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

28. Ibid., 50; Roger Coon, “Ellen White’s View of the Role of Women in the SDA Church,” 2, 3, <http://text.egwwritings.org/publication.php?pubtype=Book&bookCode=EGWVRWSDA&pagenumber=1¶graphReferences=1> (acessado em 16 de Março de 2015).
29. White, *Evangelismo*, 475.
30. Ibid., 467, 468.
31. White, *Testemunhos*, vol. 1, 421.
32. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 59.
33. White, *Testemunhos*, vol. 1, 421.
34. Arthur L. White, “Ellen G. White the Person,” *Spectrum*, vol. 4, no. 2 (Spring 1972), 20. Ver também White, *Testemunhos*, vol. 1, 306, 307, descrevendo o dever do marido para mostrar a liderança cristã no alr dele. White, *Testemunhos sobre conduta sexual, adultério e divórcio* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 28.
35. White, *Testemunhos*, vol. 6, 117, 118.
36. Ibid., 117.
37. Ibid.

O QUE PODEMOS APRENDER DE ATOS 15

Em Atos 15, lemos como a igreja primitiva teve êxito em lidar com um assunto potencialmente divisor— a circuncisão. Os cristãos primitivos eram, naturalmente, judeus. Depois do Pentecostes, as boas novas se espalharam rapidamente para os gentios e logo ficou evidente que mais gentios que judeus se tornavam cristãos.

Os problemas começaram quando alguns cristãos judeus, “da seita dos fariseus” (At 15:5), viajaram de Jerusalém para Antioquia a fim de impor aos conversos gentios a guarda das leis cerimoniais, inclusive a circuncisão. Esses cristãos farisaicos continuavam crendo no templo, nos seus serviços e nas suas leis. Na visão deles, os crentes gentios tinham que ser circuncidados para serem salvos (At 15:1). Era uma questão teológica que estava em jogo.

Lemos no verso 2 que Paulo e Barnabé tiveram “contenda e não pequena discussão com eles” e, no fim, os visitantes de Jerusalém criaram uma comoção na igreja de Antioquia, influenciando os cristãos judeus e alienando os cristãos gentios. Por fim, a Igreja decidiu enviar Paulo e Barnabé, junto com outros delegados, a Jerusalém, onde se encontrariam com os apóstolos e anciãos para analisarem a questão.

Ao longo do caminho para Jerusalém, “atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos. Tendo eles chegado a

118 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros e relataram tudo o que Deus fizera com eles. Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: “É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés” (v. 3-5).

Decisão baseada na Escritura e na Revelação Divina

O Concílio de Jerusalém ouviu todos os lados da questão. No entanto, por ser uma questão teológica, a decisão deles foi baseada exclusivamente nas Escrituras do Antigo Testamento e na revelação de Deus dada três vezes a Pedro (ver At 10).

Depois que Pedro lembrou ao concílio a visão no eirado e a experiência com Cornélio, declarou: “Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram”(At 15: 11). Em outras palavras—e isso é um ponto central—os cristãos judeus não precisavam mais guardar as antigas leis cerimoniais, e os cristãos gentios também não!

Paulo e Barnabé contaram como Deus trabalhara por meio deles, realizando “muitos sinais e prodígios entre os gentios” (v. 12). Acompanhando o testemunho deles, toda a multidão se calou e Tiago, o presidente do Concílio de Jerusalém, disse:

Irmãos, atentai nas minhas palavras: expôs Simão como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito:

*“Cumpridas estas coisas, voltarei
e reedificarei o tabernáculo caído de Davi;
e, levantando-o de suas ruínas,
restaurá-lo-ei.*

*Para que os demais homens busquem o Senhor,
e também todos os gentios
sobre os quais tem sido invocado o meu nome,*

*diz o Senhor, que faz estas coisas
conhecidas desde séculos”.*

Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue. (v. 13-20)

Após o Concílio de Jerusalém

Todos no concílio concordaram que essa era uma boa solução, e foi escrita uma carta explicando a decisão. Além disso, os crentes gentios “deviam ser ensinados a guardar os mandamentos e a levar vida santa. Deviam também estar certos de que os que declaravam ser a circuncisão obrigatória não estavam autorizados a fazê-lo em nome dos apóstolos”¹

Paulo e Barnabé, junto com Judas e Silas, foram enviados a Antioquia onde compartilharam a carta com os crentes dali, assegurando tanto a cristãos gentios como a cristãos judeus que a circuncisão não era mais necessária para nenhum cristão.

Pontos centrais

Ao considerarmos essa situação de conflito na Igreja e a solução registrada em Atos 15, devemos manter em mente alguns pontos principais:

1. O Concílio de Jerusalém não estabeleceu dois padrões diferentes com base na cultura—um para crentes judeus e outro para crentes gentios. A decisão do concílio diz respeito a todos os cristãos por toda a parte—judeus e gentios que criam em Cristo. E, por causa disso, o resultado foi uma Igreja mundial unificada.

2. O Concílio de Jerusalém não institucionalizou uma divisão na Igreja entre judeus e gentios; na verdade, fez exatamente o contrário. Eles reafirmaram que a morte de Cristo na cruz destruiu o muro entre judeus e gentios: “Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos

120 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz” (Ef 2:14, 15).

Em outras palavras, com essa decisão, o Concílio de Jerusalém declarou que não havia mais judeu ou gentio, e que todos tinham que viver sob as mesmas leis—as leis do reino do céu, como um povo, unidos em Cristo.

3. O Concílio de Jerusalém nos ensina que quando há desacordo e divergência na Igreja, não devemos olhar para nossa própria cultura em busca de sabedoria e orientação. Em vez disso, Deus dá uma solução baseada na Escritura e na revelação divina.

Do mesmo modo que Ele usou a Escritura e a revelação divina para dirigir a igreja primitiva em questões difíceis, o mesmo Deus—que não muda (Ml 3:6)—usa os mesmos métodos para guiar Sua igreja atualmente.

Circuncisão e cultura

Alguns sugerem que a situação enfrentada pela igreja primitiva acerca da circuncisão é semelhante ao debate relacionado à ordenação de mulheres. Eles sugerem que o Concílio de Jerusalém levou em consideração “dois sistemas de evangelismo” baseados na cultura—um para os circuncidados e outro para os incircuncisos.

Como já vimos, a igreja primitiva permaneceu unida ao tomar essa decisão utilizando a Escritura e a revelação divina—não a cultura. Nem os gentios, *nem* os judeus precisavam ser circuncidados. Como Paulo escreveu posteriormente: “A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas *o que vale* é guardar as ordenanças de Deus” (1 Co 7:19).

A circuncisão não estava baseada na cultura; era um sinal dado por Deus a Abraão, “selo da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso; para vir a ser o pai de todos os que creem. . .” (Rm 4:11).

Como a lei cerimonial, a circuncisão era uma sombra que apontava para o dom do Espírito e o novo nascimento, simbolizados pelo batismo. Pedro indica do mesmo modo em seu discurso para o Concílio de Jerusalém: Deus estava “concedendo o Espírito Santo a

eles [gentios], como também a nós nos concedera [judeus]. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé o coração” (At 15:8, 9). Como a lei cerimonial, a circuncisão era uma “sombra de coisas por vir” e ambas foram suspensas com a morte de Cristo e o véu do templo rasgado por Deus de cima a baixo.

Ordenação e cultura

A ordenação de um gênero exclusivo ao ministério evangélico está baseada na cultura? Não, de acordo com a Bíblia ou Ellen White, como vimos nos capítulos anteriores (ver 1 Tm 2:12, 13 e capítulos 6-8 desse livro).

A ordenação ao ministério evangélico na Igreja do Novo Testamento teve início com o próprio Jesus quando ordenou os doze apóstolos. Posteriormente, com os escritos de Paulo, Ele continuou a guiar a Igreja na seleção de líderes espirituais (ver 1 Tm 3:1-13 e Tt 1:5-9). Ao contrário da circuncisão, que foi dada por Deus como um sinal temporário a Abraão e seus descendentes, as funções gênero-exclusivas de ministro e ancião foram atribuídas por Deus a Sua igreja, com base no modelo de liderança na ordem da Criação que Ele estabeleceu no Jardim do Éden.

A tabela abaixo resume as diferenças entre a liderança na ordem da Criação e a circuncisão:

Ordem na Liderança da Criação	Circuncisão
Desde o Éden, como o sábado e a família	A partir de Israel, como a lei cerimonial
Começou com Adão, pai da raça humana	Começou com Abraão, pai dos hebreus
Como o sábado, aponta para o Éden	Como a lei cerimonial, aponta para um tempo futuro
Modelo de liderança divino	Batismo renunciado
Realidade	Sombra
Imutável, para a igreja em todas as épocas	Temporário, terminou com a morte de Cristo

122 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

É importante notar que

- ▶ Ao contrário do sábado, da família e da liderança na ordem da Criação, a circuncisão não foi instituída no Jardim do Éden.
- ▶ A circuncisão começou com Abraão, que foi o pai dos hebreus.
- ▶ A circuncisão está ligada à lei cerimonial, ao contrário do sábado e da liderança na ordem da Criação, que não podem ser modificados (At 15:5).

Significado atualmente

Como a questão que enfrentamos atualmente é *teológica* e está ligada à *ordem da Criação*, essa questão teológica é bem mais importante que o assunto se a mulher deve ou não ser ordenada como ministra evangélica que supervisiona a igreja. *A questão é se a Escritura ou a cultura vai orientar a Igreja.* Como vimos, a Bíblia é clara—tanto o Antigo como o Novo Testamento—e se renunciarmos a fidelidade à Escritura nesse ponto, teremos desistido da única base segura para a nossa unidade.

Por mais que apreciemos a diversidade, é a Escritura—*nos- sa fé e prática baseadas na Bíblia—que nos mantém juntos como uma igreja mundial, não a diversidade. É essa unidade baseada na Bíblia que nos protegerá dos flagelos do pluralismo e nos habilitará a resistir às tormentas dos últimos dias. Nossa confiança na unidade da Escritura pode ser mantida apenas se continuarmos a interpretá-la do modo como a Bíblia interpreta a si mesma. Se passarmos a interpretá-la de modo diferente em distintos lugares, nada poupará a igreja de fragmentação acerca de dízimo, congregacionalismo, homossexualidade e outras questões.*

Assim como o sábado e o casamento não podem ser enfraquecidos sem comprometer a unidade da igreja, o mesmo se dá com a liderança na ordem da Criação, dada no Gênesis e confirmada por Paulo, porque isto implica autossacrificar a liderança da igreja. Esse princípio não pode ser comprometido sem destruir a unidade

da Igreja. Se permitirmos a diversidade aqui, ela nos dividirá. E já nos dividiu de certa forma.

Quando Israel exigiu um rei e rejeitou a monarquia de Deus e Seu plano para liderá-los, Israel foi dividido e, por fim, Israel foi destruído. O Concílio de Jerusalém tomou uma decisão com base na Escritura e na revelação divina, e a Igreja do Novo Testamento permaneceu unida e continuou a crescer cada vez mais, “transtornando o mundo” (At 17:6). Ao permanecermos fiéis a Deus e Sua Palavra, o mesmo será válido para nós hoje.

Notas:

1. Ellen G. White, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 195.

A BÍBLIA APOIA A ORDENAÇÃO DE MULHERES? E ISSO REALMENTE É IMPORTANTE?

Há muitos pontos em que a grande maioria dos Adventistas do Sétimo Dia condorda, até mesmo com relação à ordenação. Esses pontos incluem os ensinamentos bíblicos de que Jesus é o Cabeça da igreja, que todos nós como membros da Igreja somos comissionados a propagar o evangelho, que os dons espirituais são inclusivos de gênero, e que homens e mulheres são plenamente iguais porque foram criados à imagem de Deus.

A questão principal

Com tanto em comum, é surpreendente que não tenhamos chegado a um acordo quanto à questão principal; ou seja: “As qualificações bíblicas para o ministro evangélico que supervisiona a Igreja permite que uma mulher seja ordenada para essa função?” Os capítulos anteriores pretenderam evidenciar que a Bíblia não apresenta duas respostas diferentes a essa questão, assim como a Bíblia não dá duas respostas diferentes quanto ao dia que Deus nos manda guardar como o santo sábado, embora cristãos conservadores que creem que toda a Bíblia é a palavra inspirada de Deus cheguem a conclusões opostas sobre esse ponto.¹

Alguns têm alegado que a questão de quem deve ser ordenado

ao ministério evangélico é uma questão “eclesiológica” ou “eclesiástica”, e não teológica. Essa é uma falsa dicotomia, já que eclesiologia (“doutrina teológica relacionada à igreja”)² é uma subdivisão da teologia, e eclesiástica (“de ou relacionado a igreja, especialmente como uma instituição estabelecida”)³ é conduzida por nossa teologia. Em outras palavras, o modo de entendermos a Igreja (eclesiologia) e as questões relacionadas ao modo como a Igreja funciona (eclesiástico) derivam de nossa teologia e não podem ser separados dela. Portanto, em sua origem, o assunto da ordenação é definitivamente uma questão teológica.

Uma igreja mundial

Pelo modo como alguns falam, uma pessoa desinformada pode pensar que o sistema organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia está quebrado. Esse não é o caso. O fato é que nosso atual sistema de organização tem trabalhado muito bem durante mais de cem anos, estabelecido sobre a Bíblia e o Espírito de Profecia. E nosso sistema mundial de ordenação com mais de 18.000 ministros ordenados ativos tem funcionado eficientemente por mais de 150 anos.

Como consequência, somos a única Igreja Protestante verdadeiramente mundial, com presença em 216 dos 238 países reconhecidos pelas nações unidas e crescendo rapidamente onde quer que tenhamos adotado e integrado plenamente a nossa mensagem, missão, identidade e propósito como Adventistas do Sétimo Dia. Um artigo recente na *Christianity Today* descreveu nosso crescimento nesses termos:

Em 2014, pelo 10o ano seguido, mais de um milhão de pessoas se tornaram Adventistas, atingindo o registro de 18,1 milhões de membros. O Adventismo é hoje a quinta maior comunidade cristã mundial, depois do Catolicismo, Ortodoxia Oriental, Anglicanismo e Assembleia de Deus.⁴

Sem dúvida, Jesus nos ergueu como a Igreja remanescente e tem abençoado nosso trabalho em abundância, mas isso se deve em grande parte a nossa fidelidade às Escrituras e Seu conselho inspirado. Não podemos subestimá-la como se fosse nosso patrimônio.

Organização da igreja estabelecida por Jesus

Na verdade, foi Jesus quem estabeleceu a Igreja desde o início, colocando um sólido fundamento edificado sobre “os apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef. 2:20). Como vimos, os doze apóstolos ainda foram organizados em três subgrupos de dois pares e por meio deles Jesus instituiu o sistema de oficiais da Igreja, primeiro os diáconos e então os anciãos, conforme a Igreja crescia. Esse sistema de líderes de igreja ordenados capacitou a igreja primitiva a se espalhar rapidamente por todo o Império Romano e além.

Com relação aos dois ofícios de ordenação (ministro/ancião e diácono), a Bíblia é clara a respeito das qualificações esperadas daqueles que vão preenchê-las. Como noventa e dois por cento do Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação concordou,⁵ a ordenação é uma prática bíblica para separar os que preenchem as qualificações escriturísticas.⁶ Paulo apresenta essas qualificações em 1 Timóteo 3 e Tito 1—cartas escritas aos coobreiros mais próximos que viajavam bastante e receberam a responsabilidade de administrar várias igrejas. De acordo com essas passagens, ministros/anciãos que supervisionam a Igreja “devem ser irrepreensíveis, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento” (1 Tm 3:2, 3). Paulo especificou as mesmas qualificações na epístola a Tito: “alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher,” etc. (Tt 1:6).

Alguns dizem que ninguém preenche perfeitamente todas essas qualificações, mas essa não é a questão. O fato é que as qualificações claramente descrevem o tipo de líder espiritual que a pessoa “deve ser” caso vá ocupar a função de ministro/ancião ordenado. Só porque esse não é um dos Dez Mandamentos não significa que é opcional ou sem importância. A Grande Comissão, a celebração da Ceia do Senhor e o Lava Pés são apenas bons conselhos ou são ordenanças divinas? Quando começarmos a desconsiderar claras injunções bíblicas como Igreja, onde iremos parar? Como um recente artigo na revista *Time* indica:

128 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Até o momento nenhuma tradição cristã foi capaz de abranger a comunidade LGBT [Lésbica, Gay, Bissexual, Transsexual] sem primeiro mudar sua visão sobre as mulheres. O mesmo raciocínio que conclui que a homossexualidade é pecado também está por trás da visão evangélica tradicional de que os maridos são os líderes espirituais dos casamentos e que os homens são os líderes na igreja.⁷

O “raciocínio” mencionado, naturalmente, é a convicção de que a Bíblia é a mesma Palavra de Deus para nós na atualidade e para as gerações anteriores.

A Escritura é a autoridade

Não estamos livres para selecionar as porções da Escritura que desejamos seguir. A questão quanto a “ser adequado” ordenar mulheres ao ministério evangélico é uma questão inadequada! Perguntar se algo é adequado ou inadequado nos faz reagir e nos concede, como seres humanos, o poder de decidir o que é certo ou não para nosso tempo e região do mundo.

Quando reconhecemos que há qualificações bíblicas para a função de ministro evangélico que supervisiona a Igreja, então, quem somos nós para perguntarmos se isto é adequado ou não? É como perguntar se é adequado que Jesus escolha doze apóstolos ou nos diga para “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28:19). Deus não pôs essas questões em nossas mãos para decidirmos; Ele as especificou em Sua Palavra. Sua Palavra sempre tem sido e deve continuar sendo a base autoritativa de nossa *fé e prática*.

Nossas principais conclusões

A Bíblia é clara a respeito da vontade de Deus para a liderança espiritual de Sua Igreja. Relembremos rapidamente o que vimos nos capítulos anteriores:

1. A exigência de que o ministro evangélico que supervisiona a Igreja “deve ser marido de uma só mulher” (1 Tm 3:2) é tão evidente no original grego como em português. A palavra grega para “marido” nunca significa uma mulher e

a palavra para “mulher” nunca significa um homem. Como confirmam 57 de 61 traduções em inglês nos últimos 700 anos, essas são claras exigências de gênero que não podem ser evitadas a menos que redefinamos o que queremos dizer com homem e mulher. Mas essa definição já foi feita por Deus na Criação, quando Ele formou Adão e Eva.

2. Paulo muda de uma linguagem inclusiva de gênero (“todas as pessoas”) e específica de gênero (*homens e mulheres*) em 1 Timóteo 2 para a linguagem exclusiva de gênero (“marido de uma única esposa”) em 1 Timóteo 3 em conexão com os oficiais da Igreja. Sua referência às “mulheres” que auxiliaram os diáconos em 1 Timóteo 3:11 é prova adicional de que a linguagem exclusiva de gênero é intencional.
3. Apesar de haver pelo menos cinco formas de ordens no grego, Paulo emprega a mais forte delas quando diz o que o ministro/ancião *deve ser* (*dei . . . einai* em grego). Essa é a forma usada para indicar um imperativo divino (e.g., Mt 24:6; Mc 13:10; Lc 24:44; Jo 3:14; At 4:12; 1 Co 15:53; 2 Co 5:10; Hb 11:6; Ap 22:6).
4. As mulheres são tão vitais quanto os homens para o crescimento da Igreja. A ordem de Paulo para que as mulheres “ficassem caladas” na Igreja é dirigida às mulheres que estavam interrompendo o serviço de adoração fazendo perguntas. Além desse grupo, a mesma ordem é dada a dois grupos de *homens* que estavam sendo perturbadores (ver 1 Co 14:27-33). Em 1 Timóteo 2:11, 12, Paulo proíbe as mulheres de usurpar uma função de ensino autoritativa, como nossos pioneiros Adventistas reconheceram e ensinaram, inclusive Ellen White.⁸
5. O Novo Testamento apresenta regras ou códigos de conduta para o lar e para a igreja. No lar, a esposa deve se submeter ao esposo, e o esposo deve amar a esposa; os filhos devem obedecer a pai e mãe, e os pais não devem provocar os filhos. Para a igreja, também, que é “a casa de Deus”, há regras para adoração e para o preenchimento

130 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

de ofícios eclesiásticos. Não deve haver “cavaleiro sem cabeça” na Igreja!

6. Ellen White nunca foi ordenada para um ofício na Igreja. A Igreja emitiu para ela as mais altas credenciais possíveis em reconhecimento do chamado especial como “a mensageira do Senhor” e como um modo prático de conceder-lhe livre acesso aos púlpitos mundiais.
7. A questão em Atos 15 (se os gentios devem ser circuncidados para serem salvos) era teológica. A circuncisão era uma exigência cerimonial. Não era como o sábado e a liderança na ordem da Criação, que foram estabelecidos antes da Queda e são válidos para o povo de Deus em todos os lugares e em todas as épocas.

O caminho adiante

Quando a Igreja Primitiva foi ameaçada de divisão em consequência de alguns que estavam determinados a levar avante a questão da circuncisão para toda a igreja, o Concílio de Jerusalém, que consistia de apóstolos e anciãos representando as várias igrejas, resolveu as questões transmitindo uma decisão baseada na Bíblia, a qual deveria ser seguida por todos os crentes, em todos os lugares. De modo similar, como Adventistas do Sétimo Dia, temos sempre sido uma Igreja baseada na Bíblia e temos sido claramente alertados pela inspiração: “Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro — “Assim diz o Senhor”⁹

Creemos que a Bíblia é simples. Não é necessário um doutorado em teologia ou métodos sofisticados de interpretação para compreendê-la. Creemos também que a Bíblia é consistente do início ao fim. Paulo não se contradiz nem entendeu erroneamente o Gênesis. O modelo de liderança masculina abrange toda a Bíblia, desde a liderança de Adão no Jardim do Éden, os patriarcas e sacerdotes do Antigo Testamento, até o estabelecimento dos apóstolos e anciãos por Jesus no Novo Testamento, culminando na Nova Jerusalém, onde nos portões estarão inscritos os nomes das doze tribos de Israel e nos fundamentos, os nomes dos doze apóstolos (Ap 21:12-14).

A Bíblia apoia a ordenação de mulheres? E isso realmente é importante? • 131

Se, como Igreja, interpretarmos “marido de uma só mulher” com o significado de “homem ou mulher fiel”, então podemos fazer com que qualquer passagem da Escritura signifique o que desejarmos, ou o que nossa cultura nos diga que deve significar. Será possível que, como Igreja, estejamos sendo testados se continuaremos a manter a Bíblia como a autoridade para nossa fé e prática para que, passado o teste, estejamos preparados para testes maiores logo adiante com relação a casamentos entre pessoas do mesmo sexo e até mesmo o sábado? Como declara o relatório da Teologia da Ordenação: Posição No. 1, para o Concílio Anual:

Nossa confiança na unidade da Escritura pode ser mantida apenas se continuarmos a interpretá-la do modo como a Bíblia interpreta a si mesma. Se passarmos a interpretá-la de modo diferente em distintos lugares, nada poupará a igreja de fragmentação acerca de dízimo, congregacionalismo, homossexualidade e outras questões.¹⁰

Mais importante até que permitir ou não que as mulheres sejam ordenadas ao ministério evangélico é como lemos a Bíblia. Como tem se tornado axiomático, alguns Adventistas estão começando a interpretá-la de modo bem diferente. Não surpreende que eles cheguem a conclusões diferentes. Os Adventistas sempre foram o “povo do Livro”. Nunca confiamos num “magisterium” ou outro grupo para interpretar a Bíblia para o restante da Igreja. Cada membro é encorajado a estudar e conhecer a Bíblia por si mesmo. Sabemos que, ao nos aproximarmos dos últimos dias isso seria especialmente importante, e que cada um de nós esteja “preparados para responder ... razão da esperança que há em vós” (1 Pd 3:15).

No fim, o que mais importa não é como os teólogos ou os líderes da Igreja nos vários níveis interpretam a Bíblia, mas, como disse Jesus: “Como você a lê?” (Lc 10:26, NVI). A questão submetida à Sessão da Conferência Geral 2015, em San Antônio, é direcionada a *cada delegado individualmente*:

Após *seu* piedoso estudo sobre a ordenação a partir da Bíblia, dos escritos de Ellen G. White e dos relatos das comissões de estudo; e depois de *sua* cuidadosa consideração do que é melhor para a igreja e o cumprimento de sua missão, é aceitável

132 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

que as Comissões Plenárias das Divisões, conforme eles considerarem apropriado em seus territórios, tomem providências para a ordenação de mulheres ao ministério evangélico? Sim ou Não.¹¹

Como a Igreja Primitiva em Atos 15, sempre temos, como Adventistas, tomado importantes decisões teológicas nas sessões da Conferência Geral, confiando que Deus, por meio de Sua Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos guiará para o que for de Sua vontade. E o resultado sempre tem sido o fortalecimento de nossa unidade e um aprofundamento de nossa compreensão, não obstante as forças que tentaram nos estilhaçar ou dividir.

Talvez, tão importante quanto a decisão a ser tomada na sessão da Conferência Geral é o que decidiremos fazer com ela. Aceitaremos a voz da Conferência Geral em sessão como reflexo da vontade de Deus? Embora seja verdade que “nunca deve a mente de um homem ou de uns poucos homens ser considerada suficiente em sabedoria e autoridade para controlar a obra, e dizer quais os planos que devem ser seguidos”, a inspiração nos motiva a crer que uma autoridade mais alta nos está guiando como igreja, como explica a próxima porção desse testemunho:

Mas quando, numa assembléia geral, é exercido o juízo dos irmãos reunidos de todas as partes do campo, independência e juízo particulares não devem obstinadamente ser mantidos, mas renunciados. Nunca deve um obreiro considerar virtude a persistente conservação de sua atitude de independência, contrariamente à decisão do corpo geral.

Por vezes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção geral da obra, tem procurado, em nome da Associação Geral, executar planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que eu não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isso não equivale a dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de uma assembleia de homens representativos e devidamente designados, de todas as partes do campo, não deva ser respeitada. Deus ordenou que os representantes de

Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Assembleia Geral, devam ter autoridade. O erro que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influência de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral reunida para fazer planos para a prosperidade e avançamento de Sua obra.¹²

Dois anos depois, em 1911, Ellen White afirmou: “Deus investiu Sua igreja de especial autoridade e poder, por cuja desconsideração e desprezo ninguém se pode justificar; pois aquele que assim procede, despreza a voz de Deus.”¹³ O segredo de nossa unidade tem sido nossa fidelidade à Escritura. Valorosa como a diversidade pode ser, é nossa fé e prática baseadas na Bíblia que nos preserva juntos.

Que sempre sejamos fieis à Palavra de Deus, individualmente e como Igreja. O Senhor nos abençoará “infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos” (Ef 3:20) e, como predito, derramará o Espírito Santo no poder da chuva serôdia para terminar Sua obra.

Notas:

1. Ver Charles P. Arrand, Craig L. Blomberg, Skip MacCarty, and Joseph A. Pipa, *Perspectives on the Sabbath: Four Views*, ed. Christopher John Donato (Nashville, TN: B&H, 2011), que inclui um capítulo do escritor Adventista do Sétimo Dia Skip MacCarty.
2. Merriam-Webster Online Dictionary, www.merriam-webster.com/dictionary/ecclesiology (acessado em 23 de Março de 2015).
3. Ibid., www.merriam-webster.com/dictionary/ecclesiastical (acessado em 23 de Março de 2015).
4. Sarah Eekhoff Zylstra, “The Season of Adventists: Can Ben Carson’s Church Stay Separatist amid Booming Growth?” *Christianity Today*, vol. 59, no. 1 (January-February 2015), 18.
5. “Study Committee Votes Consensus Statement on ‘Theology of

134 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Ordination,” *Adventist Review* [Aug. 15, 2013], página 8), <http://news.adventist.org/all-news/news/go/2013-07-23/study-committee-votes-consensus-statement-on-theology-of-ordination/> (acessado em 19 de Março de 2015).

6. Ver “Consensus Statement on a Seventh-day Adventist Theology of Ordination,” <https://www.adventistarchives.org/consensus-statement-on-a-seventh-day-adventist-theology-of-ordination.pdf> (acessado em 17 de Março de 2015).
7. Elizabeth Dias, “A Change of Heart: Inside the Evangelical War Over Gay Marriage,” *Time*, January 26, 2015, 47. Segundo Russell Moore, presidente da Comissão de Ética e Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul: “Não é por acaso que o movimento de liberação das mulheres precedeu o movimento de liberação gay” (Ibid.).
8. Ela concordou em explicar a Elder S. N. Haskell o que significavam essas passagens (ver Letter 17a, 1880, in *Manuscript Releases*, 21 vols. [Washington, D.C. and Hagerstown, MD: Review and Herald, 1981-1993], vol. 10, 70).
9. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2006), 595.
10. Ver Clinton Wahlen, “Theology of Ordination: Position No. 1,” *Adventist Review*, <http://www.adventistreview.org/church-news/theology-of-ordination-position-no.-1> (acessado em 18 de Março de 2015), apresentado no Apêndice 6.
11. Andrew McChesney, “Women’s Ordination Goes to San Antonio,” *Adventist Review*, November 20, 2014, 18.
12. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, 9 vol. (Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2001-2006), vol. 9, 260, 261.
13. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Paublicadora Brasileira, 2006), 164.

MAIS PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas gerais

1. A ordenação é realmente bíblica ou é uma questão eclesiológica—isto é, trata-se de algo inventado pela Igreja e que pode ser adaptado e modificado?

Como afirma a Declaração de Consenso sobre a Teologia da Ordenação Adventista do Sétimo dia, documento aprovado por noventa e dois por cento do Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação, da Conferência Geral (GC-TOSC), e quase unanimemente recomendado pelo Comitê Executivo da Conferência Geral no Concílio Anual 2014,¹

As Escrituras identificam algumas posições de liderança específicas que foram acompanhadas pela recomendação pública da Igreja para pessoas que preenchessem as qualificações bíblicas (Nm 11:16, 17; At 6:1-6; 13:1-3; 14:23; 1 Tm 3:1-12; Tt 1:5-9). Essas várias recomendações envolvem “a imposição de mãos”. As versões em português das Escrituras usam a palavra *separar* para traduzir muitas palavras gregas e hebraicas que têm a ideia básica de *selecionar* ou *designar* e que descrevem a posição dessas pessoas nos respectivos ofícios. No decurso da história cristã, o termo *ordenação* tem adquirido significados além do que essas palavras indicavam

originalmente. Em contraste a esse cenário, os Adventistas do Sétimo Dia entendem a ordenação num sentido bíblico, como a ação da Igreja em reconhecer publicamente aqueles a quem o Senhor tem chamado e equipado para o ministério da Igreja local e global.²

2. Até mesmo os melhores teólogos de nossa Igreja não conseguiram concordar nesse assunto, então, é possível que a Bíblia não seja clara sobre esse tema?

Lembremos que a Bíblia é a Palavra de Deus para nós. O próprio Jesus disse: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). O salmista declara: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105). Não há necessidade de um doutorado para entender a Bíblia e não precisamos que alguém a “interprete” para nós. A única exigência é um coração aberto e disposto, que pede a orientação do Espírito Santo para pesquisar as Escrituras. Jesus disse: “O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas” (Jo 14:26) e “os guiará a toda a verdade” (Jo 16:13). De fato, Deus responsabiliza cada um de nós pela interpretação correta da Bíblia (2 Tm 3:17).

Por um período longo da história cristã a Igreja manteve a Bíblia inacessível às pessoas ao restringi-la ao latim e até acorrentando-a fisicamente ao edifício e tornando crime que o povo a lesse por si mesmo.³ A Igreja também controlou as Universidades da época. Muitos homens como Martinho Lutero, William Tyndale, Oliver Cromwell e outros, sofreram e/ou foram martirizados para que as pessoas tivessem acesso à Bíblia em seu próprio idioma. Se a Bíblia é tão obscura, por que essa dedicação para assegurar que ela fosse acessível a todos?

3. Por que algumas pessoas pensam que a ordenação é muito importante, se não faz parte das 28 Crenças Fundamentais?

A Bíblia é fundamental a todas as nossas crenças como Adventistas do Sétimo Dia e embora não haja nenhuma crença fundamental específica ao assunto da ordenação, os princípios bíblicos dessa prática são expressos em várias de nossas crenças fundamentais,

começando com nossa visão da Escritura como apresentada na Crença Fundamental No. 1, que indica : “As Escrituras Sagradas são a infalível revelação de Sua vontade”. Se elas são incompletas ou obscuras em alguns pontos, como podem ser infalíveis? A Crença Fundamental 14 declara: “Distinções de raça, *cultura* e nacionalidade, e diferenças entre altos e baixos, ricos e pobres, *homens e mulheres*, não devem ser *motivo de dissensões* entre nós”. Contudo, a exigência de maior sensibilidade a alguns contextos culturais e injustiças inferidas tem feito disso um motivo de muita dissensão entre nós por mais de quarenta anos. A Crença Fundamental No. 17 menciona “ministérios pastorais, evangelísticos, apostólicos e de ensino”⁴ e se vale de 1 Timóteo 3:1-13, onde Paulo lista as qualificações bíblicas para anciãos/ministros que supervisionam a Igreja, diáconos e as mulheres que os auxiliam. Desde os primeiros anos do movimento Adventista, essa e muitas outras passagens bíblicas têm dado o fundamento inspirado para nosso sistema de ordem da Igreja e de ordenação para o ministério evangélico. Nossa eclesiologia—conhecimento sobre a igreja e como ela funciona—emana de nossa teologia, ambas baseadas na Escritura.

4. Qual a relação entre o chamado de Deus e a ordenação?

Jesus chamou muitos discípulos para segui-Lo, mas selecionou e ordenou apenas doze como “apóstolos” (Mc 3:13-19), ou seja, “os que foram enviados/comissionados” como Ele Mesmo foi enviado/comissionado pelo Pai (Jo 17:20, 21; 20:21; Hb 3:1, 2). Todos são chamados para serem seguidores de Jesus e compartilharem o evangelho com os outros (Mt 28:18-20; Ap 14:6, 7; 22:17), e alguns são indicados/ordenados para as funções de liderança como anciãos e diáconos (1 Tm 3:1-13; Tt 1:5-9) a fim de ajudarem a organizar o cumprimento da missão da Igreja. Há uma lista de qualificações para cada uma dessas funções, e entre as qualificações em cada caso está a especificação de que a pessoa deve ser do sexo masculino (apóstolo, Atos 1:21 [“dos *homens*”, utilizando o plural da palavra grega *anēr*, “homem”]; ancião, 1 Timóteo 3:2 [“*marido* de uma só mulher”]; diáconos, 1 Timóteo 3:12 [“*marido* de uma só mulher”). Deus usa a todos nós no cumprimento de Sua obra e também indicou claramente que qualidades devem ser evidentes nos que Ele chama para funções de liderança na Igreja.

5. Há diferença entre a ordenação de Israel no Antigo Testamento e na Igreja do Novo Testamento?

No Antigo Testamento, os sacerdotes eram ordenados pela unção com óleo, para ministrar no santuário e para cumprir os ritos sacrificiais dados por Deus como símbolo da expiação pelo pecado. Os levitas eram separados pela imposição de mãos para a obra ligada ao santuário. Os profetas, exceto um (1 Reis 19:16), foram ordenados diretamente por Deus, portanto, nenhum ritual foi necessário. As funções de sacerdote e levita não foram perpetuadas na Igreja do Novo Testamento porque o tipo encontrou o antítipo na morte de Cristo como “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29), e Jesus ministra no santuário celestial como nosso Sumo Sacerdote (Hb 8:1, 2). Em vez disso, Jesus ordenou os apóstolos como líderes de Sua Igreja (cf. Ef 2:20); eles, por sua vez, ordenaram anciãos e diáconos como líderes da Igreja por meio da oração e da imposição de mãos. Para mais detalhes a esse respeito, ver capítulo 2, “A ordenação é bíblica?” e capítulo 4, “Marido de uma só mulher... É isso mesmo?”

6. Como a ordenação se relaciona com os dons espirituais?

Há várias listas de dons espirituais no Novo Testamento, que juntas refletem uma ampla diversidade de talentos para uso espiritual. Elas incluem profecia, evangelismo, ensino, administração, auxílio, hospitalidade, ministério aos pobres e muitos outros (Rm 12:6-8; 1 Co 12:4-10, 28; Ef 4:11-13; 1 Pd 4:10, 11). Esses dons estão disponíveis a homens e mulheres, de acordo com a escolha, distribuição e direção do Espírito Santo (1 Co 12:11). Esses dons incluem o dom do pastoreio, importante qualidade para o ancião/ministro que supervisiona a igreja (Jo 21:16; At 20:28; 1 Pd 5:1-4), porém também pode ser exercido por outros. Muitas funções na igreja, inclusive a de profeta (Lc 2:36; At 21:9; cf. 2:17, 18; 1 Co 11:5) também estão abertas para as mulheres. No entanto, no Novo Testamento as mulheres nunca atuaram como ministras ou anciãs. Algumas, como Priscila, e o esposo Áquila, estavam envolvidas na obra de nutrir novos crentes, e instruir e fazer discípulos. Afinal, a comissão para compartilhar o evangelho é algo em que todos os cristãos devem estar engajados ativamente.

7. Deus ordenou mulheres para ofícios da Igreja?

Em nenhuma passagem bíblica a mulher é mencionada ocupando um dos ofícios de liderança (sacerdote, levita, apóstolo, ancião ou diácono). Alguns pensam que Febe foi diaconisa (Rm 16:1), embora as palavras gregas *diakonos* e *diakoneō* sejam frequentemente usadas de modo geral para se referir a qualquer pessoa que serve ao Senhor como membro de Sua Igreja (e.g., Mt 25:44; 27:55; Jo 12:26; 1 Co 3:5; Cl 4:7; Hb 6:10) e raramente no sentido mais técnico, específico de “diácono” (Fl 1:1; 1 Tm 3:8, 10, 12). Onde poderíamos encontrar diaconisas (1 Tm 3:11), nenhum título é dado a essas auxiliares do sexo feminino. Na história adventista, houve pelo menos duas ocasiões na Austrália quando as diaconisas foram ordenadas, mas a prática foi temporária e não se difundiu.⁵

8. As mulheres estão proibidas de ter funções de ensino na Igreja?

Não. Em 1 Timóteo 2:12, o par de infinitivos “ensinar” e “exercer autoridade” está ligado na estipulação “não permito”, e se refere à proibição de Paulo de que as mulheres exerçam função de ensino *autoritativo* sobre um homem na igreja. Em outras palavras, cada congregação local deve ser supervisionada por um ancião ou ministro bíblicamente qualificado (1 Tm 3:2-7), que é responsável por “pregar a palavra” (2 Tm 4:2) e assegurar que a “sã doutrina” caracterize todas as atividades de ensino da Igreja (Tt 1:9). Paulo baseou essa prática não na cultura ou costume, mas no relato de Gênesis sobre a Criação e a Queda (ver 1 Tm 2:13-15). As mulheres são encorajadas a apoiar a ordem de Deus na liderança da Igreja. Com essa definição, as mulheres podem desempenhar diferentes funções de ensino como: classes de Escola Sabatina, seminários, pregações etc.

9. A submissão da mulher ao marido não se tornou necessária por causa do pecado?

A submissão é um princípio bíblico de longo alcance, resumido pela submissão de Jesus ao Pai. Enquanto esteve na terra, Jesus nunca deixou de ser Deus.⁶ Ele continuou igual ao Pai, contudo, Ele submeteu Sua vontade à vontade do Pai (Mt 25:39; Jo 8:29). Mes-

mo no fim dos tempos, quando todas as coisas estiverem sujeitas a Cristo, “o Próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos” (1 Co 15:28). Portanto, a submissão, praticada e compreendida biblicamente, de modo algum diminui a plena igualdade, nem compromete o valor ou a individualidade de alguém.

Em Efésios 5:21–6:9, Paulo descreve vários pares de relacionamentos domésticos assimétricos em que a submissão é necessária para manter a ordem (marido-mulher, pais-filhos, senhores-servos), mas também qualifica como essa submissão deve funcionar. O marido cristão deve amar sua mulher como Cristo ama a igreja e cuida dela (Ef 5:25, 28, 29), e a esposa deve respeitar o marido (Ef 5:33) e se submeter a ele “como convém no Senhor” (Cl 3:18). O pai cristão não deve provocar os filhos à ira (Ef 6:4), e os filhos devem obedecer a seus pais “no Senhor”, o que significa que essa obediência é motivada pelo amor a Jesus e não deve conflitar com o dever para com Deus. Advertências semelhantes são dadas para amenizar o possível abuso no relacionamento senhor-servo (Ef 6:5-9). O fato de Paulo citar Gênesis 2:24, que descreve o relacionamento antes da Queda entre Adão e Eva, ressalta que a relação de liderança do marido para a mulher (Ef 5:23) não é resultado do pecado. É uma ilustração do princípio de liderança da ordem da Criação, que também funciona dentro da Igreja como “a casa de Deus” (1 Tm 3:15, ARA). Ver capítulo 6, “O cavaleiro sem cabeça cavalga novamente”.

10. Não devemos encorajar a diversidade como um modo de promover unidade?

“Unidade na diversidade” é uma frase popular usada na cultura atual, principalmente em contextos políticos e sociais. A ideia básica é ter “unidade sem uniformidade e diversidade sem fragmentação”.⁷ O Próprio Deus criou e ama a diversidade. Cada indivíduo é único e a natureza revela vasta variedade e diversidade. A unidade também é vital. Jesus orou por Seus seguidores, para “que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:21). A unidade pela qual Cristo orou é baseada na verdade, a verdade

de Deus, encontrada em Sua palavra (ver Jo 17:17, 19, 20). Uma característica distintiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia desde o início tem sido a unidade baseada na Escritura, e é essa unidade baseada na Bíblia que torna a denominação na única Igreja Protestante verdadeiramente mundial. Diversidade em crença sobre o que as Escrituras ensinam não produz unidade, mas fragmentação. Jesus disse: “Se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir” (Mc 3:25).

A importância de uma unidade baseada na verdade também é ressaltada por Ellen G. White: “Os homens querem efetuar a união mediante concessões à opinião popular e transigências com o mundo. Mas a verdade é o alicerce de Deus para unidade de Seu povo.”⁸ E outra vez: “Não podemos comprar paz e unidade ao custo da verdade. O conflito pode ser longo e doloroso, mas a qualquer custo precisamos fixar a Palavra de Deus.”⁹

11. A permissão de Deus para que Israel tivesse um rei não sugere espaço para flexibilidade em termos de liderança da Igreja?

Essa ideia passa por alto vários fatos importantes. Em primeiro lugar, Deus, por meio de Moisés, já tinha tomado providências para Israel ter um rei, explicando as leis (ou regras) pelas quais o reino divino precisava funcionar em Israel (Dt 17:14-20). Em segundo lugar, essa insolente saída da vontade de Deus rapidamente conduziu Israel à divisão e destruição. No Novo Testamento, não foram tomadas providências semelhantes para o desvio do modelo de ancião-diácono estabelecido para a igreja. Assim como Paulo e Barnabé ordenavam anciãos em cada igreja que estabeleciam, Paulo prescreve que Tito faça o mesmo em cada povoado na ilha de Creta (Tt 1:5). Esse modelo de liderança é necessário para o crescimento da Igreja e para mantê-la unida e forte—como podemos ver nos conselhos de Paulo a Timóteo e Tito sobre a escolha cuidadosa de anciãos (1 Tm 3:6; 5:22; Tt 1:9).

12. A decisão do Concílio de Jerusalém não é uma prova de que a unidade pode ser preservada mesmo quando práticas diferentes prevalecem em locais diferentes?

142 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Uma compreensão errônea comum é que o Concílio de Jerusalém, em Atos 15, decidiu permitir práticas diferentes entre os cristãos em diferentes lugares. Não é o caso. Alguns judeus cristãos, que eram “da seita dos fariseus” (v. 5), insistiam que os crentes gentios deviam ser circuncidados para serem salvos. Portanto, estava em jogo uma questão teológica. O Concílio de Jerusalém ouviu todos os argumentos e, por ser uma questão teológica, a decisão deles foi baseada exclusivamente nas Escrituras e na revelação de Deus dada na visão de Pedro (ver At 10). Depois de Pedro ter lembrado ao concílio a sua visão no eirado e a experiência com Cornélio, declarou: “Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram” (At 15:11). Em outras palavras, os judeus cristãos não precisavam mais seguir as antigas leis cerimoniais, e os cristãos gentios também não! *A decisão do Concílio de Jerusalém foi que as exigências para judeus e gentios eram as mesmas:* “que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue” (At 15:20). Para saber mais sobre o Concílio de Jerusalém, ver capítulo 9: “O que podemos aprender de Atos 15”.

13. A liderança de Cristo não exclui qualquer outra função de liderança na Igreja?

Não há desacordo entre os Adventistas do Sétimo Dia quanto a Cristo ser o Cabeça da Igreja (Ef 5:23). Todos concordam. O que não significa que Jesus não tenha “subpastores” e “supervisores” que são nomeados para liderar a Igreja na terra, sob Sua liderança. É por isso que Ele é retratado como o “Supremo Pastor” (1 Pd 5:4). O apóstolo Pedro escreveu: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, . . . : pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, tornando-vos modelos do rebanho” (1 Pd 5:1-3). As qualificações bíblicas quanto a quem pode servir como um supervisor/subpastor são apresentadas em Tito 1 e 1 Timóteo 3. Para mais informações sobre esse assunto, ver capítulo 4, “Marido de uma só mulher. É isso mesmo?” e o capítulo 6, “O cavaleiro sem cabeça cavalga novamente”.

Perguntas sobre passagens bíblicas específicas¹⁰

1. Gênesis 1:26-28 não proclama o ideal de Deus de plena igualdade entre homens e mulheres?

Sim! Os seres humanos foram criados à imagem de Deus (Gn 1:26). Embora diferentes, somos todos iguais diante de Deus e igualmente amados por Ele (Sl 8:4, 5; Rm 2:11). Somos complementares, porque desde o princípio Deus diferenciou os seres humanos como homem e mulher (Gn 1:27). A ambos, Adão e Eva, foi dado o domínio sobre o reino animal e todas as coisas criadas (Gn 1:28; Sl 8:6-8), e também lhes foi dito que “sob a direção de Deus, devia Adão ocupar o lugar de cabeça da família terrestre para manter os princípios da família celestial”.¹¹ Como Adão foi criado primeiro, recebeu responsabilidades que não foram dadas a Eva (Gn 2:7, 15-19, 22, 23). Ellen White conta que “Adão foi nomeado por Deus para ser o monarca do mundo, sob a supervisão do Criador”.¹² Ele “era senhor em seu belo domínio”.¹³ Adão também é chamado “pai e representante de toda a família humana”.¹⁴ Nada remotamente semelhante é dito sobre Eva. Na verdade, não foi o pecado de Eva que causou a queda da raça humana; foi o pecado de Adão (Rm 5:12). Quando Deus os confrontou depois que pecaram, Ele procurou por Adão, utilizando o termo hebraico masculino na forma singular (“Onde está *você*?” Gn 3:9, NVI) e considerou Adão o principal responsável (v. 10, 11). Biblicamente entendidas, igualdade, complementaridade, reciprocidade e liderança divina não são contraditórias.

2. Sendo que Gênesis 3:16 aconteceu após a Queda, o arranjo de liderança descrito ali não é insatisfatório para o ideal de Deus para o lar e a Igreja?

Pode ser, mas pela graça de Deus operando na família e na Igreja, não precisa ser insatisfatório. Após Adão e Eva pecarem, Deus indicou que haveria uma poderosa luta. O desejo de Eva seria “contra” o marido (Gn 3:16, ESV marg.). O paralelo em hebraico entre esse verso e Gênesis 4:7 é quase idêntico. Os dois descrevem uma luta por domínio. Como Caim deveria dominar o pecado, o plano divino é que a liderança do homem na ordem da Criação continue: “Ele [Adão] te governará [Eva]” (Gn 3:16c). Se essa liderança seria

predominantemente positiva ou negativa, dependeria de quanto Adão a exercitaria tendo em vista a liderança amorosa de Deus, e também da disposição da mulher em aceitá-la. Infelizmente, como observa Ellen White: “O abuso da supremacia assim dada ao homem tem tornado a sorte da mulher mui frequentemente bastante amargurada, fazendo de sua vida um fardo”. Mas o plano redentor de Deus para colocar Eva em sujeição a Adão era que ao estimarem “os princípios ordenados na lei de Deus”, esse arranjo de liderança fosse uma bênção aos dois.¹⁵

3. Gênesis 5:1,2 não mostra que a palavra hebraica para “homem” (*'adam*) é genérica, significando “human(idade)”?

Alguns sugerem que a palavra hebraica *'adam* sempre é utilizada em Gênesis e em toda a Bíblia Hebraica num sentido genérico, significando “ser humano” ou “humanidade”, e não “Adão” como o nome do primeiro homem. No entanto, essa visão ignora o fato de que a Escritura, em si mesma, começando com Gênesis, inequivocamente se refere ao nome do primeiro homem como “Adão” (Gn 5:1, 3-5; 1 Cr 1:1; Lc 3:38; Rm 5:14, etc.). Não devemos ignorar essa explicação bíblica para compreender os quatro primeiros capítulos da Bíblia. Outra explicação é que Gênesis acrescenta o artigo definido hebraico quando se refere a Adão como “o homem [prototípico]” (Gn 1:27; 2:7, 8, 15, 16, 18-23, 25; 3:8, 9, 12, 20, 22, 24; 4:1), e normalmente o suspende quando se refere a “Adão” pelo nome (Gn 2:20; 3:17, 21; 4:25).¹⁶ O único uso claramente genérico de *'adam* ocorre no início e no fim da narrativa de Adão. Em Gênesis 1:26, Deus chama a toda a família humana, tanto homem quanto mulher de “Homem” (*'adam*).

Esse uso genérico ocorre em Gênesis 5:1, 2, atuando como o suporte para seu uso em Gênesis 1 para concluir o relato de Gênesis dos primeiros dias da história da humanidade. Observe que, em Gênesis 5, o uso genérico de *'adam* é especificamente distinto de “Adão” como o nome do primeiro homem: “Esta é a lista dos descendentes de Adão. Quando criou os seres humanos, Deus os fez parecidos com ele. Deus os criou homem e mulher, e os abençoou, e lhes deu o nome de ‘humanidade’” (Gn 5:1, 2, NTLH).¹⁷ Em outras palavras, algumas vezes *'adam* se refere a Adão como ser

humano e algumas vezes se refere a Adão como o cabeça e representante de toda humanidade—em harmonia com Gênesis 1 e 2, que mostra o homem recebendo a principal função de liderança na família humana e na família de Deus.¹⁸

4. Deus não prometeu derramar o Espírito sobre homens e mulheres, independente de gênero, em Atos 2:17-21?

Sim! No dia do Pentecostes, homens e mulheres estavam juntos em Jerusalém, obedecendo à ordem de Jesus e orando “todos reunidos” (At 2:1) quando o Espírito Santo foi derramado sobre eles (v. 2-4). De acordo com Pedro, foi o cumprimento da profecia de Joel 2:28-32. “Derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas *profetizarão*, vossos jovens *terão visões*, e *sonharão* vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e *profetizarão*” (At 2:17-18). Eles não eram só pregadores. De acordo com Pedro, ele *profetizaram*; eles tiveram visões e sonhos. Jesus havia falado que enviaria profetas para testemunharem dEle (Mt 23:34; Lc 11:49). O Novo Testamento confirma que o dom de profecia veio sobre homens e mulheres e que persistiu por todo o período apostólico. Mencionados por nome como profetas, estão Ágabo (At 11:27, 28; 21:10), Barnabé e outros (13:1), Judas, Silas e as quatro filhas de Filipe (21:9), além dos que estavam em Éfeso que receberam o dom de línguas (idiomas) para profetizar de modo inteligível a muitos grupos diferentes (At 19:6; cf. 2:8-11). Usar essa passagem para se referir à pregação dos últimos dias diminui a função principal da profecia—a palavra inspirada de Deus—de se opor aos enganos de Satanás nos últimos dias (Ap 12:17; cf. 16:13-15).

5. Não é significativo que em Atos 9:36 Dorcas seja chamada “discípula”?

Ao passo que Dorcas teve a sorte de ser a única mulher realmente chamada de “discípula” no Novo Testamento (usando a forma feminina da palavra no grego, *mathētria*), naturalmente, outras mulheres também foram discípulas, começando com as mulheres que seguiam Jesus e ouviam Seus ensinamentos (Lc 8:1-3). Maria Madalena é apresentada seguindo as tradições dos discípulos rabínicos de sentar e aprender aos pés de Jesus, chamando-O “Mestre” ou

146 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

“Rabi” (Lc 10:39, 42; Jo 20:16) e Jesus a defendeu, contrariando as tradições culturais da época. A própria Dorcas era “notável pelas boas obras e esmolas que fazia” e viúvas e outros discípulos, tanto homens quanto mulheres, lamentaram a morte dela e se regozijaram quando ela ressuscitou em resposta à oração do apóstolo Pedro. Como sabemos, houve muitas mulheres ativas em vários tipos de ministérios (ver capítulo 3 para exemplos na Bíblia e capítulo 8 para alguns exemplos modernos).

6. Profetisas como Hulda no Antigo Testamento, as filhas de Filipe em Atos 21:9 e Ellen White nos tempos modernos, não comprovam que Deus chama mulheres para as posições mais altas?

A noção de posições “mais altas” versus posições “mais baixas” está fora de harmonia com o ensino do Senhor Jesus, que veio não para ser servido, mas para servir (Mc 10:45) e ensinou Seus discípulos que o maior no reino é aquele que é “o último e servo de todos” (Mc 9:35). Com relação a profetas e profetisas, em toda a Escritura esses indivíduos foram chamados diretamente pelo próprio Deus, e inclusive escolhidos por Ele no ventre (Jr 1:5), enquanto que o sistema de liderança do sacerdócio no Antigo Testamento estava restrito “aos filhos de Arão” (Nm 3:13) e o ofício de ancião/ministro no Novo Testamento está limitado àqueles que preenchem as qualificações bíblicas (1 Tm 3:2-7; Tt 1:5-9). A própria Ellen White nunca teve um cargo de igreja eletivo, “jamais foi ordenada por mãos humanas, não tendo, tampouco, realizado casamentos, organizado igrejas ou oficiado batismos”.¹⁹

7. Romanos 16:1, 2 sugere que Febe foi uma diaconisa ou líder de igreja?

Alguns creem que Febe foi uma diaconisa, baseados no uso da palavra *diakonos* em Romanos 16:1. Como Paulo, e isso é discutível, chamou Febe de diaconisa, então o ofício não deve excluir mulheres. No entanto, quem usa esse argumento supõe o que procura comprovar. Como quase todas as traduções de Romanos 16:1 reconhecem, o termo *diakonos* não é utilizado aqui no sentido técnico de “diácono” (como, por exemplo, em Fl 1:1; 1 Tm 3:8, 12), mas no sentido mais genérico de “servo”,²⁰ quer uns dos outros, da

Igreja ou de Deus e de Cristo. Na última parte de Romanos 16:2, Paulo acrescenta que Febe “tem sido protetora de muitos e de mim inclusive”. A palavra grega traduzida aqui como “protetora” (*prostatas*) é amplamente compreendida como se referindo a ela como patrocinadora financeira de Paulo e de outros (semelhante a muitas mulheres que seguiam Jesus, como mencionado em Lucas 8:3). A sugestão de que nesse verso o termo significa “líder” está baseada no uso da palavra grega vários séculos antes. Além disso, não se ajusta ao contexto desse verso porque seria difícil imaginar Paulo considerando Febe como sua “líder”—algo que ele recusava conceder mesmo a outros apóstolos (2 Co 11:5; 12:11), inclusive Tiago, Pedro e João (Gl 2:6-10).

8. Romanos 16:7 indica que Júnia foi uma apóstola?

Antes de mais nada, não sabemos se Andrônico e Júnia(s) eram ligados por serem irmãos ou uma equipe de marido e mulher. Nem mesmo sabemos se o nome grego *Iounian* é feminino “Júnia” (NTLH, ARC), ou masculino, “Júnias” (ARA, AA, NVI). Alguns apelam a ocorrências do nome em *latim*, que se refere a mulheres, mas a forma *grega* usada por Paulo possui uma desinência que poderia indicar tanto o gênero masculino quanto feminino. Todos os outros exemplos dessa desinência em Romanos 16 claramente se referem ao gênero masculino. Mesmo se considerarmos que Paulo se refere aqui a uma mulher, ele não quis dizer que os dois eram apóstolos “bem conhecidos”, por duas razões. Em primeiro lugar, quando Paulo fala dos apóstolos (com o artigo definido em grego), ele se refere aos apóstolos de Cristo e a outros como ele mesmo, designados ao ministério da Palavra e cuja obra foi confirmada por sinais milagrosos (2 Co 12:12); em outros casos ele se refere aos que foram enviados pela Igreja para tarefas específicas (2 Co 8:19, 23; Fl 2:25). Em segundo lugar, Paulo evita a clara fraseologia que ele utiliza quando se inclui como um dos apóstolos (1 Co 15:9), e usa uma frase grega que é mais bem traduzida como “bem conhecidos dos/pelos” apóstolos (ESV, LEB). Além disso, pareceria incomum que esses dois crentes judeus e coprisioneiros com Paulo, afora essa breve menção, não deixassem outro traço na história do cristianismo, quer no Novo Testamento ou na tradição da igreja primitiva.²¹

9. A longa lista de mulheres, feita por Paulo em Romanos 16 (v. 3, 6, 12-13, 15), não indica a importante função delas como ministras e coobreiras de Paulo?

Como o capítulo 8 assinala, há muitos modos em que as mulheres fazem contribuições significativas. Áquila e Priscila (ou Prisca) formam uma equipe de marido e mulher construtores de tendas, que conhecemos em Atos 18 e que, no tempo livre, “com mais exatidão, ... expuseram o caminho de Deus” a Apolo. Alguns têm destacado que Paulo menciona Priscila primeiro como indicação de que ela era a instrutora dominante, e não o esposo Áquila. No entanto, essa afirmação ignora o fato de Áquila ser inserido primeiro em Atos 18:2 quando Lucas os apresenta e que Paulo utiliza a mesma ordem quando envia saudações aos coríntios (1 Co 16:9). A variação pode ser apenas estilística ou influenciada pelo fato de que o lar deles era usado para as reuniões da igreja em Éfeso e Roma (Rm 16:5). Encontramos também *Trifena*, *Trifosa*, ... e *Pérside*, “que muito trabalhou no Senhor” (v. 12). Não há evidência clara de que essas mulheres, ou qualquer outra, tenham exercido uma função de liderança. O trabalho delas foi de apoio ao trabalho que era realizado pelos apóstolos e outros homens os quais Deus tinha chamado para liderar Sua Igreja.

Atualmente, Deus ainda procura homens e mulheres dispostos a desempenharem funções de apoio no avanço de Sua obra. Paulo indica a importância de cada contribuição pessoal ao processo de preparar a safra para a colheita (1 Co 3:4-11). Cada trabalhador tem importante função a desempenhar, mas Deus dá o crescimento para que nenhum indivíduo seja mais importante que o outro. Igualdade de serviço não é incompatível com funções diferentes; todos são servos de Cristo e a glória pertence a Deus para o crescimento da igreja e a abundante colheita final.

10. Já que Gálatas 3:28 elimina distinções de raça, classe e gênero na Igreja, por que excluimos as mulheres de algumas funções da Igreja?

Na igreja, pessoas de todas as nações e raças—ricos e pobres, bem educados e pouco educados, homens, mulheres e crianças adoram juntos como uma família. Com relação ao que os apóstolos

disseram aos escravos e seus senhores, os crentes judeus e gentios encontraram modos *crístãos* de viver dentro das leis do império romano, apesar de a escravidão nunca ter sido da vontade de Deus—“não foi assim desde o princípio”. No Senhor, ninguém é verdadeiramente um escravo, mas irmã ou irmão (Fm 16).

Para compreender Gálatas 3:28, é importante lembrar por que Paulo escreveu essa epístola. Um falso evangelho estava sendo pregado aos cristãos na Galácia. Somo salvos por guardar a lei (ceremonial ou moral) ou pela fé em Cristo? Alguns crentes judeus insistiam que a circuncisão, o símbolo da distinção deles como nação, era uma imposição necessária aos crentes gentios para que eles fossem salvos (At 15:1, 5). Pouco a pouco Pedro começou a se separar dos crentes gentios quando os crentes judeus iam a Antioquia (Gl 2:11-16). Parece que eles eram lentos para entender o pleno significado da cruz—que Jesus, com Sua morte, derribou “a parede de separação” entre judeus e gentios (Ef 2:14) pois “nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gl 6:15; de modo semelhante em 5:6; 1 Co 7:19). O concílio de Jerusalém, com essa decisão, afirmou que, aos olhos de Deus, não havia mais judeu ou gentio e que todos deviam viver sob as mesmas leis—as leis do reino do céu, como um povo, unidos em Cristo. As mulheres também foram bem recebidas como membros maduros da Igreja porque a circuncisão não era mais importante. O que realmente importava era o relacionamento pessoal com Cristo: “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:29).

11. De acordo com Efésios 5:21, não se espera que todos sejam submissos uns aos outros na Igreja?

Efésios 5:21 inicia uma longa seção da epístola que trata com o comportamento cristão apropriado no lar (ver também Cl 3:18–4:1; 1 Pd 3:1-9). A ordem para se submeterem uns aos outros é seguida de uma descrição de como os indivíduos, no lar, deveriam aplicar essa ordem: as mulheres sejam submissas ao seu próprio marido (v. 22-24), os maridos devem amar a esposa (v. 25-33), os filhos devem obedecer aos pais (6:1-3), e assim por diante. Essa não é uma ordem geral para que todos se submetam uns aos outros.

150 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Como cristãos, devemos nos submeter individualmente a Cristo e a Sua vontade para nós—no lar e na Igreja. O fato de essas ordens terem sido abusadas algumas vezes não é motivo para ignorá-las.

12. Mulheres como Evódia e Síntique foram colaboradoras de Paulo (Fl 4:1-3), isso não demonstra que havia ministras naquela época?

A palavra traduzida como “colaborador” tem sentido muito geral e apenas se refere aos que trabalharam junto ou auxiliaram alguém. Por exemplo, Paulo chama Filemom de “colaborador” (Fm 1), mas não há evidência de que esse converso de Paulo (v. 19) sempre trabalhou com Paulo, embora tenha aberto o lar para as reuniões da igreja (v. 2). É curioso que essas mulheres sejam apresentadas como exemplo uma vez que havia um nítido desacordo entre elas que estava causando desordem em toda a igreja de Filipos, exigindo a intervenção e mediação de Paulo por meio de um irmão da igreja. Há muitos exemplos bem melhores de mulheres que trabalharam para o Senhor no Novo Testamento. Com esses fatos em mente, é compreensível que Paulo especificamente inclua entre os destinatários, os supervisores e diáconos da igreja de Filipos (Fl 1:1).

13. A menção de Paulo a Ninfa (Cl 4:15) não é outro exemplo de uma igreja liderada por uma mulher?

Como Romanos 16:7, esse é outro caso em que não estamos certos se Paulo se refere a um homem (Ninfas) ou a uma mulher (Ninfa), fato confirmado pelas cópias dessa epístola que variadamente se referem a casa “dele”, casa “dela” e casa “deles”. Mesmo que fosse uma mulher, era comum que membros ricos oferecessem seus lares espaçosos para reuniões de igreja, como fizeram Gaio, em Corinto (Rm 16:23), Filemom em Colossos (Fm 2), Lídia em Filipos (At 16:15, 40), e Áquila e Priscila em várias cidades onde eles viveram (1 Co 16:19; Rm 16:5). Nada sabemos sobre quem, na verdade, era o responsável dessa igreja.

14. 1 Pedro 2:9, 10 se refere a todos nós como sacerdotes, isso não significa que tanto homens quanto mulheres podem ser pastores?

Em toda a epístola de 1 Pedro, o apóstolo descreve a igreja como

um novo Israel em cumprimento das expectativas do Antigo Testamento quanto ao que o povo de Deus deveria ser. Em alusão a Êxodo 19:5, 6, Pedro ilustra todo o corpo de crentes como um sacerdócio: “A fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pd 2:9). Em outras palavras, todos nós recebemos a oportunidade de compartilhar o evangelho com outros. Em outras passagens, o Novo Testamento nos encoraja a oferecer sacrifícios espirituais, que incluem louvor, fazer o bem, doações financeiras (Hb 13:15, 16), e a oferta de si mesmos para a proclamação do evangelho (Rm 12:1). Como cristãos, não precisamos mais de um sacerdote humano para interceder por nós; podemos ir diretamente a Deus em oração por meio do ministério de Jesus Cristo como nosso Sumo Sacerdote no santuário celestial (Mt 6:5-8; Hb 4:16).

15. O Apocalipse se refere aos cristãos como “reis e sacerdotes”, então, por que as mulheres não podem ser ordenadas e incluídas em todos os níveis de administração da Igreja?

Como a referência de Pedro aos cristãos como um “sacerdócio real” (1 Pedro 2:9), João nos descreve como um reino de crentes (Ap 1:6; 5:10; 20:6). Essa imagem deve ser compreendida em conexão com o ensino geral do Novo Testamento de que os cristãos têm acesso direto a Deus por meio de Cristo e não precisam de um sacerdote humano ou mediador. Além da concisa declaração em Apocalipse 1, os cristãos são chamados de “sacerdotes” outras duas vezes (Ap 5:10; 20:6). Os dois casos se referem ao futuro, à vida eterna. Apocalipse 20:6 se refere à obra de juízo sendo comissionada a nós durante o milênio. O outro exemplo se refere a nosso reinado como reis na Nova Terra (Ap 5:10; de modo similar, 22:5). Nenhum desses casos tem qualquer relevância para a organização da Igreja, que assunto é tratada mais especificamente em Atos e nas epístolas pastorais de 1 e 2 Timóteo e Tito.

Perguntas sobre interpretação

1. Não são muitas coisas na Bíblia culturais, portanto, não são mais apropriadas para nossa época?

152 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Muitas das coisas na Bíblia que parecem culturais para nós se relacionam a Israel como nação ou à lei cerimonial de Moisés. Com a morte de Jesus na cruz, os tipos e cerimônias do Antigo Testamento encontraram seu cumprimento e chegaram ao fim quando o véu do templo se rasgou de alto a baixo (Mt 27:51; Hb 8:1-13; 10:19-21). O Concílio de Jerusalém, baseado na revelação divina na Escritura, determinou que a circuncisão era uma exigência cerimonial e não mais obrigatória (At 15). Embora na igreja primitiva a reverência a Deus e à liderança na ordem da Criação que Ele estabeleceu na Igreja seja demonstrada pela prática, por parte das mulheres, de cobrirem a cabeça (1 Co 11:4-16), e possa ser demonstrada de diferentes modos atualmente, o princípio de uma piedosa liderança masculina permanece inalterado (v. 3).²²

2. Se interpretarmos a Bíblia literalmente, como rejeitaremos passagens que consentem com a escravidão e aceitaremos passagens que excluem as mulheres dos ofícios que exigem ordenação na igreja? Isso não é inconsistente?

Antes de tudo, interpretar a Bíblia literalmente significa aceitar *tudo* o que a Bíblia diz num dado assunto. De acordo com Gênesis 1:26-28, Deus nos criou à Sua imagem—o que significa que os seres humanos são todos inerentemente iguais; e Ele nos deu domínio sobre todo o reino animal—o que significa que somos inerentemente livres. A escravidão ocorreu mais tarde, após a Queda. Ao contrário das instruções de Paulo com relação à gestão na Igreja, que limita aos homens a função de ensino autoritativo, como anciãos/ministros, com base no relato da Criação (1 Tm 2:11–3:15), em nenhuma passagem bíblica a escravidão é defendida como uma ordenança na Criação. É puramente de origem humana. Na verdade, há claras proibições bíblicas contra a venda de pessoas para a escravidão (Ex 21:16; 1 Tm 1:10), e os escravos cristãos eram motivados a buscar liberdade (1 Co 7:21). Além disso, os cristãos são instruídos a tratar os escravos, tanto no lar como na igreja, com compaixão e como servos de Cristo (1 Co 7:22, 23) porque, como crentes, todos nós somos escravos e Cristo é nosso único Senhor (Ef 6:5–9; Cl 3:22–4:1). No Senhor, ninguém é verdadeiramente escravo, mas irmã ou irmão (Fm 16).²³

3. As instruções de Paulo a Timóteo não foram dirigidas a problemas locais na igreja de Éfeso?

As epístolas de Paulo a Timóteo e Tito não são dirigidas a igrejas específicas, mas dão instruções a esses ministros sobre como organizar igrejas nos vários lugares onde eles trabalharam e essas epístolas constituem as orientações inspiradas para a ordem e organização da igreja²⁴ Os pioneiros adventistas utilizaram muito esses livros, junto com outras passagens do Novo Testamento, para estabelecer o sistema de oficiais de igreja que temos hoje (ver a seção logo a seguir que trata da história adventista). Paulo indica a Timóteo as instruções a respeito da “edificação de Deus” (ARC); isto é, “boa ordem” (ESV, margem) para a Igreja (1 Tm 1:4). Na verdade, ele encerra a primeira seção principal sobre a ordem e os ofícios da Igreja ao reiterar que a Igreja deveria seguir princípios de liderança similares aos do lar, porque é “a casa de Deus” (3:15).²⁵

4. É um princípio de interpretação dos Adventistas do Sétimo Dia que a Bíblia sempre deve ser entendida literalmente?

Quase sempre, mas nem sempre. Há algumas exceções a essa regra geral. Felizmente, temos orientação inspirada quanto a essas exceções, e Deus não nos deixou no escuro! Ellen White nos diz:

A linguagem da Bíblia deve ser explicada de acordo com o seu óbvio sentido, *a menos que seja empregado um símbolo ou figura*. Cristo fez a promessa: “Se alguém quiser fazer a vontade dEle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus.” João 7:17. Se os homens tão-somente *tomassem a Bíblia como é*, e não houvesse falsos ensinadores para transviar e confundir-lhes o espírito, realizar-se-ia uma obra que alegraria os anjos, e que traria para o redil de Cristo milhares de milhares que ora se acham a vaguear no erro.²⁶

Até as figuras e símbolos não são tão difíceis de decifrar porque a própria Bíblia dá a chave para desvendar-lhes o significado. O problema é que alguns querem nos fazer crer que há muitas outras exceções baseadas em costumes culturais e não em valores bíblicos. Há, na verdade, bem poucos exemplos desse tipo no Novo Testamento—principalmente, cabeça coberta (1 Co 11:3-16) e o beijo

154 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

santo (Rm 16:16)—e, mesmo nesses casos, os princípios implícitos (decoro no culto e calorosa saudação cristã) ainda se aplicam. Na verdade, as pressões culturais ocidentais, não os preconceitos culturais inseridos na Escritura, fundamentam o recente questionamento do princípio da liderança masculina na ordem da Criação, no lar e na Igreja.

5. Por que teólogos Adventistas igualmente dedicados, que creem na Bíblia, chegam a conclusões opostas sobre a ordenação de mulheres?

Todos nós nos achegamos à Bíblia com ideias preconcebidas que podem estar corretas ou não. É importante que estejamos dispostos a submeter essas ideias ao padrão da infalível Palavra de Deus. Ellen White solenemente adverte: “Se os professos seguidores de Cristo aceitassem a norma de Deus, esta os levaria à unidade; mas enquanto a sabedoria humana for exaltada sobre a Sua santa Palavra, haverá divisões e dissensão”.²⁷ A Palavra de Deus interpretará a si mesma se permitirmos. “A Bíblia é clara sobre todos os pontos que se relacionam com o dever cristão”.²⁸ Ela disse: “As Escrituras são claras sobre as relações e direitos de homens e mulheres”.²⁹ Para uma explicação mais detalhada, ver capítulo 1, “Mesma Bíblia—Respostas Diferentes?”

6. Os escritores bíblicos algumas vezes usam o gênero masculino para se referir tanto a homens quanto a mulheres?

Quando se dirigem a grupos com homens e mulheres os escritores bíblicos tipicamente usam termos masculinos de discurso: “homens da Galileia” (At 1:11), “irmãos” (At 1:16; Rm 1:13; 7:1; 8:12), “homens de Israel” (At 2:22), etc. De modo semelhante, as ordens no Antigo Testamento, tais como os Dez Mandamentos, utilizam uma forma masculina como o “gênero predefinido”, embora seja dirigido a todos. As ordens no Novo Testamento normalmente utilizam o gênero neutro (e.g., Mt 5:21, 27; 19:18, 19; Rm 7:7). Quando era importante a distinção de gêneros, os escritores distinguiam.

7. Como saber se os escritores bíblicos usaram o gênero masculino para significar apenas homens e não incluir as mulheres?

Quando os escritores bíblicos precisavam ser mais específicos, para eles não consistia um problema referir-se apenas a homens ou mulheres. Em diretrizes sobre o comportamento cristão no lar, tanto Pedro como Paulo indicam maridos e mulheres separadamente (1 Pd 3:1-7; Ef 5:22, 33). Em 1 Timóteo, Paulo trata de questões relacionadas a todos (2:1-6, a oração deve ser feita por todos, Deus deseja que todos sejam salvos, Cristo morreu por todos), e então como homens e mulheres devem se relacionar no ambiente de culto (2:8-15, os homens devem conduzir o culto e a adoração, as mulheres devem se vestir modestamente e não usurpar a autoridade de ensino do ministro/ancião), e, por fim, as qualificações para os oficiais da Igreja (3:1-12). O ministro/ancião que supervisiona a Igreja deve ser “o marido de uma só mulher” (1 Tm 3:2). De sessenta e uma traduções em inglês pesquisadas, cinquenta e sete usam um fraseado nesse verso para indicar que a pessoa tinha que ser do sexo masculino (ver Apêndice 2, “Traduções bíblicas em inglês de 1 Timóteo 3:2”). A palavra para “marido” (*anēr*) nunca é usada por Paulo genericamente, no sentido de “pessoa”. e aqui é impossível entender desse modo porque o ancião deve ter uma esposa. Se Paulo quisesse permitir mulheres como anciãs, ele poderia ter dito que o ancião deveria ser “marido de uma só esposa ou a esposa de um só marido” (ele utiliza essa última frase em 1 Tm 5:9). Para uma explicação mais detalhada, ver capítulo 4, “Marido de Uma Só Mulher. É isso mesmo?” e o Apêndice 6, “Teologia da ordenação: Posição No. 1”.

8. Se não há nada na Bíblia contra a ordenação de mulheres, por que elas não podem ser ordenadas ao ministério evangélico?

Os argumentos sobre o silêncio não são fortes. Por exemplo, há muitas coisas que a Bíblia não proíbe especificamente, como fumar; mas somente porque isto não é especificamente proibido não significa que seja aceitável. Em tais casos, é importante olhar o quadro maior—os amplos princípios na Bíblia que se aplicam ao assunto em questão. Além disso, a Bíblia não silencia sobre o assunto, porque Paulo especifica a Timóteo e a Tito que uma das qualificações para ser ordenado ao ofício de ministro/ancião que supervisiona a Igreja é que a pessoa “*deve ser . . . marido de uma só mulher*” (1 Tm 3:2; de modo similar, Tt 1:6).

9. Se interpretarmos que a Bíblia permite que as mulheres sejam ordenadas, isso não abrirá as portas para interpretar a Bíblia do modo que quisermos?

Ao passo que alguns nos asseguram que isso não acontecerá, é muito difícil entender o que impedirá confusão adicional dos princípios bíblicos quando eles colidirem com os preconceitos culturais ocidentais. Não faz muito tempo que foi amplamente aceito, mesmo pela grande maioria dos estudiosos adventistas, que a exigência bíblica de o ministro/ancião ser “o marido de uma só mulher” era inequivocadamente uma exigência para que homens servissem nessa função. Se agora queremos entender que essa frase significa “mulher de um só marido” ou simplesmente “homem ou mulher fiel”, então podemos fazer com que qualquer texto da Escritura signifique o que quisermos. Por exemplo, uma quantidade crescente de eruditos evangélicos, que supostamente têm uma visão mais elevada da Escritura, rejeita a ideia de que Romanos 1:26-28 constitui uma condenação geral do lesbianismo e da homossexualidade, preferindo ler como uma referência a sexo não consensual ou múltiplos parceiros sexuais. Assim, eles tentam construir espaço para relacionamentos monogâmicos com o mesmo sexo. Até mesmo alguns adventistas estão preparados para argumentar em linhas semelhantes.

Questões teológicas a respeito do Antigo Testamento

Antes da Entrada do Pecado

1. O fato de o homem ter sido criado primeiro e depois dele, a mulher, indica uma diferença em termos de liderança na igreja?

No relato da Criação, Adão e Eva são o homem e a mulher prototípicos que recebem domínio sobre os peixes, as aves e os animais terrestres (Gn 1:26, 28). Eles também são marido e mulher ideais, casados pelo próprio Deus (Gn 2:24; Mt 19:4-6). Gênesis 2 descreve a criação individual deles. Deus não fez dois Adãos e nem criou Adão e Eva ao mesmo tempo ou do mesmo modo. Como um homem prototípico, Adão recebeu responsabilidades específicas antes de Eva ter sido criada—inclusive a tarefa de descrever Eva em

relação a si mesmo (Gn 2:23, NVI): como “mulher” (do heb. *'isha*), que se origina do “homem” (do heb. *'ish*). Quando Deus julgou o par, Ele abordou e questionou primeiro a Adão, a despeito de Eva ter pecado primeiro. Adão, não Eva, foi responsável por imergir a raça humana em pecado e morte (Rm 5:12). Isso ilustra o princípio da liderança masculina na ordem da Criação à qual Paulo se refere em conexão com o lar (Ef 5:31, citando Gn 2:24) e a Igreja (1 Co 11:8, 9 e 1 Tm 2:13, os dois se referindo a Gn 2).

2. O fato de a mulher ter sido criada do homem significa que ela é inferior a ele?

De modo algum. Gênesis 1 descreve a criação dos primeiros seres humanos nessas palavras: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27). Uma vez que homem e mulher foram criados à imagem de Deus, os dois têm o mesmo valor. A cultura moderna quer que pensemos que igual significa idêntico. No entanto, a igualdade não destrói nossa singularidade. Adão e Eva eram semelhantes na habilidade de pensar e raciocinar, e diferentes em temperamento e no físico. Eles também foram criados por Deus em diferentes momentos e com diferentes funções. O homem devia “cuidar do jardim” (Gn 2:15) e saber o que comer e o que evitar (Gn 2:16, 17); a mulher foi dada como “auxiliadora” do homem (Gn 2:18). Eva compartilha com Adão o domínio divino (Gn 1:26), e ele não pode liderar sem Eva porque ela é sua auxiliadora (Gn 2:18, 20). O raciocínio de Paulo em 1 Timóteo 2 e 3 leva-nos de volta a esse princípio de liderança fundamental, baseado na ordem da Criação: “Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva” (1 Tm 2:13). Ao mencionar a ordem da Criação, o homem primeiro e a mulher depois, Paulo nos leva de volta ao Éden e demonstra que o arranjo ideal de liderança é válido na Igreja para todas as épocas.

3. Adão e Eva foram sacerdotes num “santuário” no Éden?

A sugestão de que o Éden é um santuário atualmente conquista popularidade entre alguns Adventistas, porém ela é mais compatível com a erudição da crítica bíblica, que alega que a narrativa do Éden foi escrita muito tempo depois e revela sinais de um santuário no deserto idealizado, o qual faz referência ao relato da Criação de

Gênesis. Não há forte evidência de que o Jardim do Éden seja um santuário, além do fato de que Deus o visitava e conversava com Adão e Eva ali. As palavras hebraicas utilizadas para demonstrar uma conexão “intertextual” entre Gênesis 2 e o último santuário (*abad*, “tend,” e *shamar*, “guardar”) são algumas das palavras mais comuns na Bíblia Hebraica; elas ocorrem literalmente centenas de vezes, e têm significados diferentes quando aplicadas ao santuário no deserto. Outras supostas conexões são igualmente mais imaginadas que reais.³⁰ Em vez de o Éden ser um santuário, ouvimos que ele lhes foi dado como lar e que “deveria ser um modelo para outros lares, ao saírem seus filhos para ocuparem a Terra”.³¹

Depois da Entrada do pecado

1. É o veredicto de Deus que o homem «governe» sobre a mulher num modelo para liderança no lar e na igreja?

O modelo de Deus para liderança é nunca “governar” sobre ninguém no sentido de poder absoluto. Em vez disso, o modelo de liderança na ordem da Criação é baseado em amor e serviço altruísta para o bem dos outros. Infelizmente, depois que o pecado entrou no mundo, a dinâmica dos relacionamentos mudou e se tornou a tendência humana “governar”, o que é essencialmente o que atraiu Eva para comer o fruto em primeiro lugar: “ser como Deus” (Gn 3:5).³² A palavra hebraica traduzida como “governar” tem, nesses primeiros capítulos de Gênesis, uma conotação positiva. Refere-se ao governo do sol e da lua sobre o dia e a noite (1:18) e ao desejo de Caim de ter domínio sobre o pecado, que queria controlá-lo (4:7). Esse último exemplo sugere uma luta de poder que também existe nas relações humanas (ver Gn 37:8). Para compreender o que a natureza desse “governo” do homem sobre a mulher deve ser, precisamos olhar mais amplamente para os princípios bíblicos de liderança servidora, que se aplicam ao lar e à igreja (e.g., Ef 5:22-33).

2. As mulheres são impedidas de liderar no lar e na igreja porque Eva foi enganada e Adão, não?

Não. O modelo de liderança masculina para o lar (Ef 5:31-33) e a Igreja (1 Tm 2:12, 13) foi estabelecido como parte da ordem da Criação (Gn 2), antes da entrada do pecado. Paulo se refere ao

engano de Eva pela serpente porque o fato de ela agir de forma independente do papel de liderança de Adão deixou-a mais suscetível a ser enganada (1 Tm 2:14). O apóstolo entende a dramática mudança de liderança refletida nos relatos da Criação e Queda. Em Gênesis 2, Deus criou Adão primeiro (v. 7) e deu a ele a função de líder (v. 15-23: cuidar do jardim, receber instrução sobre o que pode e não pode ser ingerido, dar nome aos animais e descrever quem Eva é em termos dele mesmo). Quando chegamos a Gênesis 3, a ordem é revertida: serpente-Eva-Adão-Deus. Eva é levada a pensar que está no comando: aproxima-se da árvore; conversa com a serpente; reformula (incorretamente) a ordem de Deus sobre o que pode e não pode ser ingerido; decide por si só que a árvore era boa, na verdade, “boa para se comer”, “agradável aos olhos” e “desejável para dar entendimento”; toma o fruto; ingere; oferece o fruto para que o marido coma. Adão, ao aceitar o fruto de Eva não apenas desobedeceu à ordem de Deus ao comê-lo, mas aceitou a liderança dela, imergindo a raça em pecado. Daí, a razão por que o “juízo investigativo” começa com Adão e por que o veredicto de Deus começa com as palavras: “Visto que atendeste a voz de tua mulher. . .” (Gn 3:17).

3. O juizado de Débora em Israel dá um exemplo positivo para a liderança feminina na igreja?

Sem dúvida, Débora foi uma mulher exemplar, de caráter nobre. Ela também foi muito influente, porque era profetisa e, na ausência de uma forte liderança masculina, as pessoas recorriam a ela para julgamento. Embora Baraque tivesse sido designado pelo Senhor como aquele que libertaria Israel, ele era lento com a iniciativa.³³ A época dos Juízes estava longe de uma época ideal na história de Israel, e o texto indica a natureza excepcional da liderança de Débora de várias maneiras: ela nunca é chamada de juíza; a fórmula típica para os juízes (“X” julgou Israel por “Y” anos) nunca é usada para ela; na verdade, o período em que ela julga sobre Israel parece ter sido breve (“naquele tempo”, Jz 4:4) e num local incomum (“sob a palmeira”, v. 5, e não “no portão” onde os julgamentos normalmente ocorriam). Débora não constitui um precedente para liderança feminina na Igreja porque sua principal função religiosa era como profetisa, não como sacerdotisa. Como outras profetisas (e

160 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

profetas) em toda a Escritura, que foram escolhidas independente da estrutura de liderança que existia em Israel e na Igreja, Débora foi chamada e nomeada diretamente pelo Próprio Senhor.

Questões teológicas relacionadas ao Novo Testamento

1. Que funções as mulheres tiveram em conexão ao ministério de Jesus?

As mulheres desempenharam funções de apoio muito importantes no ministério de Jesus, inclusive dando apoio financeiro, encorajamento e sendo Suas testemunhas. Maria, a irmã de Marta, sentava aos pés de Jesus como discípula. As mulheres que O auxiliavam financeiramente incluíam “Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais Lhe prestavam assistência com os seus bens” (Lc 8:3). Maria Madalena esteve presente na crucifixão junto com outras mulheres, inclusive outra Maria e Salomé, que seguiam a Jesus e Lhe auxiliavam quando Ele esteve na Galileia (Mc 15:40, 41). Essas mulheres compraram especiarias e foram à sepultura bem cedo no domingo para ungi o corpo de Jesus, mas encontraram a sepultura vazia. Um anjo ordenou-lhes que contassem aos discípulos que Jesus ressuscitara e que os encontraria na Galileia. De acordo com Mateus, as mulheres viram Jesus, que ordenou-lhes que contassem aos discípulos que Ele estava vivo (Mt 28:9, 10). É significativo que Jesus tenha aparecido para elas, mesmo antes dos apóstolos, fazendo dessas mulheres crentes as primeiras testemunhas de Sua ressurreição. O fato de que o Jesus ressurreto apareceu primeiro às seguidoras foi maravilhoso porque as pessoas na época de Roma não consideravam que o testemunho de mulheres fosse justo, nem considerado confiável. Esses fatos demonstram que Jesus não hesitou em desafiar as estruturas educacionais, culturais e sociais judaicas quando isso foi importante.

2. Jesus escolheu apenas homens como apóstolos por razões culturais?

O fato de as primeiras testemunhas da ressurreição serem mulheres era contrário às convenções culturais. Contudo, Jesus as instruiu a contar aos outros sobre a ressurreição e o encontro na Gal-

ileia (Mt 28:10). Além disso, em oposição ao que era considerado aceitável na cultura judaica, Jesus permitiu que mulheres O seguissem como discípulas (Lc 8:2, 3; 10:39, 42), assim, a cultura não seria um obstáculo para incluir pelo menos uma dessas mulheres entre os doze apóstolos.

Embora o motivo de Jesus escolher os doze não esteja explícito na Escritura, o Evangelho de João e o livro de Atos sugerem que estava parcialmente relacionado ao fato de esses doze homens estarem entre os Seus primeiros seguidores (At 1:21, 22). Isso demonstra que o interesse deles era mais espiritual que material, evidenciado pela atenção e crença no testemunho de João Batista sobre Jesus (Jo 1:35-51), e por seguirem a Jesus antes que Seus muitos milagres O tornassem famoso. Seu compromisso espiritual também é demonstrado pelo fato de permanecerem com Ele mesmo depois que muitos deixaram de segui-Lo (Jo 6:66-69). As mulheres começaram a seguir Jesus um pouco mais tarde e nenhum dos que estiveram presentes na sala da ceia foi nomeado como substituto de Judas Iscariotes (At 1:21-23), apesar de haver mulheres presentes que aparentemente estariam aptas a preencher essa vaga (v. 14).

3. Que funções as mulheres tiveram no ministério de Paulo?

Temos ampla evidência de que na Igreja do Novo Testamento as mulheres trabalhavam em várias funções nas congregações locais. Por exemplo, Priscila e seu esposo Áquila, que no tempo livre trabalhavam com Paulo em Corinto, Éfeso e Roma, ensinavam primorosamente “o caminho de Deus” (At 18:26). Além disso, Áquila e Priscila abriram o lar para reuniões da igreja (1 Co 16:9; Rm 16:3-5). Maria de Jerusalém (mãe de João Marcos) e Lídia de Filipos também são mencionadas como anfitriãs das reuniões cristãs (ver At 12:12; 16:15). Em Romanos 16, Paulo saúda uma longa lista de crentes, inclusive muitas mulheres que ajudavam ativamente na obra do Senhor (ver também o capítulo 3, “Algumas Mulheres Importantes na Bíblia” e a análise nesse capítulo sobre Romanos 16).

4. Se as mulheres devem ficar caladas na igreja (1 Co 14:34) elas não deveriam ser excluídas da pregação e do ensino na Escola Sabatina?

162 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Infelizmente, 1 Coríntios 14 é uma das passagens menos compreendidas do Novo Testamento. Olhar a passagem em sua totalidade revela que esse capítulo lida com as práticas de três grupos que causavam significativas interrupções no serviço de adoração em Corinto—interrupções causadas *por homens e mulheres*: (a) os homens falavam em línguas sem um intérprete (v. 27, 28); (b) os homens profetizavam sem interpretação (v. 29-33); (c) as mulheres “faziam perguntas” enquanto as pessoas estavam falando (v. 34, 35). Paulo ordena a *todos os três grupos* (inclusive aos homens que estavam perturbando a ordem) a “ficarem calados”. Precisamos lembrar que Paulo não está falando da classe de Escola Sabatina, mas está explicando como os cristãos em Corinto podiam preservar a reverência e o decoro no serviço de adoração.

Se na sua igreja, hoje, homens e mulheres perturbassem tanto como na igreja em Corinto, naturalmente eles seriam solicitados a parar de interromper o culto. Isso não significa que eles deveriam ficar em silêncio para sempre, mas que deveriam falar ordenadamente e em amor cristão. Na verdade, Paulo permite que as mulheres orem e profetizem, desde que mantenham reverência no serviço de adoração e demonstrem respeito pela liderança masculina na ordem da Criação, vestindo-se com modéstia (1 Cor. 11:3-5, 8, 9). Para maiores informações sobre esse assunto, ver capítulo 5, “As mulheres devem ficar caladas?”

Perguntas sobre Ellen White

1. Ellen White foi ordenada?

De acordo com os Depositários de Ellen G. White Estate, Ellen White “jamais foi ordenada por mãos humanas, não tendo, tampouco, realizado casamentos, organizado igrejas ou oficiado batismos”.³⁴ Ellen White foi chamada por Deus para ser Sua mensageira profética nos últimos dias, mas ela nunca foi ordenada como ministra evangélica, e não há registro de qualquer serviço de ordenação feito para ela.

2. Ellen White recebeu credenciais de uma ministra ordenada?

Como a Igreja não emite credenciais para profetas, de 1871 até a morte dela a Conferência Geral concedeu-lhe as mais altas credenciais que havia—as que eram concedidas a ministros ordenados—como um modo prático de permitir-lhe pleno acesso aos púlpitos mundiais. Nas credenciais emitidas em 1885, a palavra *ordenada* está metodicamente riscada. Para ver a imagem da credencial de Ellen White e ler mais sobre esse assunto específico, ver capítulo 7, “E quanto a Ellen White?”

3. Ellen White não diz que homens e mulheres devem ser “pastores do rebanho de Deus”?

Sim, Ellen White diz isso,³⁵ mas precisamos ter em mente como ela usou o termo *pastores*. Durante a vida dela, a Igreja Adventista praticamente não empregou “pastores estabelecidos” com a responsabilidade principal de supervisionar uma igreja local, porque essa era a função do ancião/supervisor, como descrito no Novo Testamento (At 14:23; Fl 1:1; Tt 1:5). Por “pastores” aqui e em outros lugares, Ellen White se refere àqueles que têm o dom de pastorear, visitando os membros da igreja e nutrindo o “rebanho”. O termo normal que ela usa para o que chamamos hoje de “pastor” é “ministro”, e ocorre milhares de vezes nos seus escritos, ao passo que “pastor” é bem menos usado por ela e, como já indicado, tem uma diferença sutil. Para uma análise mais detalhada dessa declaração e de assuntos relacionados ao tema, ver capítulo 7, “E quanto a Ellen White?”

4. Ellen White não apoia que as mulheres sejam ordenadas ao ministério pela imposição de mãos?

A frase “imposição de mãos” nem sempre significa ser ordenado ao ministério evangélico. Ellen White menciona o uso judeu desse ritual para abençoar crianças e dedicar animais para sacrifício.³⁶ Quando escreveu sobre os médicos, ela disse: “A obra do verdadeiro missionário-médico é em grande parte uma obra espiritual. Inclui oração e o impor das mãos”.³⁷ Esse uso da frase se refere à imposição de mãos para aqueles que estão doentes, e não à ordenação. Ellen White escreveu em 1895: “Mulheres que estejam dispostas a consagrar algo do seu tempo ao serviço do Senhor devem ser designadas para visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar

às necessidades dos pobres. Devem ser separadas para esse serviço pela oração e imposição das mãos. Em alguns casos, necessitarão aconselhar-se com os oficiais da igreja ou o ministro, mas, se forem mulheres devotadas, mantendo uma ligação vital com Deus, serão um poder para o bem na igreja”.³⁸ Observe que essas mulheres que trabalhavam apenas meio período, precisariam “aconselhar-se com os oficiais da igreja ou o ministro”—o que indica que elas não eram ministras nem mesmo oficiais da igreja, mas ainda assim foram separadas para realizar o importante trabalho de visitação aos doentes, cuidar dos jovens e ministrar aos pobres.

5. Ellen White sugeriu que precisamos de mais luz sobre a função das mulheres na Igreja?

Essa pergunta se refere à declaração de 1909 de Ellen White, escrita para A. G. Daniells, o presidente da Conferência Geral: “Estude as Escrituras para ter uma luz maior sobre esse ponto. As mulheres estavam entre os leais seguidores de Cristo durante Seu ministério, e Paulo menciona algumas mulheres que eram auxiliares com ele no evangelho”.³⁹ Uma consideração do contexto dessa declaração demonstra que Ellen White está encorajando remuneração para as esposas que trabalham junto com o esposo no ministério (“Elder Haskell e esposa”) e também na obra médica missionária (“Dr. Kress e esposa”). As duas mulheres dedicaram considerável tempo e esforço e foram bem sucedidas, mais do que se não fizessem parte de uma equipe ministerial: “O irmão e a irmã Kress podem realizar mais do que se atuassem separadamente”.⁴⁰ O princípio expresso aqui é que precisamos mais que publicações para espalhar a mensagem da verdade—precisamos também de pessoas consagradas:

Caso necessário, limitemos a quantidade de publicações periódicas, enviemos homens e mulheres para trabalhar com fé e consagração para dar esta última mensagem de misericórdia ao mundo. Quando for possível, que o ministro e sua esposa saiam juntos. A esposa pode muitas vezes trabalhar ao lado do esposo, realizando um nobre trabalho. Ela pode visitar os lares das pessoas e auxiliar as mulheres nessas famílias de um modo que seu esposo não pode.⁴¹

Conselhos adicionais de Ellen White, que descrevem as contribuições positivas que as mulheres podem e devem dar para a obra do Senhor, são relatados no capítulo 8, “O ‘Ministério da mulher’”.

Perguntas sobre a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia

1. A ordenação não é algo que os Adventistas herdaram de outras Igrejas?

Não. Nossos pioneiros exigiram um claro “Assim diz o Senhor” para tudo que criam e praticavam.⁴² Depois de duas visões principais de Ellen White sobre “ordem na Bíblia” em 1850 e 1852,⁴³ Tiago White e outros estudaram o assunto da ordem da Igreja e do ministério evangélico da Bíblia, estabelecendo uma organização em nível de igreja local que continuou praticamente inalterado até a década de 1970.⁴⁴ Além disso, os Adventistas sempre consideraram que a ordenação de ministros evangélicos transcende fronteiras nacionais e culturais, porque nossa mensagem e missão são mundiais (Mt 28:18-20; Ap 14:6), e está baseada na eterna Palavra de Deus, que transcende essas fronteiras (Is 40:8).

2. Os pioneiros esperavam encontrar na Escritura a resposta a todas as perguntas?

Nossos pioneiros coletaram da Bíblia todas as informações possíveis sobre toda questão de fé e prática. O sistema de oficiais da igreja local (ministro/ancião, diácono) foi cuidadosamente estudado na Bíblia na década de 1850. No entanto, como Tiago White explicou em 1859, a Bíblia não fala diretamente de cada questão que possa surgir, como, por exemplo, se precisamos ter reuniões anuais, um jornal semanal ou uma gráfica, e então “nós não devemos temer o sistema que não está em discordância com a Bíblia, e é aprovado pelo senso comum.”⁴⁵ Ele não estava sugerindo que, nessas áreas, a Bíblia não precisava ser consultada. Princípios precisam ser coletados da Escritura para nos guiar nas áreas não tratadas ali, como temos feito; por exemplo, ao estabelecer nosso sistema de ofertas voluntárias, questões de estilo de vida (fumo,

abuso de drogas, jogo), etc. Em vez de inventar um novo método de interpretação bíblica ou mudar o sistema de organização, eles chegaram a um acordo na Escritura. Tiago White sugeriu *edificar sobre* a ordem bíblica já estabelecida.

3. Que funções a mulher ocupou nos primeiros cem anos da história da Igreja Adventista?

Desde o início do movimento Adventista, as mulheres desempenharam funções vitais na formação, crescimento e nutrição da Igreja. Ellen G. White não foi apenas uma das fundadoras da igreja, ela foi uma mensageira inspirada do Senhor. Por meio do dom profético ela orientou e direcionou a Igreja por setenta anos e, por meio de seus escritos, continua a falar à igreja hoje. Rachel Oakes, batista do sétimo dia, introduziu o sábado do sétimo dia aos pioneiros adventistas. Como oradora talentosa, Sarah Lindsay trabalhou com seu esposo ministro, ampliando a eficácia deles. Muitas outras esposas de ministros contribuíram muito para a obra, como “as senhoras Starr, Haskell, Wilson e Robinson—que têm sido trabalhadoras leais, sinceras, incondicionais, fazendo leituras bíblicas e orando com as famílias, ajudando com esforços pessoais com tanto êxito quanto seus maridos”.⁴⁶ Antes da década de 1930, as mulheres assumiram algumas das mais altas posições de liderança na Igreja. Três delas foram tesoureiras da Conferência Geral, muitas serviram como editoras ou coeditoras de *The Youth’s Instructor*. Várias mulheres também atuaram como secretárias (diretoras) de diversos departamentos da Conferência Geral ou Associações da igreja.⁴⁷

5. Por que a igreja recusou ordenar mulheres em três sessões distintas da Conferência Geral?

A Conferência Geral, em sessão, várias vezes recusou ordenar mulheres porque a grande maioria dos Adventistas do Sétimo Dia não cria que a prática fosse bíblica. Em 1881, quando a resolução para ordenar mulheres foi levada à tribuna da Sessão da Conferência Geral, foi indicado ao Comitê da Conferência Geral um modo polido de rejeitar a resolução.⁴⁸ Em 1990, a sessão da CG decidiu esmagadoramente (com uma votação de 1.173 a favor e apenas 377 contra⁴⁹), *não* ordenar mulheres. Na sessão da CG

de 1995, a Divisão Norte-Americana apresentou um pedido para que “onde as circunstâncias não fossem desaconselháveis, a divisão pudesse autorizar a ordenação de indivíduos qualificados sem distinção de gênero”. Novamente, a votação foi esmagadoramente contra a proposta de permitir que uma divisão seguisse adiante em ordenar mulheres contra a prática da igreja mundial, com apenas 673 a favor e 1.481 contra.⁵⁰

Perguntas sobre questões práticas

1. A ordenação de mulheres tem ajudado outras denominações a crescer?

Gostaríamos de ter evidências disso, mas não há nenhuma. A Igreja Adventista tem uma vantagem sobre muitas outras denominações, pois podemos aprender da história recente da ordenação de mulheres em outras denominações. A experiência delas tem sido quase que completamente negativa. Em geral, não tem conduzido a grande prosperidade e crescimento, mas a acréscimo de conflito e desunião. Na realidade atual, o cisma tem seguido no encalço da ordenação de mulheres, como demonstra a experiência das igrejas Presbiteriana e Episcopal nos Estados Unidos.⁵¹ Em muitas outras denominações, o resultado de ordenar mulheres tem sido “muita tensão e cisma”, e não maior unidade.⁵²

2. A ordenação de mulheres é séria o bastante a ponto de dividir a Igreja?

Não. A maior questão aqui é a autoridade da Escritura—a Bíblia quer dizer o que ela diz, que o ministro/ancião deve ser “marido de uma só mulher”? Se podemos fazer essa passagem (que é bem clara no original grego como em português e em outros idiomas) dizer o que ela não diz, então podemos tomar qualquer passagem bíblica e atribuir a ela qualquer significado que pensamos ser mais adequado com base em nossa compreensão e cultura. Mas Cristo e Sua Palavra são a rocha e o fundamento da Igreja, e, desde que sejamos fiéis a Ele e à Sua vontade revelada em Sua Palavra, a Igreja não se dividirá, embora alguns possam sair—como aconteceu antes em nossa história. Por outro lado, quando deixamos de fazer de Sua Palavra a fonte de nossas doutrinas e práticas, teremos

168 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

abandonado nosso fundamento bíblico, correndo risco ainda maior de dividir a igreja, como muitas outras igrejas protestantes, dolorosamente, descobriram.

3. Por que a Igreja ordena mulheres como anciãs e ainda recusa ordenar mulheres como pastoras contratadas?

Infelizmente, a prática atual da Igreja Adventista é inconsistente. Por que mulheres comissionadas como ministras e ordenadas como anciãs locais, que são capazes de realizar as mesmas funções como ministras ordenadas, e ainda assim não são ordenadas, parece algo arbitrário e discriminatório. Ao mesmo tempo, é indiscutível que essa política tem se levantado mais a partir de considerações pragmáticas do que de qualquer mandamento bíblico. Até hoje, os Adventistas continuam não convencidos de que há autoridade bíblica para ordenar mulheres ao ministério evangélico.

4. Permitir que a ordenação ao ministério evangélico seja regional em vez de mundial não preservaria a unidade da Igreja?

Por que esperaríamos que a unidade seria preservada ao dar passos adicionais em direção da ordenação de mulheres quando o exato oposto tem sido o caso? Nos últimos quarenta anos, alguns segmentos da Igreja (ainda uma pequena fração da quantidade total de membros) têm ficado cada vez mais divididos e polarizados nesse assunto. Não conhecemos nenhum estudo científico que sugira que os membros adventistas da América do Norte apoiem amplamente a ordenação de mulheres como ministras. De fato, os dados existentes parecem apontar na direção oposta.⁵³ Mesmo nas divisões onde a liderança principal apoia a ordenação de mulheres, é difícil encontrar igrejas fora do contexto institucional que estejam dispostas a aceitar uma mulher como sua pastora distrital. A razão de não haver mais pastoras nesses locais não é tanto porque os presidentes de Associação não queiram contratá-las, mas porque eles têm poucas opções quando precisam colocá-las num contexto de igreja.

5. Se ordenarmos indivíduos independente de gênero, isso abriria as portas para que indivíduos gays e transexuais fossem ordenados como pastores?

Quando, como Adventistas, olhamos para a Bíblia e não para a cultura ou para outras denominações para entender a vontade de Deus para nós, não podemos fechar os olhos para a realidade! Temos uma grande vantagem em poder aprender com a experiência de outras igrejas que passaram por esse caminho antes de nós. Não precisamos nos preocupar para onde esse caminho conduz. Ele inevitavelmente começa com uma mudança no modo como a Bíblia é interpretada e como é vista a sua autoridade. Sabe-se que as denominações que deram o passo em ordenar indivíduos gays e transexuais deram o passo de ordenar mulheres antes. Os exemplos incluem as Igrejas Anglicanas, a Igreja dos Discípulos de Cristo, a Igreja Episcopal, a Igreja Evangélica Luterana, a Igreja Presbiteriana dos EUA, a Associação Universalista, a Igreja Unida do Canadá e a Igreja Unida de Cristo. Seria ingênuo e arrogante para os Adventistas presumirem que não seguiríamos o mesmo caminho dessas outras Igrejas caso votemos ordenar indivíduos independente de gênero.

6. A cultura não desempenha um grande papel quanto à ordenação ou não das mulheres?

A cultura hoje—especialmente a cultura ocidental—dá grande valor à igualdade, imparcialidade e respeito aos “direitos” humanos. O que causou impacto positivo de muitos modos como a abolição da escravidão, permissão de voto a mulheres e minorias, oportunidades iguais de trabalho e pagamento igual por trabalho igual. No entanto, quando tentamos usar a mesma mentalidade e métodos originados no contexto secular e aplicá-los ao contexto sagrado, terminamos em confusão e conflito. Ninguém, homem ou mulher, tem o “direito” de ser ordenado porque não é direito nosso conceder. Foi Deus quem especificou as qualificações para a ordenação, em Sua Palavra. Ainda assim, com frequência ouvimos clamores de “discriminação” se não for permitido “acesso igual” às mulheres para as mesmas oportunidades que são dadas aos homens. Dá-se a impressão de que os jovens estão saindo da igreja por causa da “injustiça” de não permitir que mulheres sejam ordenadas. Mas, onde está a evidência para isso? Os valores de justiça e de rejeição à discriminação desempenham forte papel no pensamento dos que advogam a ordenação de mulheres—não apenas na Igreja Adventista, mas em muitas

170 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

outras denominações também. Até o mundo secular ao nosso redor reconhece o fato de que nenhuma Igreja estendeu direitos a gays e lésbicas sem primeiro estender a ordenação para mulheres.⁵⁴

7. O que dizer a mulheres que se sentem chamadas por Deus para um ministério evangélico de tempo integral?

O melhor modo de servir a Deus e cumprir Seu chamado é aceitar Sua vontade como revelada em toda a Bíblia e nos escritos de Ellen White. As mulheres têm recebido um chamado importante e superior para servir a Deus de vários modos, como explica o capítulo 8, “O ‘Ministério da Mulher’”. Um dos melhores exemplos mencionados ali de uma mulher chamada por Deus é o de S. M. I. Henry, que fez uma grande obra para o Senhor, falou a milhares de pessoas, publicou muitos livros, escreveu com regularidade para a *Review*, e ministrou a muitos, especialmente mulheres, ensinando-lhes como poderiam ser eficientes na família, com os filhos e num ministério de visitação aos lares. Apesar de nunca ter sido ordenada e nem pensar que precisasse da ordenação, ela se tornou uma das Adventistas do Sétimo Dia mais proeminentes do final do século dezanove.

8. Não fomos longe demais para voltar atrás? A Igreja não será dividida inevitavelmente?

Não. A fonte de nossa unidade não é política ou eclesiástica. É originada em nossa fé em Deus e fidelidade à Sua Palavra. O caminho mais seguro para nos dividir é deixar o fundamento, como fizeram outras Igrejas. O protestantismo, conseqüentemente, está fraturado e fragmentado irreversivelmente. Mesmo uma autoridade eclesiástica centralizada não evitou divisões significativas dentro da Igreja Católica Romana.

Enquanto durar a provação, não é tarde demais retornar à vontade de Deus para nós, como indivíduos e como Igreja (2 Co 6:16-18). O fato é que a maior Igreja Protestante dos Estados Unidos, a Convenção Batista do Sul, reverteu seu rumo e parou de ordenar mulheres em 1984—com resultados positivos. Outras denominações têm feito o mesmo, inclusive a Igreja Presbiteriana da Austrália e a Igreja Cristã Reformada na América (as duas em 1992).

Retornando à base bíblica para nossa prática nessa área faríamos a Igreja Adventista do Sétimo Dia mais forte e unificada que nunca, e não mais fraca.

Notas:

1. A votação foi de 280 a 3 a favor do documento, com 4 abstenções. Ver Andrew McChesney, “Women’s Ordination Goes to San Antonio,” *Adventist Review*, November 20, 2014, 19.
2. Ver “Consensus Statement on a Seventh-day Adventist Theology of Ordination” (ênfase no original), <https://www.adventistarchives.org/consensus-statement-on-a-seventh-day-adventist-theology-of-ordination.pdf> (acessado em 17 de Março de 2015).
3. Ver a história de William Hunter em Ted N. C. Wilson, “The Privilege of an Open Bible: Let’s be careful to preserve it,” *Adventist World*, November 2014, p. 8, <http://www.adventistworld.org/images/issues/2014/november/1014-1011.pdf> (acessado em 18 de Março de 2015).
4. Ver Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 11, 226, 266.
5. Arthur N. Patrick, “The Ordination of Deaconesses,” *Adventist Review*, January 16, 1986, 18, 19, menciona cerimônias de ordenação na igreja de Ashfield em 1895 e 1900.
6. Ellen G. White, *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (ed. da versão em português Vanderlei Dorneles; 7 vol.; Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011-2014), vol. 5, 1261, par. 3: “Mas, embora a divina glória de Cristo fosse por algum tempo velada e eclipsada pelo fato de Ele haver assumido a humanidade, Ele não deixou de ser Deus quando Se tornou homem. O humano não tomou o lugar do divino, nem o divino, do humano”.
7. Roxanne, Lalonde, “Unity in Diversity: Acceptance and Integration in an Era of Intolerance and Fragmentation” (extrato editado

172 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

de M.A. thesis, Carleton University, 1994), http://bahai-library.com/lalonde_unity_diversity, (acessado em 23 de Março de 2015).

8. Ellen G. White, *Gospel Workers* (Battle Creek, Mich.: Review and Herald, 1892), 391; cf. idem, *Nossa Alta Vocação* (O Alicerce da Paz, 19 de Novembro; Ellen White State, 2013), 328.
9. Ellen G. White, in *Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh-day Adventists* (Basil: Imprimerie Polyglotte, 1886), 197.
10. Essa seção trata das principais passagens usadas para defender a ordenação de mulheres ao ministério evangélico em Martin Hanna and Cindy Tutsch, eds., *Questions and Answers About Women's Ordination* (Nampa, ID: Pacific Press, 2014), 29-69. Em vez de apresentar um caso positivo, dedica-se um espaço maior nessa porção do livro para explicar o que várias outras passagens *não* querem dizer.
11. Ellen G. White, *Conselhos a Professores, Pais e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 33.
12. Ellen G. White, "The Marriage in Galilee," *Bible Echo*, August 28, 1899, par. 1.
13. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1923), 38.
14. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 48.
15. *Ibid.*, 59.
16. A única exceção a essa regra (que não é realmente uma exceção) é o uso de *'adam* sem o artigo antes da criação de Adão para indicar que "não havia homem para lavrar o solo" (Gn 2:5).
17. A NTLH usa "humanidade", a AA e NVI preferem "homem" para indicar essa clara distinção do texto hebraico. O termo hebraico *toledot* normalmente introduz as genealogias dos patriarcas (Gn 6:9; 10:1; 11:10, 27 etc.).
18. Além disso, ver Edwin Reynolds and Clinton Wahlen, "Minority Report," in *North American Division Theology of Ordination Study Committee Report* (November 2013), 197-200, <http://static.squarespace.com/static/50d0ebebe4b0ceb6af5fdd33/t/527970c2e->

4b039a2e8329354/1383690434980/nad-ordination-14-minority.pdf (Acessado em 19 de Março de 2015).

19. A declaração aparece em Ellen G. White, *Filhas de Deus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 200 (Apêndice C).
20. Por exemplo, CEB, NASB, ESV, HCSB, WEB. Ver o uso do termo *diakonos* como “servo” nas seguintes passagens: Mt 20:26; 23:11; Mc 9:35; 10:43; Jo 12:26; Rm 15:8; 1 Co 3:5; 2 Co 3:6; 6:4; 11:5, 23; Ef 3:7; 6:21; Cl 1:7, 23, 25; 4:7; 1 Tm 4:6. Note também que Febe é mencionada como uma “serva”, e não como uma diaconisa em Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, 9 vol. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001-2006), vol. 6, 343, 344.
21. Para uma análise mais detalhada de Romanos 16:7, ver Richard Sabuin, “Were Andronicus and Iounian apostles?” *Ministry*, May 2014, 10-13.
22. Ver Reynolds and Wahlen, “Minority Report,” 205, 206.
23. Ver Benjamin Reaoch, *Women, Slaves, and the Gender Debate: A Complementarian Response to the Redemptive-Movement Hermeneutic* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2012).
24. *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (ed. da versão em português Vanderlei Dorneles), vol. 6, 94.
25. Para uma análise mais detalhada desse assunto, ver Clinton Wahlen, “Is ‘Husband of One Wife’ in 1 Timothy 3:2 Gender-Specific?” (artigo apresentado ao Comitê de Estudos da Teologia da Ordenação, Columbia, Md., 23 de Janeiro de 2014), 32, 33, <https://www.adventistarchives.org/is-“husband-of-one-1-wife”-in-1-timothy-32-gender-specific.pdf> (acessado em 18 de Março de 2015).
26. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 599 (grifo nosso).
27. White, *Patriarcas e Profetas*, 124.
28. White, *Testemunhos*, vol. 4, 435.
29. *Ibid.*, vol. 1, 421.
30. Ver Gerhard Pfandl, “Evaluation of Egalitarian Papers” (artigo

174 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

apresentado ao Comitê de Estudos da Teologia da Ordenação, Columbia, Md., 23 de Janeiro de 2014), 4-6, <https://www.adventistarchives.org/evaluation-of-egalitarian-papers.pdf> (acessado em 1 de Abril de 2015).

31. White, *Patriarcas e Profetas*, 47, 49.
32. Ver Ellen G. White, *Confrontation* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1971), 13, 14.
33. Para mais detalhes sobre Baraque e Débora, ver White, *Filhas de Deus*, 37-39.
34. A declaração aparece no Apêndice C de White, *Filhas de Deus*, 200.
35. Ellen G. White, “Canvassers as Gospel Evangelists,” *Advent Review and Sabbath Herald*, January 15, 1901, par. 5.
36. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 162.
37. Ellen G. White, Ms. 5, 1908, in *Manuscript Releases*, 21 vols. (Washington, D.C. and Hagerstown, MD: Review and Herald, 1981-1993), vol. 20, 264.
38. Ellen G. White, “The Duty of the Minister and the People,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, July 9, 1895, par. 8.
39. White, Letter 142, 1909, in *Manuscript Releases*, vol. 12, 167.
40. Ibid. Ver White, *Filhas de Deus*, 85.
41. Ibid., 166. Ver White, *Filhas de Deus*, 85. As duas primeiras linhas foram traduzidas da fonte original (12MR, 166).
42. Ver White, *O Grande Conflito*, 595.
43. White, Ms. 11, 1850, in *Manuscript Releases*, vol. 5, 203, 204; Idem, *Early Writings* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1945), 97-104.
44. Por exemplo, James White, “Gospel Order,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, Dec. 6, 1853, 173; Idem, “Gospel Order,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, Dec. 13, 1853, 180; Idem,

- “Gospel Order,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, Dec. 20, 1853, 188-190. Joseph Bates, “Church Order,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, Aug. 29, 1854, 22, 23; J. B. Frisbie, “Church Order,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, Dec. 26, 1854, 147, 148.
45. James White, “Yearly Meetings,” *The Advent Review and Sabbath Herald*, July 21, 1859, 68, cols. 2, 3 (citação na col. 2).
46. White, Letter 137, 1898, em *Manuscript Releases*, vol. 21, 360.
47. Patrick Allen, “The Depression and the Role of Women in the Seventh-day Adventist Church,” *Adventist Heritage*, vol. 11, no. 2 (Fall 1986), 50; Roger Coon, “Ellen White’s View of the Role of Women in the SDA Church,” 2, 3, <http://text.egwwritings.org/publication.php?pubtype=Book&bookCode=EGWVWRWSDA&pagenumber=1¶graphReferences=1> (acessado em 16 de Março de 2015).
48. David Trim, “The Ordination of Women in Seventh-day Adventist Policy and Practice, Up to 1972,” versão revisada e levemente ampliada do artigo apresentado ao Comitê de Estudos da Teologia da Ordenação, 22 de Julho de 2013, 16, <https://www.adventistarchives.org/the-ordination-of-women-in-seventh-day-adventist-policy-and-practice.pdf> (acessado em 27 de Fevereiro de 2015).
49. “Session Actions,” *Adventist Review*, July 13, 1990, 15.
50. “Session Actions,” *Adventist Review*, July 11, 1995, 30.
51. Ver Paula D. Nesbitt, “Women in Other Professions,” in *Women and Work: A Handbook*, edited by Paula J. Dubeck and Kathryn Borman (New York, NY: Garland, 1996), 182, 183.
52. James A. Beckford and N. J. Demerath III, eds., *SAGE Handbook of the Sociology of Religion* (London, England: SAGE, 2007), 304.
53. Ver F. Donald Yost, “An Inquiry into the Role of Women in the SDA Church,” rev. with additional data, December, 1977, <https://www.adventistarchives.org/an-inquiry-into-the-role-of-women-in-the-sda-church.pdf> (acessado em 1 de Abril de 2015).
54. Elizabeth Dias, “A Change of Heart: Inside the Evangelical War Over Gay Marriage,” *Time*, January 26, 2015, 47. Segundo Russell

176 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Moore, presidente da Comissão de **Ética** e Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul: “Não é ao acaso que o movimento de liberação das mulheres precedeu o movimento de liberação gay” (Ibid.).

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Declaração de Consenso sobre a Teologia de Ordenação Adventista do Sétimo Dia

TOSC para AAS-EOM+ADCOM+GCDO13AC+13AC+15GCS 2
130-13GS DECLARAÇÃO DE CONSENSO SOBRE UMA TEOLOGIA DE ORDENAÇÃO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

RECOMENDADO, Adotar o documento “Declaração de Consenso sobre uma Teologia de Ordenação Adventista do Sétimo Dia”, que compreende o seguinte:

Num mundo alienado de Deus, a Igreja é composta daqueles que Deus reconciliou para Si e uns aos outros. Por meio da obra salvadora de Cristo, esses estão unidos a Ele pela fé por meio do batismo (Ef 4:4-6), tornando-se um sacerdócio real, cuja missão é “proclamar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pd 2:9). Os crentes receberam o ministério de reconciliação (2 Co 5:18-20), e são chamados e capacitados pelo poder do Espírito e os dons que Ele concede para cumprir a Comissão Evangélica (Mt 28:18-20).

Ao passo que todos os crentes são convidados a utilizar seus dons espirituais para o ministério, as Escrituras identificam específicas posições de liderança que são acompanhadas pela recomendação pública da Igreja para pessoas que satisfazem as qualificações bíblicas (Nm 11:16-17; At 6:1-6; 13:1-3; 14:23; 1 Tm 3:1-12; Tt 1:5-9). Várias recomendações semelhantes envolvem a “imposição de mãos”. Versões em inglês das Escrituras usam a palavra *ordenar* para traduzir muitas palavras gregas e hebraicas diferentes, com a ideia básica de *selecionar* ou *indicar*, o que descreve a colocação dessas pessoas nas respectivas funções. No decurso da história cristã, o termo *ordenação* adquiriu significados que se distanciaram do que essas palavras indicavam originalmente. Por causa desse contexto, os Adventistas do Sétimo Dia entendem a ordenação, num sentido bíblico, como a ação da Igreja em reconhecer publicamente aqueles a quem o Senhor chamou e equipou para o ministério da Igreja local e global.

180 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Além da singular função dos apóstolos, o Novo Testamento identifica as seguintes categorias de líderes ordenados: o ancião/ ancião supervisor (At 14:23; At 20:17, 28; 1 Tm 3:2-7; 4:14; 2 Tm 4:1-5; 1 Pd 5:1) e o diácono (Fl 1:1; 1 Tm 3:8-10). Enquanto a maioria dos anciãos e diáconos ministrava em contextos locais, alguns anciãos eram itinerantes e supervisionavam territórios maiores com múltiplas congregações, o que reflete o ministério de indivíduos como Timóteo e Tito (1 Tm 1:3-4; Tt 1:5).

No ato da ordenação, a Igreja confere autoridade representativa a indivíduos para o ministério específico para o qual foram designados (At 6:1-3; 13:1-3; 1 Tm 5:17; Tt 38 2:15). Esses ministérios incluem representar a Igreja, proclamar o evangelho, administrar a Ceia do Senhor e o batismo, plantar e organizar igrejas, orientar e alimentar os membros, opor-se a falsos ensinamentos e prestar serviço em geral para a congregação (cf. At 6:3; 20:28-29; 1 Tm 3:2, 4-5; 2 Tm 1:13-14; 2:2; 4:5; Tt 1:5, 9). Como a ordenação contribui para a ordem da igreja, ela não transmite qualidades especiais às pessoas ordenadas nem introduz uma hierarquia na comunidade de fé. Os exemplos bíblicos de ordenação incluem supervisão, a imposição de mãos, jejum e oração e consagração dos que foram separados para a graça de Deus (Dt 3:28; At 6:6; 14:26; 15:40).

Os indivíduos ordenados dedicam seus talentos ao Senhor e a Sua Igreja para uma vida de serviço. O modelo original de ordenação é Jesus nomeando os doze apóstolos (Mt 10:1-4; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16), e o último modelo de ministério cristão é a vida e obra de nosso Senhor, que veio não para ser servido, mas para servir (Mc 10:45; Lc 22:25-27; 5 Jo 13:1-17).

Revisado em 07-23-13tkb

APÊNDICE 2

Traduções bíblicas em inglês de 1 Timóteo 3:2

Ano	Versão/Tradução	Menos Restritivo.....Mais Restritivo					
		homem ou mulher, casado	homem, casado ou solteiro	homem, casado	homem, casado, com ênfase sobre o fato de não ser polígamo	homem, casado, fiel	homem, casado apenas uma vez
1382	Wycliffe Bible, ©2001 by Terence P. Noble "Portanto, convém que um bispo seja sem reprovação [Portanto convém que um bispo seja irrepreensível, ou sem reprovação], esposo de uma só mulher. . . "			X			
1599	Geneva Bible (GNV) "Um Bispo, portanto, deve ser irreprochável, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1858	Sawyer's New Testament "É necessário, portanto, que um bispo seja irrepreensível, um marido de uma só mulher. . . "			X			
1875	Davidson's New Testament "O bispo, pois, deve ser irrepreensível, marido de uma só mulher. . . "			X			
1884	Revised Version (RV) "O bispo, portanto, deve ser sem reprovação, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1890	Darby Translation (DARBY) "O supervisor, pois, seja irrepreensível, marido de uma só mulher. . . "			X			
1898	Young's Literal Translation (YLT) "Convém, portanto, que o supervisor seja irrepreensível, de uma esposa um marido. . . "				X		
1899	Douay-Rheims American Edition (DRA) "Convém, portanto, que um bispo seja irrepreensível, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1900	Authorized Version (KJV), Cambridge "Um bispo, pois, deve ser irrepreensível, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1901	American Standard Version (ASV) "O bispo, portanto, deve ser sem reprovação, o marido de uma só mulher. . . "			X			

182 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Year	Version/Translation	Least Restrictive....Most Restrictive					
		Male or female, Married	Male, Married or Single	Male, Married	Male Married, not Polygamous Emphasised	Male, Married, Faithful	Male, Married only once
1902	Weymouth's New Testament in Modern Speech "Um ministro, portanto, deve ser um homem de caráter irreprochável, fiel a sua única mulher. . . "					X	
1903	20th Century New Testament "O administrador deve ser um homem de caráter irrepreensível; ele deve ter sido casado apenas uma vez. . . "						X
1937	Williams' New Testament: A Translation in the Language of the People "O pastor deve ser um homem acima de reprovação, deve ter apenas um esposa. . . "				X		
1946	Wand's New Testament Letters "Um bispo tem que ser irreprochável, com apenas uma esposa. . . "						
1954	Goodspeed "Um superintendente deve ser um homem acima de reprovação, casado apenas uma vez. . . "						X
1961	New World Translation "O supervisor deve, portanto, ser de caráter irrepreensível, um marido de uma só mulher. . . "			X			
1961	Norley's Simplified New Testament "O pastor deve ser um homem de caráter irreprochável, e nunca ter mais de uma esposa... . "				X		
1963	Holy Name Bible (HNB) "Um bispo, então, deve ser irrepreensível, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1965	Bruce's The Letters of Paul: An Expanded Paraphrase "O bispo, portanto, deve ser sem reprovação, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1966	The Jerusalem Bible (JB) "Por isso, o presidente deve ter um caráter impecável, ele não deve ter sido casado mais de uma vez. . . "					X	
1969	Barclay "O superintendente da comunidade deve, portanto, ser um homem que ninguém possa criticar. Ele deve ser marido fiel de uma só mulher. . . "						X

Year	Version/Translation	Least Restrictive.....Most Restrictive					
		Male or Female, Married	Male, Married or Single	Male, Married	Male Married, not Polygamous Emphasized	Male, Married, Faithful	Male, Married only once
1969	New Berkeley Version (NBV) "O bispo, então, deve estar acima de reprovação, o marido de apenas uma única mulher. . . . "				X		
1969	New Life Version (NLV) "Um líder de igreja deve ser um homem bom. Sua vida deve ser de tal modo que ninguém possa dizer nada contra ele. Ele deve ter apenas uma única mulher. . . . "				X		
1970	New American Bible (NAB) "Um bispo ver deve ser irreprochável, casado apenas uma vez. . . . "	X					
1971	The Living Bible (LB) "Porque um pastor deve ser um bom homem cuja vida não possa ser atacada. Ele deve ter apenas uma única esposa. . . . "				X		
1971	Revised Standard Version (RSV) "Um bispo deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . . "			X			
1972	Phillips' New Testament in Modern English "Bem, para o ofício de um bispo um homem deve ser de reputação irrepreensível, ele deve estar casado com uma única mulher apenas. . . . "				X		
1977	New American Standard Bible (NASB) "Um supervisor, pois, deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . . "			X			
1982	New King James Version (NKJV) "Um bispo, então, deve ser irrepreensível, o marido de uma só mulher. . . . "			X			
1984	New International Version (NIV) "O supervisor deve estar acima de reprovação, o marido de apenas uma única esposa. . . . "				X		
1985	New Jerusalem Bible (NJB) "Por isso é que o ancião supervisor deve ter um caráter impecável. Marido de uma só mulher.... "			X			
1987	Amplified Bible (AMP) "O bispo (superintendente, supervisor) não deve dar motivo para acusação, e deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . . "			X			

184 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Year	Version/Translation	Least Restrictive.....Most Restrictive					
		Male or Female, Married	Male, Married of Single	Male Married	Male, Married, not Polygamous Emphasized	Male, Married, Faithful	Male, Married Only Once
1989	New Revised Standard Version (NRSV) "Um bispo deve estar acima de reprovação, casado apenas uma vez. . . "	X					
1989	Revised English Bible (REB) "Um bispo, portanto, deve estar acima de reprovação, marido de uma só mulher. . . "			X			
1992	Good News Translation (GNT) "Um líder de igreja não deve ter falhas; ele deve ter apenas uma única esposa. . . "				X		
1994	21st Century King James Version (KJ21) "Um bispo, pois, deve ser irrepreensível, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1995	Contemporary English Version (CEV) "Por isso é que os oficiais devem ter uma boa reputação e serem fieis no casamento. . . "	X					
1995	GOD'S WORD Translation (GW) "Um bispo deve ter uma boa reputação. Ele deve ter apenas uma única mulher. . . "				X		
1995	New American Standard Bible (NAS95) "Um supervisor, pois, deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . "			X			
1998	Complete Jewish Bible (CJB) "Um líder de congregação deve estar acima de reprovação, ele deve ser fiel a sua esposa. . . "					X	
1998	New International Reader's Version (NIRV) "Um líder deve estar livre de culpa. Ele deve ser fiel a sua esposa. . . "					X	
1998	Worldwide English (New Testament) (WE) "Para que um homem seja um líder de igreja, as pessoas devem falar bem dele. Ele deve ter apenas uma única mulher. . . "				X		
2000	Jubilee Bible 2000 (JUB) "É apropriado, portanto, que o bispo seja irrepreensível, o marido de apenas uma única mulher. . . "				X		

Year	Version/Translation	Least Restrictive.....Most Restrictive					
		Male or Female, Married	Male, Married of Single	Male Married	Male, Married, not Polygamous Emphasized	Male, Married, Faithful	Male, Married Only Once
2000	The Clear Word (CW) “Um ancião deve ser alguém irrepreensível. Se ele for casado, deve ser leal a sua esposa. ”		X				
2001	English Standard Version (ESV) “Portanto, um supervisor deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . ”			X			
2002	The Message (MSG) “Há precondições: Um líder deve ser estimado, comprometido com sua esposa. . . ”					X	
2005	New Century Version (NCV) “Um supervisor não deve dar motivo para que as pessoas o critiquem, e ele deve ter apenas uma única esposa. . . ”				X		
2006	Easy-to-Read Version (ERV) “Um ancião deve ser um homem tão bom que ninguém possa criticá-lo merecidamente. Ele deve ser fiel a sua esposa. . . ”					X	
2006	New English Translation (NET) “O supervisor, pois, deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . ”			X			
2007	New Living Translation (NLT) “Um ancião deve ser um homem cuja vida esteja acima de reprovação. Ele deve ser fiel a sua esposa. . . ”					X	
2009	Holman Christian Standard Bible (HCSB) “Um supervisor, portanto, deve estar acima de reprovação, o marido de uma só mulher. . . ”			X			
2011	Common English Bible (CEB) “Assim, o supervisor da igreja não deve ter falhas. Eles devem ser fiéis ao cônjuge. . . ”	X					
2011	Expanded Bible (EXB), “Um supervisor não deve dar motivo para que as pessoas o critiquem [ter uma boa reputação; estar acima de reprovação], e ele deve ter apenas uma única esposa [ou ser fiel a sua esposa]... . ”				X	[X]	

186 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Year	Version/Translation	Least Restrictive.....Most Restrictive					
		Male or Female, Married	Male, Married of Single	Male Married	Male, Married, not Polygamous Emphasized	Male, Married, Faithful	Male, Married Only Once
2011	Mounce Reverse-Interlinear New Testament (MOUNCE) "Portanto, é necessário que um supervisor esteja acima de reprovação: um homem de uma só mulher. . . "			X			
2011	Names of God Bible (NOG) "Um bispo deve ter uma boa reputação. Ele deve ter apenas uma única mulher. . . "				X		
2011	New International Version (NIV11) "O supervisor deve estar acima de reprovação, fiel a sua esposa. . . "					X	
2011	Orthodox Jewish Bible (OJB) "É necessário, portanto, que o Mashgiach Ruchani congregacional não tenha reprovação, ba'al isha echat (uma única mulher homem/mestre , ver OJB p.258, 1Sm 2:22-25, i.e., kedushah e tahorah caracterizado por heterossexualidade, exclusividade e fidelidade)...."					X	
2012	Lexham English Bible (LEB) "Portanto, o supervisor deve ser irreprochável, o marido de uma só mulher. . . "			X			
2012	The Voice (VOICE) "Aqui estão as qualificações para procurar em um supervisor: uma reputação impecável, o marido de uma só mulher. . . "			X			
N.D.	Free Bible Version "Um ancião deve estar acima de reprovação, casado com uma esposa. . . "				X		
N.D.	World English Bible (WEB) "O supervisor, portanto, deve ser sem reprovação, o marido de uma só mulher. . . "			X			
Totais		4	1	27	17	9	3

¹Essa lista representa todas as traduções em inglês da biblioteca do Instituto de Pesquisa Bíblica e em www.biblegateway.com, exceto as edições regionais da mesma tradução.

APÊNDICE 3

Semelhanças entre 1 Timóteo e Tito

	1 Timóteo (Éfeso)	Tito (Crete)
Autor	1:1 – Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pelo mandato de Deus, nosso Salvador	1:1, 3 – Paulo, ... apóstolo de Jesus Cristo . . . por mandato de Deus, nosso Salvador
Destinatário	1:2 – A Timóteo, verdadeiro filho na fé; 1:18 – filho Timóteo	1:4 – A Tito, verdadeiro filho, segundo a fé comum
Propósito	3:15 – Fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus	1:5, 7 – Para que pusesse em ordem as coisas restantes; 1:7 - como despenseiro de Deus
Qualificações para o Supervisor/ Ancião	<p>3:2 – Um bispo [ou “supervisor”], então, deve ser irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, Sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar,</p> <p>3:3 – Não dado ao vinho não violento, cordato, inimigo de contendas não avarento.</p> <p>3:4 – Que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito.</p>	<p>1:6 – Um bispo [ou “supervisor”]... deve ser irrepreensível</p> <p>1:6 – Marido de uma só mulher</p> <p>1:8 – Que tenha domínio de si, ... sóbrio</p> <p>1:8 – Amigo do bem</p> <p>1:8 – Justo</p> <p>1:8 – Hospitaleiro</p> <p>1:9 – Apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, da maneira como foi ensinada, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.</p> <p>1:7 – Não dado ao vinho</p> <p>1:7 – Não irascível, nem violento</p> <p>1:8 – Justo</p> <p>1:7 – Nem cobiçoso de torpe ganância,</p> <p>1:6 – Que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados.</p>

188 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Enganadores	<p>1:3 – Certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina</p> <p>1:4 – Fábulas</p> <p>1:4 – Genealogias sem fim</p> <p>1:7 – Mestres da lei</p> <p>1:7 – Não compreendendo, todavia, nem o que dizem</p> <p>1:6 – Loquacidade frívola</p> <p>6:20 – Falatórios inúteis</p> <p>6:5 – Homens cuja mente é pervertida</p> <p>6:5 – Supondo que a piedade é fonte de lucro</p>	<p>1:10 – Enganadores</p> <p>1:14 – Desviados da verdade</p> <p>1:14 – Fábulas</p> <p>3:9 – Genealogias</p> <p>3:9 – Debates sobre a lei</p> <p>1:10 – Paladores frívolos</p> <p>3:9 – Discussões insensatas</p> <p>1:15 – Tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.</p> <p>1:11 – Ensinando o que não devem, por torpe ganância.</p> <p>3:9 – Contendas</p>
Instruções para anciãos/ moços/ mulheres	<p>5:1 – Ao homem idoso. . . exorta-o como a pai ; aos moços, como a irmãos;</p> <p>5:2 – Às mulheres idosas, como a mães;</p> <p>às moças, como a irmãs.</p>	<p>2:2 - Homens idosos, que sejam temperantes, respeitáveis,</p> <p>2:6 – Quanto aos moços,... exorta-os para que, em todas as coisas, sejam criteriosos</p> <p>2:3 – Mulheres idosas. . . que sejam sérias em seu proceder</p> <p>2:4 – As jovens... a amarem ao marido e a seus filhos</p>
Instruções para escravos	<p>6:1 – Os servos... considerem dignos de toda honra o próprio senhor</p> <p>6:2 – [o senhor fiel] não o tratem com desrespeito</p>	<p>2:9 – Quanto aos servos, que sejam, em tudo, obedientes ao seu senhor, dando-lhe motivo de satisfação</p> <p>2:9-10 – Não sejam respondões, não furem; pelo contrário, deem prova de toda a fidelidade</p>
Instruções pessoais	<p>4:11 – Ordena e ensina estas coisas.</p> <p>4:12 – Ninguém despreze a tua mocidade;</p> <p>4:12 – Torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza.</p> <p>4:16 – Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina.</p>	<p>2:15 – Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade.</p> <p>2:15 – Ninguém te despreze.</p> <p>2:7 – Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras.</p> <p>2:7-8 – No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia</p>

APÊNDICE 4

*Resposta em nome de W. C. White sobre as credenciais de
Ellen G. White*

Nov. 17, 1935.

Elder L.E. Froom
Takoma Park, D.C.

Dear Brother Froom:

Elder White has just shown me your letter of Nov. 8, regarding the Ministerial credentials of Mrs. White, and he tells me that Sister White was never ordained, that she never baptized, nor did she ever give the ordination charge to others.

With this information, I reached over to my desk and pulled out a card reading as follows:

"Credentials granted by the Michigan Conference to Ellen G. White." -- Review and Herald, Feb. 14, 1871, p. 69

I think this was the first time she carried ministerial credentials. They were issued to her because of her evident call of the Lord. I do not know just how long before the General Conference put her on their ministerial list. She did not carry ministerial credentials or any other papers prior to this.

I have a number of letters from you recently, some informative and some with inquiries, and I will soon write to you regarding some of these.

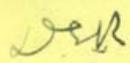
Arthur arrived yesterday and gave us a very interesting report of his trip. I assured him that I knew he had a very interesting time with his roommate and he agreed although he said he was too busy to spend much time in visiting.

This noon mail, also brought your letter to him and to me regarding the studies to appear in the Ministry based upon "Gospel Workers." This is something more for us to think about.

This is Friday afternoon so I will not write further.

Sincerely your brother,

DER:lfw.



190 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

17 de Novembro de 1935

Presbítero L. E. Froom

Takoma Park, D.C.

Estimado irmão Froom,

O presbítero White acabou de me mostrar sua carta de 8 de Novembro com relação às credenciais ministeriais da senhora White. Ele me disse que a irmã White nunca foi ordenada, nunca realizou nenhum batismo e nunca ordenou a outros.

Com essa informação, peguei em minha mesa um cartão escrito o seguinte:

“Credenciais concedidas pela Associação de Michigan a Ellen G. White” - *Review and Herald*, 14 de Fevereiro de 1871, p. 69

Penso que essa foi a primeira vez que ela recebeu credenciais ministeriais. As credenciais foram emitidas para ela por causa do evidente chamado do Senhor. Eu não sei quanto tempo antes dessa data a Conferência Geral a colocou na lista ministerial. Ela não tinha credenciais ministeriais ou quaisquer outros documentos antes disso.

Tenho várias cartas suas, recentes, algumas informativas e outras com perguntas, e logo escreverei para você a respeito de alguns desses assuntos.

Arthur chegou ontem e me deu um relato interessante da viagem. Confirmei que eu sabia que ele teve bons momentos com seu colega de quarto. Ele concordou, mas disse que estava muito ocupado para passar muito tempo na visita.

Meio-dia o correio também trouxe sua carta para ele e para mim sobre os estudos que aparecem na Ministry, baseados em “Obreiros Evangélicos”.

Já é sexta-feira à tarde e não vou escrever mais.

Atenciosamente, seu irmão,

DER: lfw

APÊNDICE 5

Muheres Licenciadas como Ministras Adventistas

1869-1975¹

1869		1902	
Sra. S. A. Lindsay ²	Nova Iorque -Pensilvânia	Minnie Syp (mudado mais tarde para Sype)	Oklahoma
1875³		1904	
Ellen S. Lane	Michigan	Alma Bjedigg	Missão da Finlândia
Roby Tuttle	Michigan	Sra. J. E. Bond	Arizona
		Bertha E. Jorgensen	South Dakota
1878		1910	
Anna Fulton	Minnesota	Pearl Field	Nebraska
Julia Owen	Kentucky-Tennessee	Sra. Ura Spring	Nebraska
1879		1920	
Libbie Collins	Minnesota	Ella H. Osborne	Norte da Califórnia
Hattie Enoch	Kansas	Emme Wells	Região Metropolitana de Nova Iorque
Libbie Fulton	Minnesota		
Lizzie Post	Minnesota		
1880		1925	
Anna Johnson	Minnesota	Sra. E. Flo Hawkins	Illinois
		Sra. B. Miller	União Missão China do Leste
1881		1930	
Ida W. Ballenger	Illinois	Sra. E. Eder	Norte do Texas
Helen L. Morse	Illinois	Sra. Beulah Langdon	Norte do Texas
		Pearl Stafford	Oregon
1884		1935	
Ruie Hill	Kansas	Lucy Andrus	Hopei Mission (China)
1886		1945	
Ida W. Hibben	Illinois	Jessie Curtis	Leste da Pensilvânia

192 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

1887		1960	
Sra. S. E. Pierce	Vermont	Sra. W. H. Anderson	Conferência da União Central
1893		Marye Burdick	Georgia-Cumberland
Flora Plummer	Iowa	Edna J. Cardey	Potomac
1894		Freda Ford	Kentucky-Tennessee
Margaret Caro	Nova Zelândia	Lucia H. Lee	Georgia-Cumberland
1898		Emma Phillips	Kentucky-Tennessee
Sra. S. M. I. Henry	Conferência Geral	Mary Saxton	Potomac
Lulu Wightman	Nova Iorque	Mary E. Walsh	União do Pacífico
		Sra. J. W. Wilhelm	Kentucky-Tennessee
1899		1965	
Edith Bartlett	Associação Britânica	Lois Mays	Potomac
		Julia Ross	Potomac
1900		1970	
Sra. Hetty Haskell (wife of S. N. Haskell)	Conferência Geral	Sra. Phil Neal	Kentucky-Tennessee
Mina Robinson	Associação Britânica	Sra. Harry Weckham	Kentucky-Tennessee
1901		1975	
Carrie V. Hansen	Utah	Josephine Benton	Potomac

Endnotes:

1. A maioria dessas informações vem do Apêndice D em Roger Coon, "Ellen G. White's View of the Role of Women in the SDA Church," 18 <http://egwtext.whiteestate.org/publication.php?pubtype=Book&bookCode=EGWVRWSDA&lang=en§ion=all&pagenumber=18> (22 de Fevereiro de 2015). Algumas correções foram feitas com base em William Fagal: "Did Ellen White Support the Ordination of Women?" *Ministry* 62/2 (February 1989), 7. Para comprovação adicional, a Sra. Sarah A. Lindsay foi licenciada dois anos antes do que relata Fagal. A tabela chega apenas até 1975 porque, devido a uma variedade de motivos não relacionados à Escritura, as políticas relativas às mulheres no ministério mudaram substancialmente dali em diante.
2. A licença foi aprovada na sessão final da conferência, em ou por volta de 16 de Setembro de 1869. Ver "Report of the N.Y. and Pa. Conference," *Review and Herald*, Oct 12, 1869, 126.
3. As duas mulheres receberam licenças em 11 de Agosto de 1875. Ver "Business Proceedings of the Fifteenth Annual Session of the Michigan State Conference," *Review and Herald*, August 26, 1875, 63.

APÊNDICE 6

Teologia da Ordenação: Posição No. 1

*Apresentado por Clinton Wahlen ao Comitê Executivo da
Conferência Geral*

14 de Outubro de 2014

Introdução

Bom dia!

Tenho boas notícias para nós essa manhã: É mais o que nos une, do que o que nos divide...mesmo no assunto da ordenação de mulheres.

- ▶ **Cristo é o Cabeça da Igreja:** Todos nós concordamos que Cristo é o Cabeça da igreja, e que a igreja pertence somente a Cristo (Ef 1:22; Cl 2:10).
- ▶ **A Grande Comissão é para todos:** Todos nós concordamos que a Grande Comissão se aplica a cada cristão - homens, mulheres e crianças - e que o Espírito trabalha por meio de cada crente ao redor do mundo para realizá-la.
- ▶ **Os dons espirituais são inclusivos de gênero:** Todos nós concordamos que cada crente recebe um ou mais dons espirituais, portanto, os dons são inclusivos de gênero.
- ▶ **O sacerdócio de todos os crentes:** Todos nós concordamos que todos os cristãos fazem parte do sacerdócio de todos os crentes e têm acesso direto a Deus por meio da oração, e que os pastores e anciãos não são sacerdotes.
- ▶ **Plena igualdade por meio da Criação:** Todos nós concordamos que homens e mulheres são plenamente iguais porque todos os seres humanos são criados à imagem de Deus.
- ▶ **Unidade em Cristo:** Todos nós concordamos que em Cristo “não pode haver judeu nem grego; nem escravo

194 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” e “herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:28, 29).

- ▶ **O derramamento do Espírito de Deus no fim dos tempos:** Todos nós cremos na promessa do fim dos tempos de Joel 2 sobre a Chuva Serôdia: “Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão. . . . até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias” (Jl 2:28, 29).

A Posição #1 *afirma todos esses ensinamentos bíblicos. Não está em conflito com nenhum deles.*

Além disso, a “Declaração de Consenso” do TOSC demonstra que mais de 90 por cento do comitê concordou que a ordenação de líderes da igreja é bíblica (“Study Committee Votes Consensus Statement on ‘Theology of Ordination,’” *Adventist Review* [August 15, 2013], 8, grifo nosso, também em todas as demais citações). Podemos apenas resumir alguns pontos aqui:

1. A ordenação é uma prática bíblica, separando ministros que supervisionam a igreja quando eles preenchem as qualificações bíblicas.
2. O Novo Testamento identifica duas categorias de líderes ordenados:
 - ❖ Anciãos, (inclusive anciãos “supervisores” que administram múltiplas congregações); e Diáconos.
3. Alguns indivíduos precisam ser ordenados para o “ministério da Igreja global”.

A questão principal

Há apenas uma questão em que não há consenso:

As qualificações bíblicas para o ministro evangélico que supervisiona a igreja permitem que uma mulher seja ordenada para essa função?

Para responder a essa pergunta não podemos ignorar o fato de que dois dos três grupos encontraram clara evidência na Escritura para um modelo bíblico de liderança masculina. Observe essa declaração da “Síntese da Posição #3”:

Creemos que há um modelo bíblico de *liderança* masculina eclesiológica que tem validade através do tempo e da cultura.
– *TOSC Report*, 100 (ênfase no original).

Mesmo quanto à ordenação de mulheres, há uma clara resposta bíblica, encontrada em 1 Timóteo (ver “‘Marido de uma só mulher’ em 1 Timóteo 3:2 é gênero específico?”).

Linguagem Inclusiva de Gênero vs. Linguagem Exclusiva de Gênero

Ao contrário da maioria das cartas de Paulo, 1 Timóteo não foi escrita para uma igreja em particular. Assim como a carta a Tito, 1 Timóteo foi escrita a um ministro evangélico. Seu propósito é dar instruções a Timóteo sobre a ordem da igreja: “Fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3:15).

1. Linguagem Inclusiva de Gênero (1 Tm 2:1-7).

Quando Paulo quer expressar inclusão de gênero, ele utiliza a linguagem inclusiva de gênero, como faz várias vezes em 1 Timóteo 2 (do gr. *pas, anthrōpos*):

- ▶ A oração deve ser oferecida por todas as pessoas (v. 1);
- ▶ Deus deseja que todas as pessoas sejam salvas e que venham ao conhecimento da verdade (v. 4).
- ▶ Cristo deu a Si mesmo em resgate por todos (v. 6).

2. Linguagem específica de gênero (1 Tm 2:8-15).

Paulo também usa a linguagem específica de gênero para explicar como homens e mulheres precisam se relacionar uns com os outros no contexto de adoração.

Homens

196 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

- ▶ Os homens devem tomar a liderança no serviço de adoração e oração da igreja (v. 8).

Mulheres

- ▶ As mulheres devem se vestir com modéstia.
- ▶ Elas não devem tentar usurpar o estabelecido ensino autoritativo do ministro que supervisiona a igreja (vs. 912).

Paulo baseia seu ensino em Gênesis 2 e 3, que veremos logo adiante: “Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.” (v. 13, 14).

3. Linguagem exclusiva de gênero (1 Tm 3:1-12).

Começando no capítulo 3 com as qualificações para os oficiais da igreja, Paulo usa linguagem ainda mais específica, exclusiva de gênero. Ele não se refere a “alguém”, mas diz, de acordo com a NASB, preferida pela Posição #2 (*TOSC Report*, 69, n. 9), “Se algum homem aspira ao ofício de supervisor, excelente obra deseja” (v. 1).

Ele lista as qualificações para essa função:

“É necessário, portanto, que o bispo [ou supervisor] seja irrepreensível, esposo de uma só mulher. . . .” (vs. 2).

- ▶ Essa qualificação não é só específica de gênero, é exclusiva de gênero, por várias razões:
- ▶ É uma exigência fixa, que aparece três vezes: aqui e em Tito 1:6 para supervisores/anciãos, e para diáconos em 1 Timóteo 3:12.
- ▶ Mulheres assistentes, algumas vezes chamadas diaconisas, são mencionadas no v. 11 como um grupo separado dos anciãos e diáconos, com uma lista diferente de qualificações, portanto elas não podem ser incluídas no grupo de anciãos ou diáconos.
- ▶ Paulo usa a frase oposta, “esposa de um só marido” em 1 Timoteo 5:9, referindo-se às viúvas. Isso significa que Paulo quis dizer o que ele disse.

- ▶ Se Paulo quisesse usar o gênero neutro, ele teria combinado essas duas frases: “o bispo [ou supervisor] . . . deve ser marido de uma só mulher ou a mulher de um só marido”. Mas Paulo não fez isso.
- ▶ Paulo lida, em ordem, com grupos cada vez menores: em primeiro lugar “todos” (gênero inclusivo), depois “homens” e “mulheres” (gênero específico), e por fim “marido de uma só mulher” (gênero exclusivo).

Observe que o texto diz “deve” (do gr. *dei*). O palavreado é tão claro em grego como em português. É tão claro como a ordem para “lembrar-se do sábado para o santificar” (Êx 20:8).

Naturalmente, essa ordem bíblica para os ministros que supervisionam a Igreja não faz parte dos Dez Mandamentos, mas ainda é uma ordem. A ordem de se abster de alimentos impuros não faz parte dos Dez Mandamentos, mas ainda é uma ordem. Assim também como a ordem de Jesus para seguir Seu exemplo em lavar os pés uns dos outros; e Sua ordem ligada à Santa Ceia do Senhor: “Façam isso em memória de Mim” (1 Co 11:24) Ou a Grande Comissão de “ir e fazer discípulos . . .” (Mt 28:19). Nenhuma delas faz parte dos Dez Mandamentos, mas elas ainda são ordens. Elas não são opcionais.

Quando Paulo diz “deve”, é bem claro. Ele ainda escolheu a forma de comando no grego mais forte possível para dizer isso.

O fato de Paulo usar a ordem da Criação desde o Éden como base para as funções de homens e mulheres na Igreja demonstra duas coisas: (1) essa é uma questão teológica, não apenas uma questão prática; e (2) essas funções foram o ideal de Deus antes da Queda e refletem o ideal de Deus para nós hoje.

Estudando o relato da Criação e da Queda descobrimos que Paulo e Gênesis estão em perfeita harmonia. Eles não se contradizem.

A liderança na ordem da Criação em Gênesis

Gênesis 1 descreve a criação dos primeiros seres humanos nessas palavras: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de

198 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1:27). Como homem e mulher foram criados à imagem de Deus, os dois têm o mesmo valor. A cultura moderna quer nos fazer pensar que igual significa idêntico. Mas a igualdade não destrói nossa singularidade. Adão e Eva eram iguais na habilidade de pensar e raciocinar, mas diferentes no temperamento e no físico. Eles também foram criados por Deus em diferentes momentos.

A razão por que Adão foi criado primeiro não é segredo: Deus lhe deu a principal responsabilidade de liderança.

Ordem da Criação:

- ▶ Homem – cuidar do jardim (Gn 2:15)
– sabia o que comer e o que evitar (Gn 2:16, 17)
- ▶ Mulher – dada como “auxiliadora” do homem (Gn 2:18).

Conduta da Criação:

- ▶ Eva compartilha com Adão o domínio divino (Gn 1:26)
- ▶ Ele não pode liderar sem ela porque ela é sua auxiliadora (Gn 2:18, 20).

Na verdade, o clímax dessa segunda parte do relato da Criação não é a criação de Eva, mas a criação da família. Assim como o sábado forma o clímax da primeira metade do relato da Criação (Gn 2:1-3), o casamento entre o homem e a mulher, realizado por Deus, é o ápice da segunda metade (Gn 2:24; cf. Mt 19:4-6).

Gênesis 3 relata a história da Queda e a reversão do princípio da liderança na ordem da Criação.

O raciocínio de Paulo em 1 Timóteo 2 e 3 leva-nos de volta a esse princípio fundamental de liderança baseado na ordem da Criação: “Adão foi formado primeiro, depois Eva” (v. 13). Ao mencionar a ordem da Criação, o homem primeiro e depois a mulher, Paulo nos leva de volta ao Éden e mostra que esse arranjo da liderança ideal é válido na Igreja para todas as épocas.

Mulheres conservem-se caladas na igreja

Enquanto 1 Timóteo 3:2 é bem claro—que o ministro que supervisiona a Igreja “deve ser marido de uma só mulher”, alguns dizem que se formos tomar esse texto literalmente, então, de acordo com 1 Coríntios 14, as mulheres devem ficar caladas na igreja.

Mesmo nessa passagem, aplica-se uma leitura natural do texto. Consideremos alguns pontos importantes sobre essa passagem:

- ▶ Ao contrário das Epístolas Pastorais de Timóteo e Tito, que foram escritas para ministros servindo em várias áreas diferentes, 1 Coríntios foi escrita a uma igreja específica em Corinto.
- ▶ Ela foi escrita principalmente para tratar de problemas e questões específicas que surgiram em Corinto.
- ▶ 1 Coríntios 14 lida com as práticas de três grupos que estavam causando significativas interrupções no serviço de adoração em Corinto.
- ▶ Essas interrupções foram causadas *por homens e também por mulheres*:
 - ❖ os homens estavam falando em línguas sem um intérprete (v. 27, 28).
 - ❖ os homens estavam profetizando sem esperar que os outros tivessem terminado de falar (v. 29-33).
 - ❖ as mulheres “continuavam fazendo perguntas” (do gr. *eperōtatōsan*) enquanto as pessoas estavam falando (v. 34, 35).
- ▶ Paulo ordenou que todos os três grupos “ficassem calados”— usando uma palavra bem forte em grego (do gr. *sigāō*)— uma palavra que ele não usa em 1 Timóteo onde ele instrui as mulheres durante o serviço de adoração a permanecerem caladas (1 Tm 2:11, 12).

Precisamos lembrar que Paulo não está falando sobre uma classe de Escola Sabatina, mas explicando como os cristãos em

200 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Corinto podiam preservar a reverência e o decoro na adoração.
Funções religiosas no AT e NT

Vamos voltar à questão principal: As mulheres também podem ser ordenadas para servir como ministras evangélicas que supervisionam a Igreja?

Para responder plenamente a essa pergunta, olhemos o que Bíblia toda diz—brevemente, por causa do tempo.

Embora vejamos uma variedade de personagens bíblicas femininas com importantes funções em toda a Escritura (e.g., Miriam e Débora no Antigo Testamento; Maria, Priscila, Febe, Júnia e outras no Novo Testamento), dois pontos principais se destacam:

- ▶ Nenhuma mulher recebeu uma função sacerdotal no Antigo Testamento.
- ▶ E nenhuma mulher no Novo Testamento já atuou como apóstola ou ministra evangélica supervisionando a Igreja.

Jesus, como o Cabeça da Igreja de Deus tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, deixou bem claro por preceito e exemplo quem deve ser ordenado para essa função.

1. Antigo Testamento

No Antigo Testamento, embora Israel tivesse um sacerdócio de crentes (Êx 19:5, 6), Deus ordenou que *sacerdotes* e *levitas*—todos homens—fossem separados para liderar Israel na adoração e instrução religiosa (Êx 40:12-16; 29:9; Nm 8:10, 18-20; ver Posição #1, 21, 22). Para os sacerdotes e levitas foram ordenadas claras qualificações e rituais para a ordenação. Essas qualificações não eram opcionais.

2. Novo Testamento

Na Igreja do Novo Testamento, Jesus ordenou doze homens como apóstolos. Eles eram Seus ministros evangélicos para supervisionar a Igreja e foram comissionados para ordenar outros líderes de toda nação, tribo, língua e povo (Mt 28:19, 20; Ap 14:6).

As exigências quanto a gênero não foram temporárias. Muito embora Jesus e Paulo enfatizassem que o evangelho e a liderança

estavam abertos aos gentios, a exigência quanto a gênero não foi mudada. Paulo se reporta à ordem da Criação para demonstrar sua aplicabilidade a todas as épocas.

Paulo e Barnabé “ordenaram anciãos em cada igreja” e Paulo igualmente instruiu a Tito: “Em cada cidade, constitui presbíteros, conforme te prescrevi” (Tt 1:5).

Na verdade, o gênero é uma qualificação fundamental sobre a qual todas as outras estão edificadas e “é uma exigência clara e inequívoca que não abre espaço para interpretação errônea” (Posição #1, 13, 14).

Alguns argumentam que se as mulheres podem trabalhar num ministério de período integral, por que não podemos dar-lhes o que alguns estão pedindo? Por que não ordená-las? Não podemos fazer isso por uma simples razão:

Não estamos autorizados a abrir tal concessão, porque Deus diz que ele (o ministro) deve ser “marido de uma só mulher” (1 Tm 3:2) e não é permitido que uma mulher usurpe sua autoridade como ministro evangélico que supervisiona a Igreja (1 Tm 2:11, 12). A Bíblia é muito simples nesse ponto, para que não houvesse má compreensão quanto às qualificações para ordenação para a função do ministério evangélico.

O Concílio de Jerusalém de Atos 15

Consideremos brevemente o Concílio de Jerusalém como registrado em Atos 15. Como sabemos, alguns judeus cristãos continuaram a crer no templo, nos seus serviços e nas suas leis, ou seja, na perspectiva deles, os crentes gentios tinham que ser circuncidados para serem salvos (At 15:1). Portanto, era uma questão teológica que estava em jogo.

A circuncisão não foi instituída no Jardim do Éden como o sábado, a família e a liderança na ordem da Criação.

- ▶ A circuncisão começou com Abraão, que foi o pai dos hebreus.
- ▶ Ao contrário do sábado e da liderança na ordem da

202 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

Criação, que não podem ser modificados, a circuncisão está ligada à lei cerimonial (At 15:5).

- ▶ Como a lei cerimonial, a circuncisão é uma sombra que indica adiante, para o dom do Espírito e o novo nascimento, simbolizado pelo batismo.
- ❖ Pedro indica em seu discurso no Concílio de Jerusalém: Deus estava “concedendo o Espírito Santo a eles [gentios], como também a nós nos concedera [judeus]. E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé o coração” (At 15:8, 9).
- ❖ Como a lei cerimonial, a circuncisão era uma “sombra das coisas por vir” e chegou ao fim com a morte de Cristo e o véu rasgado de alto a baixo.

Liderança na ordem da Criação	Circuncisão
Desde o Éden, como o sábado e a família	A partir de Israel, como a lei cerimonial
Começou com Adão, pai da raça humana	Começou com Abraão, pai dos hebreus
Como o sábado, aponta para o Éden	Como a lei cerimonial, aponta para um tempo futuro
Modelo de liderança divino	Batismo prenunciado
Realidade	Sombra
Imutável, para a igreja em todas as épocas	Temporário, terminou com a morte de Cristo

O Concílio de Jerusalém ouviu todos os lados da questão. No entanto, por ser uma questão teológica, a decisão deles foi baseada exclusivamente nas Escrituras do Antigo Testamento e na revelação de Deus dada três vezes a Pedro.

O Concílio de Jerusalém não estabeleceu dois padrões diferentes com base na cultura—um para crentes judeus e outro para crentes gentios. A decisão do concílio diz respeito a todos os cristãos por toda a parte—judeus e gentios que criam em Cristo. E, por causa disso, o resultado foi uma Igreja mundial unificada.

O Concílio de Jerusalém não institucionalizou uma divisão na

Igreja entre judeus e gentios; na verdade, fez exatamente o contrário. Eles reafirmaram que a morte de Cristo na cruz destruiu o muro entre judeus e gentios: “Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz” (Ef 2:14, 15).

Em outras palavras, com essa decisão, o Concílio de Jerusalém declarou que não havia mais judeu ou gentio, e que todos tinham que viver sob as mesmas leis—as leis do reino do céu, como um povo, unidos em Cristo.

O Concílio de Jerusalém nos ensina que quando há desacordo e divergência na Igreja, não devemos olhar para nossa própria cultura em busca de sabedoria e orientação. Em vez disso, Deus dá uma solução baseada na Escritura e na revelação divina.

Conclusão

1. Como *a questão que enfrentamos atualmente é teológica e está ligada à ordem da Criação*, essa questão teológica é bem mais importante que o assunto se a mulher deve ou não ser ordenada como ministra evangélica supervisionando a igreja. A questão é o que guiará a Igreja: a Escritura ou a cultura.

2. Como vimos, a Escritura, tanto o Antigo como o Novo Testamento, é clara, e se comprometermos nossa fidelidade à Escritura nesse ponto, comprometeremos nossa única base de unidade. Por mais que apreciemos a diversidade, é a Escritura—*nossa fé e prática baseadas na Bíblia—que nos mantém juntos*, não a diversidade. *É essa unidade baseada na Bíblia que nos protegerá dos flagelos do pluralismo.*

Nossa confiança na unidade da Escritura pode ser mantida apenas se continuarmos a interpretá-la do modo como a Bíblia interpreta a si mesma. Se passarmos a interpretá-la de modo diferente em distintos lugares, nada poupará a igreja de fragmentação acerca de dízimo, congregacionalismo, homossexualidade e outras questões. Assim como o sábado e o casamento não podem ser enfra-

204 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

quecidos sem comprometer a unidade da igreja, o mesmo se dá com a liderança na ordem da Criação, dada no Gênesis e confirmada por Paulo, porque isto implica autossacrifício da liderança da igreja. Esse princípio não pode ser comprometido sem destruir a unidade da Igreja.

Se permitirmos a diversidade aqui, ela nos dividirá. E já nos dividiu de certa forma. Quando Israel exigiu um rei e rejeitou a monarquia de Deus e Seu plano para liderá-los, Israel foi dividido e, por fim, Israel foi destruído.

3. O Concílio de Jerusalém tomou uma decisão com base na Escritura e na revelação divina. Depois de profundo estudo em toda a Bíblia, podemos reafirmar a base escriturística para as decisões das sessões da CG em 1990 e 1995.

A Posição 1 com respeito e espírito de oração recomenda o seguinte à Igreja Adventista do Sétimo Dia, nessa declaração de modo de proceder:

- ▶ Reafirmar e encorajar, com reconhecimento público e licenciamento, as mulheres a quem Deus chamou para a obra do evangelho;
- ▶ Proporcionar às mulheres que trabalham na obra do evangelho maior acesso a oportunidades educacionais e garantir tratamento justo e equitativo após sua colocação no ministério;
- ▶ Voltar para a prática bíblica de escolher e ordenar apenas homens para o cargo de ancião local em toda a igreja mundial, oferecendo, ao mesmo tempo, oportunidades para que as mulheres sirvam como líderes não ordenadas de igreja sob determinadas circunstâncias;
- ▶ Manter a prática bíblica de ordenar/comissionar apenas homens qualificados para o cargo de pastor/ministro em toda a igreja mundial em harmonia com o exemplo consistente de Cristo, dos apóstolos e dos pioneiros adventistas; Promover maior desenvolvimento de várias linhas de ministério para mulheres, de acordo

com seus dons espirituais, incluindo, mas não limitado ao evangelismo pessoal e público, ensino, pregação, ministério para as famílias, aconselhamento, trabalho médico-missionário, liderança departamental, etc.

APÊNDICE 7

Por que a terceira opção não é uma opção

por Pastor Jim Howard

*Membro do Comitê de Estudo da Teologia da Ordenação da
Conferência Geral*

*Diretor de Ministérios Pessoais e Coordenador de
Evangelismo*

Associação de Michigan dos Adventistas do Sétimo Dia

3 de Abril de 2015

A terceira opção na discussão relacionada à ordenação de mulheres crê que a liderança masculina no lar e na Igreja apresenta o ideal bíblico, especialmente à luz de passagens cruciais como em 1 Timóteo, Tito e 1 Coríntios. No entanto, essa opção argumenta que preocupações práticas (provocadas pelas diversas situações locais) e um desejo por unidade precisam levar em conta a ordenação de mulheres. Avaliaremos as afirmações que servem como base para essa posição.

Terceira opção, afirmação #1: Ordens organizacionais ou não morais estão abertas a adaptação.

A terceira opção dá vários exemplos bíblicos na tentativa de apoiar a ideia de adaptar “ideais divinos” quando lida com assuntos “não morais”. O primeiro foi o pedido de Israel para receber um rei mesmo que não fosse o ideal de Deus. O argumento é que se Deus permitiu que Israel se afastasse de Seu ideal num assunto “não moral”, Ele nos permitirá fazer o mesmo ao ordenar mulheres ao ministério evangélico.

O exemplo de Israel pedindo um rei dificilmente é um pedido que nossa Igreja deva imitar, pois os resultados foram desastrosos—uma divisão permanente em Israel, a destruição do reino do

norte e a perda de dez tribos, difusão da apostasia etc. Além disso, embora Deus tenha permitido que o antigo Israel tivesse um rei contra Sua vontade, isso não dá licença para a Igreja da atualidade estabelecer práticas contrárias aos ensinamentos da Escritura. Devemos lembrar que Israel não recebeu um rei até que o *Próprio Deus* o concedeu em resposta à oração de Samuel, o profeta (1 Sm 8:7-9). Deus não abandonou o povo. Se, em Sua sabedoria, Deus permite uma variação de Sua vontade revelada para ensinar a loucura de tal rumo, essa é Sua prerrogativa; isso não dá permissão à igreja para se desviar da instrução bíblica.

No final, tal decisão infelizmente se assemelharia ao sistema da igreja medieval em que os concílios eclesiais tinham autoridade sobre a Escritura, até mesmo a autoridade de modificar a instrução divina (ver Dn 7:25). Enquanto cada um dos outros exemplos bíblicos de “adaptação”, fornecidos pela terceira opção, podem ser questionados, o problema geral é o mesmo em cada uma delas—a conclusão de que a Igreja pode adaptar ou desconsiderar a instrução bíblica sem clara direção de Deus através da Bíblia ou de orientação profética.

A terceira opção argumenta que a função de ancião/ministro é adaptável porque a especificação de gênero é apenas uma “norma eclesial, funcional”. No entanto, a terceira opção não oferece base real para essa afirmação. Dada a enfática linguagem de Paulo em 1 Timóteo 2 e 3 (“eu não permito” e um supervisor/ancião “deve ser”), como os defensores da terceira opção concluem que a exigência de gênero para um ancião ou ministro nada mais é que uma “norma” eclesial? E mesmo que essa afirmação pudesse ser comprovada, sobre que base a exigência de gênero estaria aberta a adaptação? A terceira opção não oferece respostas reais a essas perguntas a partir da Bíblia ou dos escritos de Ellen G. White, levando-nos a concluir que elas são meras *suposições*.

Esse é precisamente o ponto onde reside o perigo da terceira opção. Ela falha em avaliar cuidadosamente os muitos exemplos daqueles que *presumiram* que uma ordem “não moral” de Deus fosse flexível quando esse não é o caso. Adão e Eva, Caim, Nadabe e Abiú, e Uzá foram punidos por violar o que pareciam ser ordens

208 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

“não morais”. Talvez mais relevante seja a história de Corá e seus amigos, que foram punidos por tentar adaptar a “norma eclesiástica, funcional” do sacerdócio (Nm 16).

A orientação dada pela terceira opção para quando e como adaptar a instrução bíblica é deficiente e perigosa. Ao contrário das afirmações da terceira opção, as ordens bíblicas não se adequam tão organizadamente em categorias separadas de ordem moral ou ideal organizacional. E quanto ao dízimo? As ordenanças? Os ensinamentos sobre estilo de vida? Temos o direito de permitir o batismo por aspersão, o uso de pães fermentados na comunhão ou a ingestão de álcool com moderação? Supondo tomar sobre nós mesmos a responsabilidade de interpretar uma instrução bíblica flexível quando a inspiração não deu esse tipo de indicação, não está apenas não autorizado; é perigoso.

Embora reconheça o padrão consistente de sacerdotes, apóstolos e anciãos do sexo masculino na Bíblia, a terceira opção falha em considerar seriamente que em toda a história da salvação nenhuma circunstância se levantou que merecesse uma exceção a esse padrão. Nem um único exemplo de sacerdotisa, apóstola ou anciã pode ser encontrado na Bíblia. Por que presumiríamos que Deus abandonaria esse claro ensino bíblico agora, na Igreja remanescente, justo quanto Jesus está preparando um povo para Sua vinda?

Terceira opção, afirmação #2: A liderança espiritual precisa de ordenação.

A terceira opção afirma: “É significativo o fato de quase todos concordarem que as mulheres *podem* desempenhar uma função principal de liderança espiritual *sob determinadas circunstâncias* (e.g., como acontece atualmente na China)”. No entanto, há uma importante distinção a ser feita aqui, e que a terceira opção negligencia reconhecer. Quando um pai está ausente do lar e a esposa e mãe precisa assumir a posição principal de liderança espiritual, isso não a transforma no pai e sacerdote do lar. Do mesmo modo, embora seja verdade que determinadas circunstâncias possam exigir que as mulheres desempenhem uma “função principal de lid-

erança espiritual” na Igreja, isso não quer dizer que elas também devam ser ordenadas na função bíblica de ancião/ministro.

O exemplo da China não é comparável, já que essa área não é atualmente um território organizado da Igreja e não pode ser governada por uma política oficial da Igreja. No entanto, há outras áreas da Igreja mundial onde não há homens qualificados e as mulheres servem admiravelmente como “líderes” não ordenadas da Igreja, para administrar e liderar as congregações locais. Os ministros ordenados periodicamente visitam essas igrejas para conduzir as ordenanças e outras cerimônias oficiais. Esse arranjo adapta as necessidades locais sem sacrificar a fidelidade às qualificações bíblicas para o ancião/ministro. A terceira opção corretamente menciona que as circunstâncias podem exigir que uma mulher sirva como líder local, mas não apresenta as razões necessárias para que uma mulher seja ordenada como uma anciã/ministra.

Terceira opção, afirmação #3: A “qualificação de gênero para o ancião” não deve ser mantida num sentido mais absoluto que as demais qualificações.

É verdade que vivemos num mundo que não é o ideal. E isso nos leva a eleger anciãos que talvez não preencham cada um dos ideais das qualificações bíblicas. Uns são menos “moderados” que outros, alguns são mais ou menos “gentis” ou “hospitaleiros” etc. Essas qualificações são medidas em graus; e onde estão envolvidos graus não é seguro fazer alinhamentos aleatoriamente. Esse não é o caso com a exigência quanto a gênero. Os homens não são mais ou menos homens. O gênero não é medido em graus. É uma condição clara, inequívoca para servir como ancião/ministro, que não dá espaço para equívoco. Onde as proibições são medidas em graus, precisamos levar em conta a consciência individual e a obra do Espírito Santo. No entanto, onde a proibição tem significado claro, precisamos alinhar no mesmo lugar que a Escritura alinha. De outro modo seria desobedecer a uma clara ordem de Deus.

Precisamos lembrar também que as qualificações do ancião foram apresentadas num contexto amplo. Elas aparecem poucos

210 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

versos depois da proibição do apóstolo Paulo em 1 Timóteo, onde ele declara: “Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem”. O ancião é o único que deve estar “apto para ensinar” (1 Tm 3:2) com a autoridade dada pela nomeação ou eleição da Igreja e reconhecida publicamente pela ordenação. Logo, a especificação do ancião como homem no capítulo 3 (“marido de uma só mulher” e “que governe bem a própria casa”) não é apenas uma de muitas qualificações flexíveis. Em vez disso, a linguagem exclusiva de gênero do capítulo 3 é indispensável para se harmonizar com a proibição do apóstolo Paulo, no capítulo 2, de que as mulheres não devem ensinar a partir da posição de autoridade oficial da Igreja, ocupada pelo ancião/ministro. Não há evidência de flexibilidade na linguagem de Paulo (não “eu não sugiro”, mas “eu não permito”). E ele baseia essa ordem não na cultura ou nas circunstâncias locais, mas na ordem da Criação e subsequente queda de Adão e Eva (ver 1 Tm 2:13, 14).

Terceira opção, afirmação #4: Cada região da Igreja deve ser autorizada a tomar sua própria decisão com relação à ordenação de mulheres.

A decisão feita no Concílio de Jerusalém (At 15) foi utilizada várias vezes pela perspectiva do grupo pró-ordenação e pela perspectiva do grupo da terceira opção para justificar a permissão de que cada divisão ou região da igreja escolha por si mesma se ordenará ou não as mulheres. Referindo-se ao resultado final sobre questões da Igreja como ordenação de mulheres, a terceira opção sugere: “A decisão, embora tomada coletivamente, não exige uniformidade de ação por parte de todos, assim como o Concílio de Jerusalém permitiu que judeus e gentios tratassem da circuncisão e do ritual de modos diferentes”. Essa alegação é categoricamente falsa. A decisão do Concílio *exigiu uniformidade de ação da parte de todos*.

A chave para compreender esse fato é primeiro lembrar que a questão em Atos 15 nunca foi se judeus ou gentios *deveriam* ser circuncidados, mas se essa era uma *exigência necessária* à salvação ou não (At 15:1, 5). E apesar de alguns crerem decididamente que a circuncisão devesse ser exigida dos crentes gentios, o Concílio

de Jerusalém recusou honrar essas convicções. Além disso, essa decisão se aplicava a todo crente, em todos os lugares e em cada caso. Absolutamente nenhuma liberdade religiosa, como definida pela terceira opção, foi dada aos que exigiam a circuncisão ou ensinavam que ela era necessária para a salvação. Eles não tiveram permissão de realizar a circuncisão, e estavam atados pela decisão do Concílio de Jerusalém. Ao contrário da declaração da terceira opção, houve “uniformidade de ação por parte de todas” as igrejas. Se indivíduos judeus ou gentios em particular escolheram ser circuncidados ou não, é um problema completamente separado e que nunca esteve em questão.

Usar a liberdade de consciência para moldar as crenças e práticas da Igreja abrirá o caminho para a promoção de casamento entre pessoas do mesmo sexo, liberdade acadêmica para professores de evolução em nossas escolas e outras causas que podem se erguer no futuro. Para muitos, essas coisas são apenas uma questão de consciência como a ordenação de mulheres.

Terceira opção, afirmação #5: Essa recomendação preserva a unidade da Igreja

Embora a terceira opção expresse uma preocupação pela fidelidade à Bíblia, o propósito de sua força motriz é preservar a unidade na Igreja. Essa é uma falha fundamental. Quando a unidade é nossa principal preocupação, a fidelidade bíblica sempre sofre.

A terceira opção parece estar fazendo um esforço para preservar ou manter a unidade onde ela não existe. O propósito do estudo mundial sobre a ordenação foi estabelecer biblicamente o que tem sido para a igreja uma inegável fonte de *desunião*. Com esse objetivo em mente, a terceira opção nos deixa numa situação pior do que já estávamos quando começamos. Em vez de recomendar uma decisão baseada na autoridade da Escritura, ela tenta eliminar a desunião ao concluir que não estamos atados para seguir o que as Escrituras ensinam nessa questão particular.

Adotar a recomendação da terceira opção abriria um precedente perigoso. Em vez de preservar a unidade, institucionalizaria a

212 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

desunião e enfraqueceria a confiança das pessoas na Bíblia. Além disso, ameaçaria nossa identidade como uma Igreja verdadeiramente mundial porque nos moveria para um sistema de governo eclesiástico mais congregacional, onde cada divisão, união, associação e igreja local está livre para fazer o que achar mais reto (ver Jz 17:6; 21:25).

Embora afirme que a desunião resultará de seguirmos a vontade de Deus nesse assunto, a terceira opção falha em considerar as consequências desastrosas de sua recomendação. Como ela ensina que o padrão e a preferência de Deus é ter anciãos e ministros do sexo masculino, dedicados membros da Igreja com legitimidade podem perguntar: “Se cremos que a Bíblia ensina que os anciãos/ministros devem ser do sexo masculino, então por que ordenamos mulheres?” Pastores, evangelistas e outros líderes da Igreja enfrentariam a impossível tarefa de explicar que, com determinadas instruções bíblicas, se a maioria num determinado setor da Igreja pensa de modo diferente, não temos que seguir a Bíblia. Assim, em nossa expansão evangelística, apelos para seguir a Bíblia e não os preceitos de homens soariam vazios enquanto tentássemos explicar por que, em determinados casos, como Igreja, temos escolhido um caminho diferente da vontade de Deus.

Basicamente, a terceira opção sacrifica o poder persuasivo de nossa mensagem e a missão da Igreja por amor à proteção de uma unidade imaginária. O resultado final seria fortalecer ainda mais o que esperamos evitar. O resultado certo seria desunião, não unidade.

Conclusão

Temos uma grande simpatia com o desejo da terceira opção de manter a igreja junta, pois atualmente está dividida na questão da ordenação de mulheres. No entanto, seu nobre intento nunca se realizará por meio do plano que ela recomenda. Ao passo que essa opção objetiva preservar a unidade, ela institucionaliza a desunião. Essa opção alega não comprometer nossa hermenêutica, e introduz um método estranho de adaptar a instrução bíblica que seria desastroso para nossa missão e até mesmo para nossa credibili-

de como uma igreja baseada na Bíblia. Essa opção procura proteger a distinção de gênero, e na verdade a enfraquece ao chamar a linguagem específica de gênero para o ancião como “apenas uma entre várias qualificações”. Essa opção afirma evitar que a missão da Igreja fique estorvada, e na verdade ela mesma estorva a missão ao insinuar aos leigos não ordenados que a ordenação é necessária para *verdadeiramente* fazer avançar a obra. E num esforço de proteger a liberdade religiosa, acaba marginalizando aqueles cuja consciência está atada ao claro ensino da Escritura.

Ao ler um resumo da posição da terceira opção, pode-se facilmente ser influenciado pelas contínuas referências a alguns ensinamentos bíblicos como sendo *organizacionais* ou *eclesiásticos*. Essas palavras têm o efeito de reduzir o peso da instrução divina, dando-lhe uma mera qualidade humana e facilitando vê-la como flexível. Precisamos lembrar, no entanto, que a exigência quanto a gênero para a função de ancião/ministro é mais que uma diretriz organizacional ou norma eclesiástica; é uma exigência bíblica. Não estamos lidando com o *Manual da Igreja* ou com políticas de trabalho, mas com a Bíblia. Não temos a autoridade de simplesmente adaptar ou desconsiderar as instruções inspiradas.

É um pensamento desejável crer que se a terceira opção for votada, então tudo estará bem, nossa Igreja poderá seguir práticas diferentes em lugares diferentes e a missão seguirá adiante. Na verdade, esse primeiro passo fora da prática da Escritura é só o começo. Afastando-nos de nossa base bíblica, abriríamos a porta a muitas pressões culturais. Como a cultura começa a substituir a Escritura no processo de tomada de decisão de algumas divisões, a pressão para se adequar apenas crescerá. Precisamos reafirmar e desenvolver mais as funções das mulheres no ministério, mas precisamos sempre permanecer fiéis à Palavra de Deus.

APÊNDICE 8

Síntese das Apresentações do Comitê de Estudos da Teologia da Ordenação¹

TÓPICOS	POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2	POSIÇÃO 3
Síntese dos Artigos sobre as Posições	“Position Summary 1” (June 2014)	“Position Summary 2” (June 2014)	“Position Summary 3” (June 2014)
Artigos de Procedimentos	“Way Forward Statement #1” (June 2014)	“Way Forward Statement #2” (June 2014)	“Way Forward Statement #3” (June 2014)
Avaliação das Posições	<p>Avaliação da Posição 1 pela Posição 2</p> <p>Angel Manuel Rodriguez, “Evaluation of the Arguments Used by Those Opposing the Ordination of Women to the Ministry” (June 2014)</p>	<p>Avaliação da Posição 2 pela Posição 1</p> <p>Gerhard Pfandl with Daniel Bediako, Stephen Bohr, Laurel and Gerard Damsteegt, Jerry Moon, Paul Ratsara, Ed Reynolds, Ingo Sorke, and Clinton Wahlen, “Evaluation of Egalitarian Papers” (June 2014)</p>	<p>Avaliação da Posição 3 pela Posição 1</p> <p>“Women’s Ordination: Group 1 Review of Position Summary #3” (Not Presented)</p> <p><i>[Final dos Artigos da Posição Três]</i></p>
ARTIGOS GERAIS	POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2	TÓPICOS
<p>Paul S. Ratsara and Richard M. Davidson, “Dealing With Doctrinal Issues in the Church—Proposal for Ground Rules” (January 2013)</p> <p>William Fagal, “The Proper Role of Ellen G. White’s Writings in Resolving Church Controversies” (January 2013)</p>			Lidando com Controvérsias na Igreja

ARTIGOS GERAIS	POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2	TÓPICOS
<p>David Trim, “Ordination in Seventh-day Adventist History” (January 2013)</p> <p>Darius Jankiewicz, “The Problem of Ordination: Lessons from Early Christian History” (January 2013)</p> <p>P. Gerard Damsteegt, “Magisterial Reformers and Ordination” (January 2013)</p>			<p>História da Ordenação</p>
<p>David Trim, “The Ordination of Women in Seventh-day Adventist Policy and Practice” (July 2013)</p> <p>Alberto R. Timm, “Seventh-day Adventists on Women’s Ordination. A Brief Historical Overview” (Not Presented)</p>	<p>Nicholas Miller, “The Ordination of Women in the American Church” (July 2013)</p> <p>P. Gerard Damsteegt, “Women’s Status and Ordination as Elders or Bishops in the Early Church, Reformation and Post-Reformation Eras” (July 2013)</p>	<p>John W. Reeve, “Trajectories of Women’s Ordination in History” (July 2013)</p>	<p>História da ordenação de Mulheres</p>
	<p>P. Gerard Damsteegt, et al., “A Theology of Ordination: An Integration of Bible and Ellen G. White’s Writings” (Not Presented)</p>	<p>Angel Rodriguez, et al., “Towards a Theology of Ordination” (January 2013)</p>	<p>Teologia da Ordenação</p>
<p>P. Gerard Damsteegt, “Ellen G. White on Biblical Hermeneutics” (January 2013)</p>			<p>Ellen White conforme a Hermenêutica Bíblica</p>

216 • ORDENAÇÃO DE MULHERES: ISSO IMPORTA?

ARTIGOS GERAIS	POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2	TÓPICOS
	<p>Edwin Reynolds, "Biblical Hermeneutics and Headship in First Corinthians" (July 2013)</p> <p>P. Gerard Damsteegt, "Hermeneutics: Interpreting Scripture on the Ordination of Women" (January 2014)</p>	<p>Jiri Moskala, "Back to Creation: Toward a Consistent Adventist Creation-Fall-Rec-reation Hermeneutic" (July 2013)</p> <p>Teresa Reeve, "1 Corinthians 11:2-16 and the Ordination of Women to Pastoral Ministry" (January 2014)</p>	<p>Hermenêutica Bíblica</p>
	<p>Paul Ratsara and Daniel Bediako, "Man and Woman in Genesis 1-3: Ontological Equality and Role Differentiation" (July 2013)</p> <p>Laurel Damsteegt, "Women of the Old Testament: Women of Influence" (July 2013)</p>	<p>Richard M. Davidson, "Should Women Be Ordained as Pastors? Old Testament Considerations" (July 2013)</p>	<p>Antigo Testamento</p>
	<p>Stephen Bohr, "Issues Relating to the Ordination of Women with Special Emphasis on 1 Peter 2:9, 10 and Galatians 3:28" (July 2013)</p>	<p>Teresa Reeve, "Shall the Church Ordain Women as Pastors? Thoughts Toward an Integrated NT Perspective" (July 2013)</p>	<p>Novo Testamento</p>
	<p>Edwin Reynolds, "Biblical Hermeneutics and Headship in First Corinthians" (July 2013)</p>	<p>Teresa Reeve, "1 Corinthians 11:2-16 and the Ordination of Women to Pastoral Ministry" (January 2014)</p>	<p>1 Coríntios 11</p>

ARTIGOS GERAIS	POSIÇÃO 1	POSIÇÃO 2	TÓPICOS
	Ingo Sorke, "Adam, Where are You?" (July 2013)	Carl Cosaert, "Paul, Women, and the Ephesian Church: An Examination of 1 Timothy 2:8-15" (July 2013)	1 Timóteo 2
	Clinton Wahlen, "Is 'Husband of One Wife' in 1 Timothy 3:2 Gender Specific?" (January 2014)	Carl Cosaert, "Leadership and Gender in the Ephesian Church: An Examination of 1 Timothy" (January 2014)	1 Timóteo 3
	John W. Peters, "Restoration of the Image of God: Headship and Submission" (January 2014)		Liderança
	Jerry Moon, "Ellen White, Ordination, and Authority" (July 2013)	Darius Jankiewicz, "Authority of the Christian Leader" (July 2013)	Ordenação e Autoridade
	P. Gerard Damsteegt, "Headship, Gender, and Ordination in the Writings of Ellen G. White" (July 2013)	Denis Fortin, "Ellen White, Women in Ministry and the Ordination of Women" (July 2013)	Ellen White e a Ordenação de Mulheres
	Phil Mills, "Church Unity, Testimony, and the Jerusalem Council" (June 2014)	Tara J. VinCross, "Our Testimony" (June 2014) Dwight Nelson, "My Personal Testimony: Some Pastoral Reflections" (January 2014)	Testemunhos

¹Para acessar as apresentações da tabela, entre nesse link em seu navegador: <https://www.adventistarchives.org>. Tabela criada por P. Gerard Damsteegt e William A. Fagal. Usada com permissão. As colunas foram levemente adaptadas para utilização aqui.

